

Plano Estratégico para a Fileira da Carne de Bovinos dos Açores



Março de 2022

Índice

Índice	2
Índice de Figuras.....	3
Índice de Quadros.....	5
Introdução	8
1 Breve caracterização da Agricultura Açoriana	11
1.1 Dados Gerais.....	11
1.2 Ocupação cultural.....	12
1.3 Orientação técnico-económica	13
1.4 Principais produções.....	14
1.4.1 Leite	14
1.4.2 Carne.....	16
1.5 Culturas arvenses	17
2 Diagnóstico da Fileira da Carne de Bovinos dos Açores	19
2.1 Identificação e caracterização dos sistemas de produção de carne de bovinos.....	19
2.1.1 Tipologias dos sistemas de produção de bovinos dos Açores.....	19
2.1.2 Representatividade e características dos diferentes tipos de sistemas de produção de bovinos dos Açores.....	23
2.1.3 Caracterização dos sistemas de produção de carne de bovinos dos Açores	34
2.1.3.1 Sistema de carne com vacas aleitantes (D)	45
2.1.3.2 Sistema de carne sem vacas aleitantes (E)	47
2.1.3.3 Sistema misto com vacas leiteiras e aleitantes (B).....	50
2.1.3.4 Sistema misto com vacas leiteiras (A)	52
2.1.4 Análise económica dos sistemas de produção de carne de bovinos	55
2.1.4.1 Preços da carne no produtor.....	55
2.1.4.2 Produtividade da carne	56
2.1.4.3 Ajudas à Produção	59
2.1.4.4 Receita Bruta de Exploração (RBE).....	65
2.1.4.5 Custo de produção da carne.....	67
2.1.4.6 Rendimento Empresarial Líquido (REL)	73
2.2 Caracterização da transformação e comercialização de bovinos	78
2.2.1 Rede Regional de Abate	78

2.2.2	Evolução dos abates de bovinos no período 2011-2020.....	80
2.2.3	Características dos animais abatidos e aprovados para consumo em 2020.....	85
2.2.3.1	Tipologia e idade dos animais abatidos.....	85
2.2.3.2	Classes de conformação das carcaças dos animais abatidos	89
2.2.4	Evolução da expedição de animais vivos para fora da RAA no período 2011-2020.....	91
2.2.5	Comércio e consumo de carne bovina em Portugal.....	96
3	Análise SWOT.....	98
4	Plano Estratégico da Fileira da Carne de Bovinos dos Açores.....	101
4.1	Missão, Visão estratégica e Lógica de Intervenção do Plano	101
4.2	Objetivos Gerais do Plano	103
4.3	Eixos Estratégicos e Objetivos Específicos do Plano	105
4.4	Medidas e ações a desenvolver.....	110
5	Conclusões e Recomendações.....	124
ANEXO I – Contributos recebidos no âmbito da Consulta Pública.....		126
Federação Agrícola dos Açores.....		127
LactAçores – União das Cooperativas de Lacticínios dos Açores UCRL.....		134
Quinta dos Açores		135
Centro de Estratégia Regional para a Carne dos Açores		139
ANEXO II – Outros contributos recebidos		143
Aberdeen-Angus Portugal		144
Associação Agrícola de Santa Maria.....		145

Índice de Figuras

Figura 1– Distribuição do número de explorações e da SAU, por ilha	11
Figura 2– Distribuição da produção de leite (%), por ilha, no período 2017-2020	15
Figura 3 – Tipologia dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos	21
Figura 4 – Produtores (nº e %), por ilha e tipo de sistema de carne (A, B, D e E), em 2019	36
Figura 5 – Área forrageira (ha e %), por ilha e tipo de sistema de carne (A, B, D e E), em 2019	37
Figura 6 – Volume de carne entregue (t e %), por ilha e tipo de sistema de carne (A, B, D e E), em 2019	37
Figura 7 - Produtores do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e grau de extensificação (nº e %), em 2019.....	40
Figura 8 – Área forrageira do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e grau de extensificação (ha e %), em 2019.....	41

Figura 9 – Volume de carne entregue para o conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e grau de extensificação (t e %), em 2019.....	41
Figura 10 - Produtores do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e classe de dimensão do efetivo (nº e %), em 2019.....	42
Figura 11 – Área forrageira do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e classe de dimensão do efetivo (ha e %), em 2019.....	43
Figura 12 – Volume de carne entregue para o conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e classe de dimensão do efetivo (t e %), em 2019.....	43
Figura 13 – Distribuição do número de animais abatidos (nº e %), por tipo de animal e de sistema de carne (A, B, D e E), em 2019.....	44
Figura 14 - Comparação do custo médio de produção por kg de carne, por ilha e componente do custo, para o sistema de carne com vacas aleitantes (D) (€/kg), em 2019.....	70
Figura 15 - Comparação do custo médio de produção por kg de carne, por ilha e componente do custo, para o sistema de carne sem vacas aleitantes (E) (€/kg), em 2019.....	71
Figura 16 - Valores médios (totais e por ilha) para o custo de produção(€/kg), a receita da carne (€/kg) e as ajudas à produção (€/kg), do sistema de carne com vacas aleitantes (D), em 2019.....	76
Figura 17 - Valores médios (totais e por ilha) para o custo de produção(€/kg), a receita da carne (€/kg) e as ajudas à produção (€/kg), do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), em 2019.....	78
Figura 18 – Evolução dos abates de bovinos (animais abatidos e aprovados para consumo) na RAA (nº e t), no período 2011-2020.....	81
Figura 19 –Evolução do peso das carcaças dos bovinos abatidos e do peso das carcaças dos bovinos expedidos para fora da RAA (t) e taxa de expedição (%), no período 2011-2020.....	82
Figura 20 – Distribuição, por matadouro da Rede Regional de Abate, dos abates de bovinos na RAA (animais abatidos e aprovados para consumo) (nº de animais), no período 2011-2020.....	83
Figura 21 – Distribuição, por matadouro da Rede Regional de Abate, dos abates de bovinos na RAA (animais abatidos e aprovados para consumo) (toneladas), no período 2011-2020.....	83
Figura 22 – Evolução dos abates de bovinos na RAA (animais abatidos e aprovados para consumo), por matadouro da Rede Regional de Abate (nº de animais), no período 2009-2020.....	84
Figura 23 – Evolução dos abates de bovinos na RAA (animais abatidos e aprovados para consumo), por matadouro da Rede Regional de Abate (toneladas), no período 2011-2020.....	84
Figura 24 – Distribuição do número de animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (nº e %), em 2020.....	85
Figura 25 – Distribuição do peso das carcaças dos animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (t e %), em 2020.....	86
Figura 26 – Distribuição por ilha do número de animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (nº e %), em 2020.....	87
Figura 27 – Peso médio das carcaças dos animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (kg/carcaça), em 2020.....	88
Figura 28 – Peso médio das carcaças dos animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (kg/carcaça), por ilha, em 2020.....	88
Figura 29 – Classes de conformação dos animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (nº de animais), em 2020.....	90
Figura 30 – Classes de conformação dos animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (nº de animais), por ilha, em 2020 (nº e %).....	91

Figura 31 – Evolução dos bovinos vivos expedidos para fora da RAA (nº), no período 2011-2020.....	92
Figura 32 – Evolução das saídas de bovinos vivos para o exterior (nº) e da sua proporção face ao número de bovinos abatidos (%), no período 2011-2020	93
Figura 33 – Indicadores da evolução do número de animais expedidos para fora da RAA, no período 2015-2020.....	94
Figura 34 – Evolução do número de animais expedidos vivos para fora da RAA, por ilha (nº), no período 2011-2020.....	95
Figura 35 – Distribuição por ilha do número de animais expedidos vivos para fora da RAA (%), no período 2011-2020.....	95
Figura 36 - Importação de carne de bovino nacional (10 ³ €), em 2020	96
Figura 37 - Exportação de carne de bovino nacional (10 ³ €), em 2020.....	96
Figura 38 – Consumo humano de carne de bovinos per capita em Portugal (kg/hab), no período 2016-2020	97
Figura 39 – Análise SWOT: Pontos Fortes e Pontos Fracos.....	98
Figura 40 – Análise SWOT: Oportunidades e Ameaças	99
Figura 41 – Missão, Visão Estratégica, Eixos e Objetivos Estratégicos.....	109
Figura 42 – Eixo Estratégico I: Objetivos Estratégicos (OE), Objetivos Operacionais (OEO), Medidas e Ações	114
Figura 43 – Eixo Estratégico II: Objetivos Estratégicos (OE), Objetivos Operacionais (OEO), Medidas e Ações	118
Figura 44 – Eixo Estratégico II: Objetivos Estratégicos (OE), Objetivos Operacionais (OEO), Medidas e Ações	121
Figura 45 – Eixo Estratégico IV: Objetivos Estratégicos (OE), Objetivos Operacionais (OEO), Medidas e Ações	123

Índice de Quadros

Quadro 1 – Evolução da SAU (ha e %), por ilha, entre 2009 e 2019	12
Quadro 2 – Composição da SAU (%), por ilha, em 2019	13
Quadro 3 – Distribuição da SAU (%), por ilha e OTE, em 2019	14
Quadro 4 – Produção de leite em Portugal e na RAA (total e por ilha) (t), no período 2017-2020.....	15
Quadro 5 – Produção de leite e lacticínios (10 ³ l e t), por ilha, em 2020.....	16
Quadro 6 – Indicadores de evolução do sector da produção de carne, no período 2009-2019	17
Quadro 7 – Abates de bovinos (t), por ilha e categoria, em 2020	17
Quadro 8 – Culturas arvenses: área (ha), produção (t) e produtividade(t/ha) médias, por ilha, nos períodos 2009-2011 e 2017-2019	18
Quadro 9 - Representatividade dos diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019: produtores (nº), área forrageira(ha), efetivo bovino (CN) e volumes de leite e carne produzidos (t)	24
Quadro 10 - Distribuição por ilha dos produtores (nº), área forrageira (ha), efetivo bovino (CN) e volumes de leite e carne produzidos (t), para o conjunto dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019	26

Quadro 11 - Ocupação cultural da SAU (ha) para os diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019.....	27
Quadro 12 – Distribuição por ilha da ocupação cultural da SAU (%) para o conjunto dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019.....	27
Quadro 13 - Composição do efetivo total de bovinos de leite e carne (nº de animais), para os diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019.....	28
Quadro 14 - Distribuição por ilha do efetivo de bovinos de leite e carne (nº de animais), para o conjunto dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019.....	29
Quadro 15 - Representatividade (%) do efetivo de bovinos IGP nos diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019.....	29
Quadro 16 – Representatividade (%) do efetivo de bovinos IGP, por ilha, para o conjunto dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019.....	30
Quadro 17 – Principais indicadores caracterizadores dos diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019.....	31
Quadro 18 - Principais indicadores caracterizadores do conjunto dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), por ilha, em 2019.....	33
Quadro 19 - Distribuição por ilha dos principais indicadores para o conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), em 2019.....	35
Quadro 20 - Representatividade do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E) de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019.....	38
Quadro 21 - Principais indicadores de caracterização técnico-estrutural do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019.....	39
Quadro 22 - Representatividade do sistema de carne com vacas aleitantes (D), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019.....	46
Quadro 23 - Principais indicadores de caracterização técnico-estrutural do sistema de carne com vacas aleitantes (D), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019.....	47
Quadro 24 - Representatividade do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019.....	48
Quadro 25 - Principais características do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019.....	49
Quadro 26 - Representatividade do sistema misto com vacas leiteiras e aleitantes (B), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019.....	51
Quadro 27 - Principais características do sistema misto com vacas leiteiras e aleitantes (B), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019.....	52
Quadro 28 - Representatividade do sistema misto com vacas leiteiras (A), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019.....	53
Quadro 29 - Principais características do sistema misto com vacas leiteiras (A), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019.....	54
Quadro 30 - Preços médios da carne (€/kg), por categoria de idade dos bovinos e classe de conformação das carcaças, em 2019.....	56
Quadro 31 - Indicadores de representatividade e produtividade dos sistemas especializados de produção de carne (D e E), em 2019.....	57
Quadro 32 - Indicadores de produtividade do sistema de carne com vacas aleitantes (D), por ilha, em 2019.....	58

Quadro 33 - Indicadores de produtividade do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), por ilha, em 2019.	59
Quadro 34 - Ajudas à Produção (€/produtor) para os sistemas especializados de produção de carne (D e E): valores médios totais e por ajuda, para o conjunto dos sistemas e por sistema, em 2019.	60
Quadro 35 - Ajudas à Produção (€/produtor) para o sistema de carne com vacas aleitantes (D), por ilha: valores médios totais e por ajuda, em 2019	61
Quadro 36 - Ajudas à Produção (€/produtor) para o sistema de carne sem vacas aleitantes (E), por ilha: valores médios totais e por ajuda, em 2019	62
Quadro 37 - Receita Bruta de Exploração (€/produtor) dos sistemas especializados de carne (D e E), em 2019	65
Quadro 38 - Receita Bruta de Exploração (€/produtor) do sistema de carne com vacas aleitantes (D), por ilha, em 2019	66
Quadro 39 - - Receita Bruta de Exploração (€/produtor) do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), por ilha, em 2019	67
Quadro 40 - Custos médios de produção (€/kg, €/CN e €/produtor) dos sistemas especializados de carne (D e E), em 2019	68
Quadro 41 – Custos médios de produção (€/kg, €/CN e €/produtor) dos sistemas especializados de carne (D e E), por ilha, em 2019.	69
Quadro 42 - Rendimento Empresarial Líquido (€/produtor) dos sistemas especializados de carne (D e E), em 2019	73
Quadro 43 - Rendimento Empresarial Líquido (€/produtor) dos sistemas especializados de carne (D e E), por ilha, em 2019	74
Quadro 44 – Valores médios (totais e por ilha) para o custo de produção(€/kg), a receita da carne (€/kg), as ajudas à produção (€/kg) e o rendimento empresarial líquido (€/kg e €/CN), do sistema de carne com vacas aleitantes (D), em 2019	75
Quadro 45 – Valores médios (totais e por ilha) para o custo de produção(€/kg), a receita da carne (€/kg), as ajudas à produção (€/kg) e o rendimento empresarial líquido (€/kg e €/CN), do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), em 2019	77
Quadro 46 – Principais características dos matadouros da Rede Regional de Abate	79
Quadro 47 – Bovinos abatidos (nº) na Rede Regional de Abate, por matadouro, em 2020	79
Quadro 48 – Evolução dos abates de bovinos (animais abatidos e aprovados para consumo) na RAA (nº e t), no período 2011-2020	81
Quadro 49 - Classes de conformação SEUROP.	89
Quadro 50– Evolução das saídas de bovinos vivos para o exterior da RAA (nº) e da sua proporção face ao número de bovinos abatidos (%), no período 2011-2020.	92

Introdução

A fileira dos bovinos (carne e leite) vive um momento de enormes desafios a nível europeu, decorrente de uma imagem negativa junto da sociedade civil e de decisores políticos, muito focados em aspetos ambientais *per se*. Por um lado, é confrontada com o objetivo europeu de redução de emissões de GEE, sendo considerada o maior emissor no contexto do sector agroflorestal, por via do metano e, por outro lado, há uma perceção pública de que os produtos de carne e leite têm um impacto negativo na saúde, quando comparados com produtos substitutos, nomeadamente os de base vegetal. Adicionalmente há, por parte do consumidor, uma grande sensibilidade aos aspetos ligados ao bem-estar animal, originando uma visão negativa sobre os sistemas intensivos de produção animal.

Estes fatores têm resultado, a nível nacional e europeu, numa redução no consumo de carne e de leite, que muito provavelmente irá agravar-se, considerando as futuras gerações de consumidores e as suas preocupações.

Atualmente, vivemos uma crise caracterizada pelo aumento generalizado dos preços, concretamente das matérias-primas, da energia e da logística, relevando a fragilidade dos sistemas de produção animal intensivos, muito dependentes de importações para a alimentação e com um posicionamento de baixo preço junto do consumidor.

O consumidor do futuro, com base nas tendências identificadas, tenderá a privilegiar a origem dos produtos, com destaque para a proximidade, a forma como são produzidos em termos de sustentabilidade ambiental e de bem-estar animal e a sua qualidade intrínseca, que inclui, também, características funcionais que possam prevenir doenças ou ser potenciadoras de saúde.

A Região Autónoma dos Açores (RAA), dada a elevada importância que a fileira dos bovinos (leite e carne) assume no respetivo sector agroalimentar e, em geral, na economia açoriana, será, certamente, uma das regiões da União Europeia (UE) que sofrerá um impacto socioeconómico mais elevado, se não conseguir responder com sucesso aos novos desafios presentes e futuros.

Contudo, é também inegável que a RAA apresenta características diferenciadoras à escala nacional e europeia, que constituem uma oportunidade única de posicionamento no mercado e de resposta sustentável àqueles desafios:

- condições produtivas da região, com pastagem 365 dias do ano, consequência das condições edafoclimáticas;

- potencial para otimizar o sistema de produção extensivo e torná-lo menos dependente da importação de matérias-primas;
- valorização do bem-estar animal de acordo com as preferências do consumidor, com bovinos integrados num ecossistema natural de pastagem.

Assim, o setor agrícola e agroalimentar açoriano depara-se com a necessidade de acelerar a sua adaptação aos grandes desafios do futuro plasmados nos desígnios do Pacto Ecológico Europeu, da Estratégia do Prado ao Prato e da Estratégia em favor da Biodiversidade, assegurando a transição para fileiras agrícolas mais ecológicas, mais sustentáveis, mais diversificadas, adaptadas às condições edafoclimáticas, geográficas e socioeconómicas regionais e que contribuam para a progressiva autonomia alimentar.

Da qualidade e velocidade dessa adaptação, dependerá a resiliência da Agricultura dos Açores e o crescimento sustentável do potencial produtivo regional, bem como a sua capacidade de recuperar dos choques recentes e de resistir a eventuais choques futuros.

Com esse enquadramento, o **Plano de Recuperação e Resiliência para a Região Autónoma dos Açores prevê o “Investimento C05-i05-RAA -Relançamento Económico da Agricultura Açoriana”**, cuja execução se baseará nas **orientações dos Planos Estratégicos sectoriais** adotados para as principais fileiras do setor agrícola dos Açores, designadamente para a fileira da carne de bovinos.

Foi neste contexto que o Governo Regional dos Açores promoveu a elaboração de um **Plano Estratégico para a Fileira da Carne de Bovinos dos Açores**, organizado da seguinte forma:

- Em primeiro lugar, é apresentada uma breve caracterização da agricultura açoriana.
- Em segundo lugar, procede-se a um Diagnóstico da Fileira da Carne de Bovinos dos Açores, baseado:
 - na identificação e caracterização técnico-económica dos sistemas de produção de carne de bovinos mais representativos;
 - na caracterização dos bovinos entregues para abate;
 - na análise dos mercados de destino dos bovinos criados nos Açores e da carne resultante do abate e desmancha.
- Em terceiro lugar, procede-se à apresentação da Análise SWOT da Fileira da Carne.

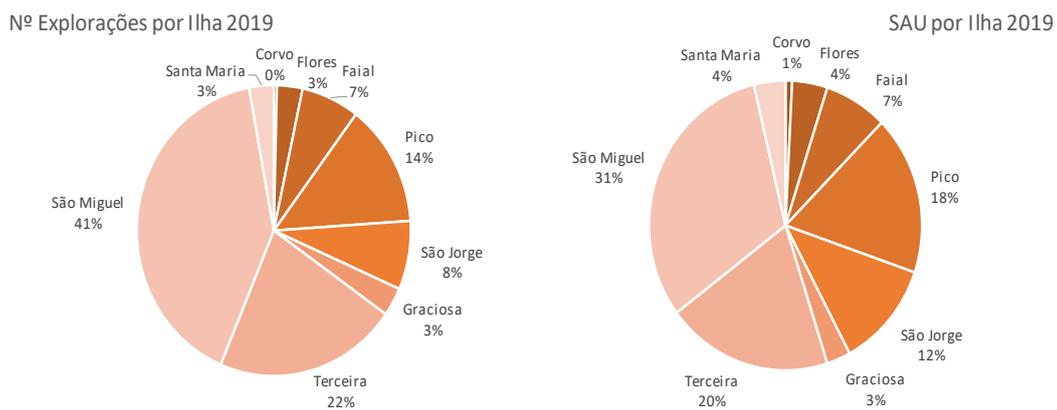
- Em quarto lugar, apresentam-se as principais componentes do Plano Estratégico da Fileira da Carne de Bovinos:
 - Missão, Visão, Estratégia e lógica de intervenção;
 - Objetivos gerais, eixos estratégicos e objetivos específicos;
 - Medidas e ações a implementar no curto, médio e longo prazos.
- Em quinto e último lugar, apresentam-se as principais conclusões e recomendações para a aplicação da estratégia proposta.

1 Breve caracterização da Agricultura Açoriana

1.1 Dados Gerais

Em 2019, a superfície agrícola útil (SAU) da RAA ocupava 120.631 ha, distribuídos por 10.656 explorações, com uma dimensão média de 11,3 ha. Estes valores traduzem uma evolução positiva em termos estruturais na última década, com uma SAU praticamente idêntica à de 2009 (120.412 ha), mas com uma redução no número de explorações (13.541 em 2009) e um aumento da área média por exploração (em 2009 era de 8,9 ha). As Ilhas de São Miguel, Terceira e Pico, no seu conjunto, representavam quase 70% da SAU e 76% das explorações (Figura 1).

Figura 1– Distribuição do número de explorações e da SAU, por ilha



Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE), Recenseamento da Agricultura 2019.

Apesar da SAU regional se ter mantido praticamente inalterada na última década, verificaram-se oscilações substanciais nalgumas ilhas, particularmente com um acréscimo de 18,6% no Pico e de 7,6% na Graciosa e um decréscimo de 40,4% ha na Ilha das Flores (Quadro 1).

Quadro 1 – Evolução da SAU (ha e %), por ilha, entre 2009 e 2019

Região/Ilha	SAU 2019 (ha)	% SAU 2019	% Var 2009-2019
RAA	120 632	100,0%	0,2%
Santa Maria	4 501	3,7%	6,5%
São Miguel	38 069	31,6%	-2,6%
Terceira	23 715	19,7%	1,5%
Graciosa	3 416	2,8%	7,6%
São Jorge	14 430	12,0%	3,7%
Pico	21 487	17,8%	18,6%
Faial	9 018	7,5%	-80,0%
Flores	5 045	4,2%	-40,4%
Corvo	950	0,8%	-2,7%

Fonte: INE, Recenseamentos da Agricultura 2009 e 2019

1.2 Ocupação cultural

O sector agrícola regional é marcado por uma forte dominância dos sistemas pecuários de produção de leite e carne. Numa análise por ocupação cultural, verifica-se que em termos regionais as pastagens permanentes ocupam 75% da SAU, sendo, contudo, este valor de 90% ou mais em 5 ilhas – Corvo (97%), São Jorge (95%), Faial (94%), Santa Maria e Flores (90%). Apenas na Terceira (50%) e São Miguel (65%) este valor é inferior à média regional. Particularmente nestas duas ilhas, mas também em muitas das outras, a restante SAU é praticamente apenas ocupada por culturas temporárias forrageiras (maioritariamente prados temporários e milho forrageiro). Desta forma, as restantes ocupações culturais (culturas temporárias não forrageiras, culturas permanentes e hortas familiares) têm um peso muito limitado na SAU regional (3,3%), com a relevante exceção da vinha na ilha do Pico (Quadro 2).

Quadro 2 – Composição da SAU (%), por ilha, em 2019

Região/Ilha	Pastagens permanentes	Culturas forrageiras	Outras culturas	Principais outras culturas (ha)
RAA	75%	22,1%	3,3%	-
Santa Maria	90%	8,2%	1,7%	Frutos frescos (23) e hortícolas (15)
São Miguel	65%	31,5%	3,6%	Hortícolas (380), frutos subtropicais (282) e batata (202)
Terceira	50%	47,2%	3,1%	Hortícolas (124), frutos subtropicais (119) e vinha (117)
Graciosa	79%	16,7%	4,2%	Vinha (53) e hortícolas (33)
São Jorge	95%	3,7%	1,1%	Vinha (41) e hortícolas (21)
Pico	89%	5,1%	6,3%	Vinha (1.079)
Faial	94%	4,0%	1,9%	Vinha (47), hortícolas (20) e outras (20)
Flores	90%	9,6%	0,5%	-
Corvo	97%	3,3%	0,0%	-

Fonte: INE, Recenseamento da Agricultura 2019.

Ainda quanto à ocupação cultural, é interessante notar que entre 2009 e 2019 se verificou uma redução da superfície de pastagens permanentes (-15.817 ha) e a sua substituição por prados temporários (+14.767 ha) e culturas forrageiras (+1.452 ha), fenómeno que foi particularmente evidente nas ilhas de São Miguel e Terceira. Nas restantes ilhas, merecem destaque o acréscimo de SAU no Pico (+3.375 ha) essencialmente em pastagens permanentes (+2.295 ha), e o decréscimo de SAU nas Flores (-3.419 ha), causado pela redução nas pastagens permanentes (3.835 ha).

1.3 Orientação técnico-económica

Analisando a distribuição da SAU por OTE fica confirmada a preponderância do leite e carne na RAA. O quadro seguinte ilustra esta situação, mostrando que as OTEs relativas à produção de leite e carne, bem como às culturas arvenses, representam a quase totalidade da SAU na maior parte das ilhas.

Quadro 3 – Distribuição da SAU (%), por ilha e OTE, em 2019

Região/Ilha	Bovinos de leite	Bovinos de carne	Bovinos de leite e carne	Total leite e carne	Outras culturas arvenses	Outros
RAA	50%	39%	3%	92%	2%	6%
Santa Maria	1%	88%	3%	92%	0%	8%
São Miguel	82%	8%	1%	91%	5%	5%
Terceira	69%	22%	2%	93%	2%	5%
Graciosa	34%	53%	1%	88%	1%	11%
São Jorge	49%	43%	6%	98%	0%	2%
Pico	10%	79%	3%	92%	0%	8%
Faial	22%	65%	5%	92%	0%	7%
Flores	4%	69%	14%	88%	0%	12%
Corvo	0%	69%	11%	80%	20%	0%

Fonte: INE, Recenseamento da Agricultura 2019.

As exceções são as ilhas da Graciosa e das Flores, onde as explorações mistas e de ovinos e caprinos, respetivamente, têm alguma relevância.

Refira-se ainda a maior preponderância das explorações leiteiras em São Miguel e Terceira e das explorações de carne em Santa Maria, Pico, Faial, Flores e Corvo, com maior equilíbrio entre as duas atividades na Graciosa e em São Jorge.

1.4 Principais produções

1.4.1 Leite

A principal produção agropecuária da RAA é o leite. Segundo dados do IAMA para o período 2017-2020, os Açores representam mais de um terço da produção de leite a nível nacional (cerca de 35%), tendo registado, neste período, um crescimento da produção superior à média nacional (Quadro 4).

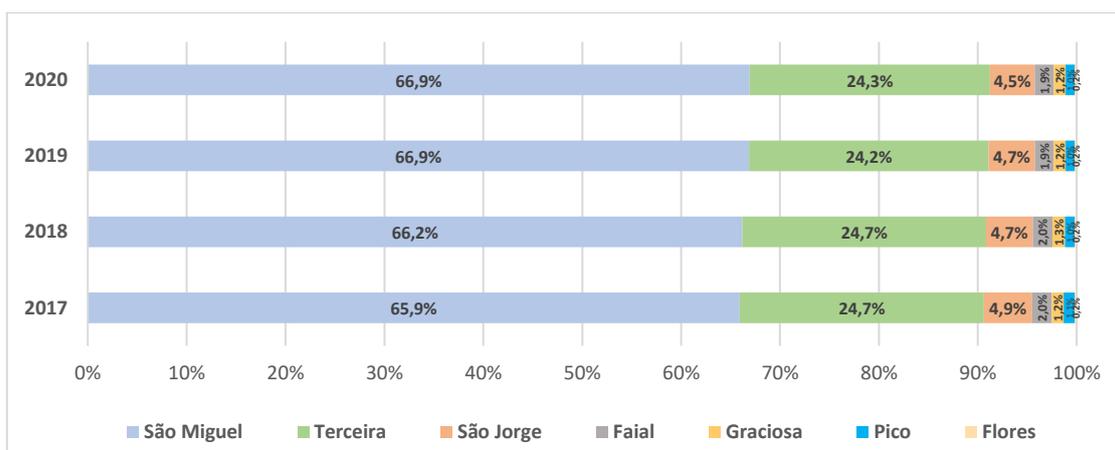
Quadro 4 – Produção de leite em Portugal e na RAA (total e por ilha) (t), no período 2017-2020

PT/RAA/ Ilha	2017	2018	2019	2020	Var.(%)	2020 (%)
Portugal	1 848 167	1 894 213	1 892 010	1 919 510	3,9	-
RAA	628 879	651 307	654 299	669 388	6,4	100,0
Santa Maria	0	0	0	0	-	0
São Miguel	414 619	430 943	437 440	448 088	8,1	66,9
Terceira	155 161	160 788	158 596	162 703	4,9	24,3
Graciosa	7 678	8 258	7 790	8 060	5,0	1,2
São Jorge	30 667	30 531	30 695	30 222	-1,5	4,5
Pico	7 123	6 652	6 226	6 389	-10,3	1,0
Faial	12 545	12 985	12 343	12 773	1,8	1,9
Flores	1 077	1 127	1 191	1 153	7,1	0,2
Corvo	10	24	19	0	-100,0	0,0
RAA/Portugal	34,0%	34,4%	34,6%	34,9%	-	-

Fonte: IAMA (RAA) e EUROSTAT (PT)

Destaca-se, naturalmente, a grande proporção da produção regional concentrada na ilha de São Miguel (66,9% em 2020), que, em conjunto com a Terceira (24,3% em 2020), representa mais de 90% da produção regional, apresentando ambas as ilhas tendência crescente nos últimos anos. São Jorge é a terceira ilha com maior produção (4,5% em 2020), embora com tendência ligeiramente decrescente. Refira-se ainda a ausência de produção em Santa Maria e o seu abandono no Corvo, bem como o decréscimo acentuado de produção no Pico (Quadro 4 e Figura 2).

Figura 2– Distribuição da produção de leite (%), por ilha, no período 2017-2020



Fonte: IAMA

Em 2020, o leite produzido na RAA teve como destino a produção de leite em natureza (pasteurizado e UHT) e outros lacticínios. Enquanto o leite em natureza predominou em São Miguel e Terceira, nas restantes ilhas os lacticínios transformados têm um peso relativo superior, destacando-se a produção e queijo em São Jorge, único lacticínio produzido naquela ilha. A produção de queijo é também preponderante nas ilhas Graciosa, Pico, Faial e Flores (Quadro 5).

Quadro 5 – Produção de leite e lacticínios (10³ l e t), por ilha, em 2020

Região/Ilha	Leite (1.000 litros)		Lacticínios (t)						
	Leite pasteurizado	Leite UHT	Leite em pó	Manteiga	logurte	Sobremesas lácteas	Natas	Soro em pó	Queijo
RAA	22	125 712	20 668	12 648	362	44	696	12 539	32 851
Santa Maria									
São Miguel	11	103 757	13 723	7 827	306	16	647	9 903	22 100
Terceira		21 955	6 945	4 598	53	29	40	2 636	5 241
Graciosa	7			57					758
São Jorge									2 830
Pico				23			9		561
Faial	3			141					1 254
Flores	1			2	2				107
Corvo									

Fonte: IAMA

1.4.2 Carne

O sector da produção de carne regista uma tendência de crescimento, tendo aumentado, na última década, o número de vacas aleitantes (+36%) e os abates em número de bovinos (+43%) e peso (+41%). Esta evolução traduziu-se também num aumento muito significativo das expedições para o exterior em carcaça (+72%), em substituição das expedições para o exterior de animais vivos (-45%) (Quadro 6).

Quadro 6 – Indicadores de evolução do sector da produção de carne, no período 2009-2019

Indicador	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Vacas aleitantes (n.º)	25 006	28 000	28 000	29 000	29 000	2 900	30 000	31 000	32 000	33 000	34 000
Abates bovinos (n.º)	50 379	50 028	53 559	55 313	60 479	55 146	58 874	71 202	67 454	72 908	72 164
Abates bovinos (t)	11 565	11 645	12 530	12 624	13 152	12 281	13 544	16 174	15 125	16 221	16 266
Saídas gado bovino vivo (n.º)	19 537	17 929	18 854	16 299	17 866	17 637	9 637	10 305	9 926	11 302	10 715
Saídas gado bovino carcaça (n.º)	25 000	24 375	30 098	32 667	37 453	32 394	34 419	40 369	37 266	42 695	42 912

Fonte: Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA)

Em 2020, os abates de bovinos atingiram 72.775 cabeças e 16.647 toneladas, com a seguinte repartição por ilha e categoria de produto (Quadro 7):

Quadro 7 – Abates de bovinos (t), por ilha e categoria, em 2020

Região/Ilha	Toneladas	%	Categoria	Toneladas	%
RAA	16 647	100	Total	16 647	100
São Miguel	7 720	46,4	Vitelos	371,0	2,2
Terceira	4 647	27,9	Vitelões	4 599	27,6
Pico	1 543	9,3	Novilhas	1 588	9,5
Faial	1 201	7,2	Novilhos	4 039	24,3
São Jorge	912,9	5,5	Touros/Bois	682,0	4,1
Santa Maria	177,5	1,1	Vacas	5 367	32,2
Flores	195,3	1,2			
Graciosa	245,7	1,5			
Corvo	5,53	0,0			

Fonte: IAMA

1.5 Culturas arvenses

O milho forrageiro é a principal cultura forrageira na RAA, representando cerca de 85% da área das principais culturas agrícolas. A sua área e produção concentram-se maioritariamente em São

Miguel, com grande relevância também na ilha Terceira. Das restantes Ilhas destacam-se o Pico, São Jorge, Faial e Graciosa. Refira-se a grande flutuação anual da produção, embora com uma tendência crescente – entre a média 2009-2011 e a média 2017-2019, a área cresceu 22% e a produção 8,5%.

Destaque-se, também, a grande diferença de produtividade entre ilhas (na média 2017-2019 variou entre 14,5 t/ha nas Flores e 35,1 t/ha no Pico) e a sua tendência decrescente ao longo deste período.

Quadro 8 – Culturas arvenses: área (ha), produção (t) e produtividade(t/ha) médias, por ilha, nos períodos 2009-2011 e 2017-2019

Região/Ilha	Área (ha)				Produção (t)				Produtividade (t/ha)	
	2009-2011	2017-2019	Var.(%)	% Ilha	2009-2011	2017-2019	Var.(%)	% Ilha	2009-2011	2017-2019
Santa Maria	70	80	14,5%	0,7%	1 997	1 217	-39,0%	0,4%	28,6	15,3
São Miguel	5 165	6 144	19,0%	54,5%	173 511	211 485	21,9%	67,7%	33,6	34,4
Terceira	2 674	3 267	22,2%	29,0%	71 365	55 446	-22,3%	17,8%	26,7	17,0
Graciosa	246	515	109,4%	4,6%	4 894	9 680	97,8%	3,1%	19,9	18,8
São Jorge	305	400	31,0%	3,5%	7 977	9 833	23,3%	3,1%	26,1	24,6
Pico	480	546	13,8%	4,8%	21 851	19 174	-12,2%	6,1%	45,5	35,1
Faial	305	304	-0,4%	2,7%	5 720	5 524	-3,4%	1,8%	18,8	18,2
Flores	19	19	2,9%	0,2%	411	275	-33,0%	0,1%	22,2	14,5
Corvo	3	4	29,8%	0,0%	55	73	32,4%	0,0%	17,7	17,7
RAA	9 266	11 279	21,7%	100%	287 780	312 366	8,5%	100%	31,1	27,7

Fonte: SREA

2 Diagnóstico da Fileira da Carne de Bovinos dos Açores

Como referimos na Introdução deste relatório, o Diagnóstico em causa integra as seguintes três componentes:

- identificação e caracterização técnico-económica dos sistemas de produção de carne de bovinos mais representativos;
- caracterização dos bovinos entregues para abate;
- análise dos mercados de destino dos bovinos criados nos Açores e das carnes resultantes do abate e desmancha.

2.1 Identificação e caracterização dos sistemas de produção de carne de bovinos

São os seguintes os aspetos que irão ser abordados neste ponto do relatório:

- Tipologia dos sistemas de produção de bovinos dos Açores;
- Representatividade e características dos diferentes tipos de sistemas de produção de bovinos dos Açores;
- Principais características técnicas e económicas dos sistemas de produção de carne mais representativos dos Açores.

2.1.1 *Tipologias dos sistemas de produção de bovinos dos Açores*

Para definição das tipologias dos sistemas de produção de bovinos dos Açores procedeu-se à organização de uma base de dados, que, a partir de agora, designaremos por “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”, que possibilitou uma muito completa e detalhada análise dos produtores agrícolas regionais (Caixa 1). Aquela base de dados foi construída com base na seguinte informação disponibilizada pela Direção Regional do Desenvolvimento Rural (DRDR) e pelo IAMA:

- DRDR: dados relativos à aplicação, em 2019, de cada uma das medidas do “Programa de Opções Específicas para o Afastamento e a Insularidade nas Regiões Ultraperiféricas” (POSEI), das “Medidas de Manutenção de Zonas Desfavorecidas” (MZD) e das “Medidas

Agroambientais” (MAA), incluindo informação disponível sobre as explorações agrícolas dos produtores que receberam aqueles apoios públicos;

- IAMA: leite entregue para transformação e carne entregue para abate, em 2019, incluindo informação disponível sobre o leite e carne entregues pelos respetivos produtores.

Caixa 1 – Vantagens e limitações da informação de base utilizada na classificação e caracterização dos sistemas de produção agrícola dos Açores

A base de dados organizada pela AGRO.GES (“Base de Dados dos Produtores Regionais” – AGRO.GES), que diz respeito ao conjunto dos produtores agrícolas dos Açores beneficiários dos tipos de apoios públicos disponíveis mais relevantes (POSEI, MZD, MAA), constitui um subconjunto do universo dos produtores considerado pelo INE no âmbito do Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019).

A principal vantagem deste subconjunto resulta do facto de se poder dispor de dados bastante detalhados em relação a cada uma das explorações agrícolas em causa, os quais podem ser facilmente sujeitos a todos os tipos de cruzamentos que se considerem relevantes para a análise realizada, possibilidade esta que não está ao nosso dispor no caso dos dados do RA-2019.

Uma segunda vantagem diz respeito ao facto de, na base de dados utilizada, estar disponível um conjunto muito importante de informações relativas às explorações regionais (apoios públicos, volumes de produção, características dos produtos obtidos, ...) que não estão disponíveis no RA 2019.

Uma limitação da base de dados tem a ver com o facto de dizer respeito a uma amostra das explorações agrícolas (explorações beneficiárias dos apoios públicos) e não ao respetivo universo regional, limitação esta que é, no entanto, muito pouco relevante, como se torna possível verificar nos dados que constam do Quadro seguinte, onde se comparam alguns dos principais dados da nossa amostra com os do RA 2009.

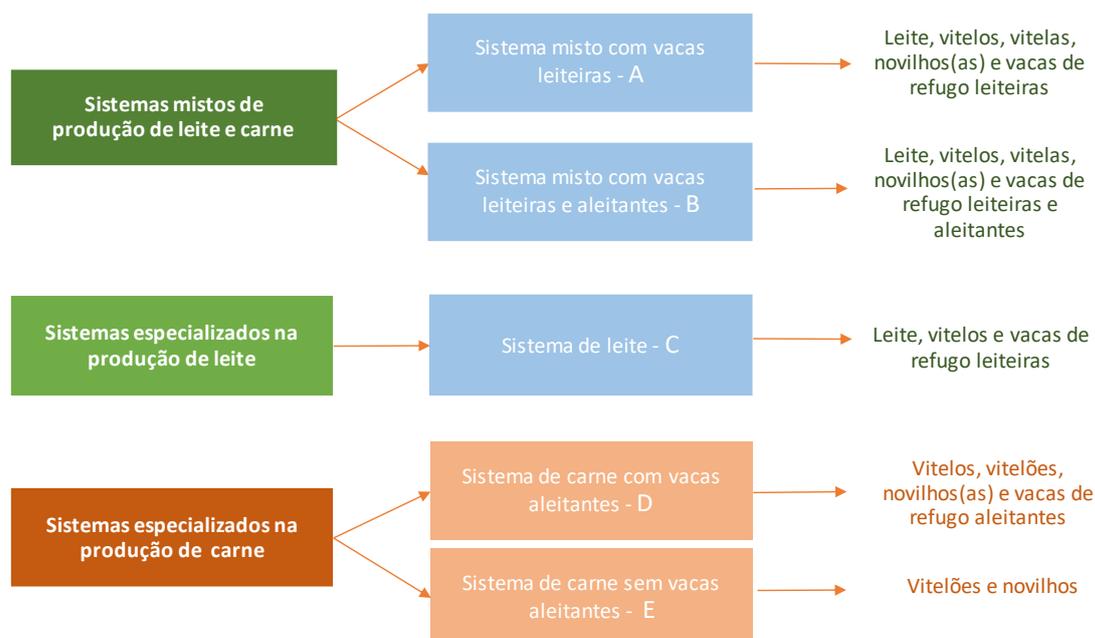
	N.º de Explorações	SAU (ha)	SFT (ha)	N.º de bovinos (CN)	
				Total	Vacas leiteiras
Base de dados utilizada ⁽¹⁾	8 400	109 961	105 508	213 378	90 266
RA 2019 dos Açores ⁽²⁾	10 656	120 632	130 443	282 820	95 385
⁽¹⁾ em relação a ⁽²⁾ em percentagem	78,8	91,2	80,9	75,4	94,6

Uma segunda limitação, que, sendo significativa, também não é muito relevante para os objetivos que se pretendem atingir com este estudo, está relacionada com a disponibilidade no RA 2019 dos Açores de um conjunto de dados que não estão disponíveis na base de dados utilizada, como sejam os que dizem respeito às características dos produtores, à mão-de-obra agrícola e às máquinas e equipamentos agrícolas.

Assim, com base na informação da “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”, procedeu-se à classificação das explorações pecuárias dos Açores em cinco diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne dos Açores: dois sistemas mistos de produção de leite e

carne (A e B), um sistema especializado na produção de leite (C) e dois sistemas especializados na produção de carne (D e E) (Figura 3 e Caixa 2).

Figura 3 – Tipologia dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos



Fonte: AGRO.GES

As principais características de cada um dos sistemas são as seguintes:

- **Sistema misto com vacas leiteiras (A):** baseia-se na criação em pastoreio de animais de aptidão leiteira, mas cujos vitelos acompanham as mães nas pastagens e são destinados, para além da venda ao desmame e da reposição do efetivo, para a engorda na própria exploração com base nas pastagens e forragens e com um acabamento nos últimos dois a três meses. Assim sendo, este tipo de sistema tem como produtos finais, para além do leite, vitelas e vacas de refugio, os vitelões e os(as) novilhos(as) de diferentes idades. Neste caso é já usual a inseminação de uma parte do efetivo leiteiro com sémen de animais de raças seletas de carne, nomeadamente, de touros da raça Aberdeen-Angus.
- **Sistema misto de vacas leiteiras e aleitantes (B):** baseia-se na criação em pastoreio de vacas de aptidão leiteira, maioritariamente da raça Holstein Frísia, e de vacas aleitantes de raças com aptidão de carne de raças autóctones ou exóticas, cujos vitelos, puros ou

cruzados, acompanham as mães nas pastagens e são destinados ou à reposição dos efetivos, ou à sua venda ao desmame para dentro ou fora dos Açores, ou à sua engorda na exploração com base no pastoreio e forragens e com um acabamento nos últimos dois a três meses. Para este tipo de sistema, os produtos finais são o leite, os vitelos, os vitelões, os novilhos e as vacas de refugo. Também neste tipo de sistema é já comum a inseminação de parte do efetivo leiteiro com sémen de animais de raças seletas de carne.

- **Sistema de leite (C):** caracteriza-se pela criação em pastoreio de animais de aptidão leiteira, maioritariamente da raça Holstein Frísia, cujos vitelos são colocados num viteleiro e alimentados com leite reconstituído e destinados ou à reposição do efetivo, ou são vendidos ao desmame para engorda dentro ou fora dos Açores. Para este tipo de sistema, os produtos finais são o leite, os vitelos e as vacas de refugo. É já prática comum, tal como nos anteriores, a inseminação de parte do efetivo leiteiro que não se destina à obtenção de animais para reposição com sémen de raças seletas de carne, nomeadamente, de touros da raça Aberdeen-Angus.
- **Sistema de carne com vacas aleitantes (D):** caracteriza-se pela criação em pastoreio de vacas aleitantes com aptidão de carne, autóctones ou exóticas, inseminadas com sémen de touros de raças maioritariamente exóticas (Aberdeen-Angus, Limousin ou Charolês), cujos vitelos acompanham as mães nas pastagens e são destinados ou à reposição do efetivo, ou à sua venda ao desmame para engorda noutras explorações (dentro ou fora dos Açores), ou à sua engorda na própria exploração com base em pastagens e forragens e com um acabamento de dois ou três meses. Assim sendo, este tipo de sistema tem como produtos finais vitelos, vitelões, novilhos(as) e vacas de refugo.
- **Sistema de carne sem vacas aleitantes (E):** caracteriza-se pela compra de vitelos cruzados ou puros de raças com aptidão de carne (E), destinados à engorda em pastoreio ou confinados e cujo produto final são os vitelões e os novilhos.

Para melhor podermos caracterizar os sistemas de produção de leite e carne procedeu-se, ainda, à sua classificação de acordo com (Caixa 2):

- **o seu grau de extensificação produtiva** [número de Cabeças Normais (CN) por ha de Superfície Forrageira Total (SFT)], em sistemas extensivos (<1,4 CN por ha de SFT), semi-extensivos (entre 1,4 e 2,5 CN por ha de SFT), intensivos (>2,5 CN por ha de SFT) e sem SFT;

- **a dimensão do efetivo animal** (número de CN), em sistemas de pequena (<9,1 CN), média (entre 9,1 e 20 CN), grande (entre 20 e 50 CN) e muito grande (>50CN) dimensão.

Caixa 2 – Classificações das explorações da “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Cada exploração da “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”, foi classificada em função:

- **Do sistema de produção em que se insere:**
 - **Sistema Misto de Produção de Leite e Carne com Vacas Leiteiras (A):** Explorações que produzem leite e, em simultâneo, produzem carne, com a recria e engorda dos animais que nascem na exploração, através do seu efetivo leiteiro. (Este é o sistema mais representativo da Região dos Açores).
 - **Sistema Misto de Produção de Leite e Carne com Vacas Leiteiras e Vacas Aleitantes (B):** Explorações que produzem leite e, em simultâneo, produzem carne, com recria e engorda dos animais que nascem na exploração, através do seu efetivo leiteiro e/ou de vacas aleitantes.
 - **Sistema Especializado em Produção de Leite (C):** Explorações que produzem leite, que apenas têm na sua exploração os vitelos até aos 15 dias de idade e as novilhas correspondentes à reposição e que não procedem à engorda de qualquer animal.
 - **Sistema Especializado na Produção de Carne com Vacas Aleitantes (D):** Explorações que apenas produzem carne e que possuem vacas aleitantes.
 - **Sistema Especializado na Produção de Carne sem Vacas Aleitantes (E):** Explorações que apenas produzem carne e que não possuem vacas aleitantes.
- **Do seu grau de extensificação produtiva** (nº de CN por ha de SFT):
 - **Extensivas:** <1,4 CN por ha de SFT.
 - **Semi-extensivas:** entre 1,4 e 2,5 CN por ha de SFT.
 - **Intensivas:** >2,5 CN por ha de SFT.
 - **Sem SFT.**
- **Da dimensão do seu efetivo animal bovino:**
 - **Pequenas:** <9,1 CN
 - **Médias:** entre 9,1 e 20 CN
 - **Grandes:** entre 20 e 50 CN
 - **Muito Grandes:** >50CN

2.1.2 Representatividade e características dos diferentes tipos de sistemas de produção de bovinos dos Açores

De acordo com a “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”, em 2019 era de 5.922 o número de produtores de leite e carne de bovinos da RAA, cujas explorações ocupavam uma área forrageira total (pastagens e forragens) de cerca de 101,9 mil hectares e possuíam um número total de CN de cerca de 178,8 mil bovinos. Destes, cerca de 90,3 mil eram vacas leiteiras e 39,2 mil vacas aleitantes, atingindo 88,5 mil o número de CN correspondente ao conjunto de bovinos produtores de carne (vitelos, vitelões, novilhas, novilhos e vacas de refugo). É, ainda, de realçar que, no ano em causa e para o universo de produtores da base de dados, a produção de leite de bovinos (Volume de leite correspondente a entregas a compradores de leite estabelecidos na RAA (inclui valor residual de vendas diretas)) atingiu um total de cerca de 649,5 milhares de toneladas e

a produção de carne (volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo) 16,1 mil toneladas.

O Quadro 9 sistematiza a principal informação sobre a representatividade dos diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores, considerando o número de produtores, a área forrageira, o efetivo bovino e os volumes de leite e carne produzidos.

Quadro 9 - Representatividade dos diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019: produtores (nº), área forrageira(ha), efetivo bovino (CN) e volumes de leite e carne produzidos (t)

Sistemas de Produção	Produtores		Área Forrageira		Efetivo Total		Vacas Leiteiras		Vacas Aleitantes		Efetivo de Carne ¹⁾		Volume de Leite entregue ²⁾		Volume de Carne entregue ³⁾	
	Nº	%	ha	%	CN	%	CN	%	CN	%	CN	%	t	%	t	%
Sistemas mistos (A e B)	2 646	44,7	60 144	59,0	115 231	64,5	89 219	98,8	4 221	10,8	26 012	29,4	640 935	98,7	7 636	47,5
c/ vacas leiteiras (A)	2 443	41,3	53 058	52,1	106 706	59,7	86 567	95,9	0	0,0	20 139	22,8	627 565	96,6	7 145	44,5
c/ vacas leiteiras e vacas aleitantes (B)	203	3,4	7 086	7,0	8 525	4,8	2 652	2,9	4 221	10,8	5 873	6,6	13 370	2,1	491	3,1
Sistema de Leite (C)	178	3,0	1 181	1,2	1 055	0,6	1 047	1,2	0	0	8	0,0	8 527	1,3	3	0,0
Sistemas de carne (D e E)	3 098	52,3	40 601	39,8	62 473	34,9	0	0	35 021	89,2	62 473	70,6	0	0	8 433	52,5
c/ vacas aleitantes (D)	1 553	26,2	34 538	33,9	44 888	25,1	0	0	35 021	89,2	44 888	50,7	0	0	2 529	15,7
s/ vacas aleitantes (E)	1 545	26,1	6 063	5,9	17 586	9,8	0	0	0	0,0	17 586	19,9	0	0	5 904	36,7
Total	5 922	100	101 926	100	178 760	100	90 266	100	39 242	100	88 494	100	649 462	100	16 071	100

¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾Volume de leite correspondente a entregas a compradores de leite estabelecidos na RAA (inclui valor residual de vendas diretas)

³⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

No que se refere ao **número de produtores**, constata-se que os sistemas especializados na produção de carne (D e E) são predominantes (52,3%), seguindo-se-lhes os sistemas mistos de produção de leite e carne (A e B) (44,7%). O número de produtores especializados na produção de leite representa apenas 3,0% do total.

Considerando uma maior desagregação dos sistemas de produção em causa, conclui-se que é o sistema misto baseado, apenas, na criação de vacas leiteiras (A) aquele que integra o maior número de produtores regionais de bovinos (41,3%), seguindo-se-lhe os dois tipos de sistemas especializados na produção de carne, ou seja, o sistema que baseia a sua atividade na criação de

vacas aleitantes (D) (26,2%) e o sistema que baseia a sua atividade na engorda de vitelos adquiridos a outros produtores (E) (26,1%).

Cerca de 59% da **área forrageira** total está afeta aos sistemas mistos de produção de leite e carne de bovinos (A e B) e, em particular, àquele baseados, apenas, no efetivo de vacas leiteiras (A) (52,1%). Os sistemas especializados na produção de carne (D e E) representam 39,8% das áreas de pastagens e forragens, que se concentram no sistema baseado na criação de vacas aleitantes com aptidão para carne (D). É de realçar que a área forrageira ocupada pelo sistema especializado na produção de leite (C) representa, apenas, 1,2% da área forrageira total.

Quase dois terços (64,5%) do **número total de CN de bovinos** da RAA correspondem aos sistemas mistos de produção de carne e leite (A e B). Por sua vez, o sistema especializado na produção de carne baseado em vacas aleitantes (D) representa cerca de um quarto do efetivo total de bovinos (25,1%).

No que respeita ao **efetivo regional de vacas leiteiras**, a sua quase totalidade (95,9%) pertence ao sistema misto de produção de carne e leite baseado na criação de vacas leiteiras (A), enquanto 89,2% do **efetivo de vacas aleitantes** pertence ao sistema especializado na produção de carne baseado em vacas aleitantes (D).

Relativamente ao **efetivo de carne**, mais de metade (50,7%) está integrado no sistema misto de produção de carne com vacas aleitantes (D), apresentando o sistema misto com vacas leiteiras (A) e o sistema de carne sem vacas aleitantes (E), um peso semelhante no efetivo de carne (22,8% e 19,9%, respetivamente).

Finalmente, importa sublinhar que é o sistema misto de produção de leite e carne, baseado apenas em vacas leiteiras (A), o principal responsável pelo **volume de leite** produzido anualmente na RAA (96,6%), sendo, também, o mais representativo no **volume de carne** produzida (44,5%), logo seguido pelo sistema de carne sem vacas aleitantes (E) (36,7%).

Quando analisada a distribuição entre Ilhas do número de produtores, da área forrageira, do efetivo bovino e dos volumes de leite e carne produzidos (Quadro 10), conclui-se pela maior importância da produção de leite nas Ilhas de São Miguel e Terceira, enquanto nas Ilhas do Pico, Faial, São Jorge e Santa Maria é a produção de carne de bovinos que assume maior importância.

Quadro 10 - Distribuição por ilha dos produtores (nº), área forrageira (ha), efetivo bovino (CN) e volumes de leite e carne produzidos (t), para o conjunto dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019

Ilhas	Produtores		Área Forrageira		Efetivo Total		Vacas Leiteiras		Vacas Aleitantes		Efetivo de Carne ¹⁾		Volume de Leite entregue ²⁾		Volume de Carne entregue ³⁾	
	Nº	%	ha	%	CN	%	CN	%	CN	%	CN	%	t	%	t	%
São Miguel	2 065	34,9	31 568	31,0	79 701	44,6	56 415	62,5	455	1	23 286	26,3	429 266	66,1	7 661	47,7
Terceira	1 566	26,4	19 829	19,5	38 216	21,4	22 905	25,4	2 992	7,6	15 311	17,3	160 532	24,7	4 418	27,5
Pico	580	9,8	17 930	17,6	21 743	12,2	1 299	1,4	14 749	37,6	20 444	23,1	6 686	1,0	1 453	9,0
Faial	511	8,6	7 915	7,8	10 422	5,8	2 299	2,5	5 357	13,7	8 123	9,2	12 958	2,0	1 126	7,0
São Jorge	514	8,7	12 614	12,4	13 546	7,6	5 463	6,1	5 666	14,4	8 083	9,1	30 615	4,7	795	4,9
Santa Maria	215	3,6	3 972	3,9	5 108	2,9	39	0,0	3 947	10,1	5 069	5,7	0	0,0	218	1,4
Flores	223	3,8	4 352	4,3	4 494	2,5	262	0	3 370	8,6	4 232	4,8	1 212	0	143	0,9
Graciosa	212	3,6	2 972	2,9	4 844	2,7	1 577	2	2 155	5,5	3 267	3,7	8 192	1	246	1,5
Corvo	36	0,6	773	0,8	687	0,4	7	0	551	1,4	680	0,8	0	0	12	0,1
Total	5 922	100	101 926	100	178 760	100	90 266	100	39 242	100	88 494	100	649 462	100	16 071	100

¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾Volume de leite correspondente a entregas a compradores de leite estabelecidos na RAA (inclui valor residual de vendas diretas)

³⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

As áreas ocupadas por culturas forrageiras temporárias e por prados e pastagens permanentes representam mais de 95% da SAU da totalidade dos cinco diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne dos Açores (Quadro 11), predominância esta que se verificou na totalidade das ilhas (Quadro 12).

Quadro 11 - Ocupação cultural da SAU (ha) para os diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019

Sistemas de Produção	Culturas			
	Culturas Temporárias	Culturas Permanentes	Pastagens e Forragens	SAU
Sistemas mistos (A e B)	465	122	60 144	60 731
c/ vacas leiteiras (A)	322	89	53 058	53 469
c/ vacas leiteiras e vacas aleitantes (B)	143	34	7 086	7 263
Sistema de Leite (C)	16	7	1 181	1 205
Sistemas de carne (D e E)	1 001	524	40 601	42 125
c/ vacas aleitantes (D)	765	437	34 538	35 739
s/ vacas aleitantes (E)	236	88	6 063	6 386
Total	1 482	653	101 926	104 061

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Quadro 12 – Distribuição por ilha da ocupação cultural da SAU (%) para o conjunto dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019

Ilha	Culturas (%)				
	Culturas Temporárias	Culturas Permanentes	Pastagens e Forragens	SAU	
São Miguel	12,4	6,0	31,0	30,6	
Terceira	13,9	12,6	19,5	19,3	
Pico	48,8	66,5	17,6	18,3	
Faial	4,3	1,5	7,8	7,7	
São Jorge	11,9	4,2	12,4	12,3	
Santa Maria	2,9	1,2	3,9	3,9	
Flores	3,6	0,0	4,3	4,2	
Graciosa	2,3	8,0	2,9	2,9	
Corvo	0,1	0,0	0,8	0,7	
Açores	(ha)	1 482	653	101 926	104 061
	(%)	100	100	100	100

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

No que respeita à **composição dos efetivos de bovinos de leite e carne**, os dados disponíveis permitem-nos concluir que a maioria das diferentes categorias de animais pertence ao sistema misto de produção de leite e carne baseado, apenas, em vacas leiteiras (A) (58,3%) e ao sistema especializado na produção de carne com vacas aleitantes (E) (22,6%) (Quadro 13).

Quadro 13 - Composição do efetivo total de bovinos de leite e carne (nº de animais), para os diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019

Sistemas de Produção	Vacas de Leite	Vacas Aleitantes	Vitelos	Vitelões	Novilhas	Novilhos	Total		
							Nº	%	
Sistemas mistos (A e B)	89 219	4 221	2 292	5 890	23 520	4 592	129 734	62,8	
c/ vacas leiteiras (A)	86 567	0	2 229	5 439	22 319	3 988	120 542	58,3	
c/ vacas leiteiras e vacas aleitantes (B)	2 652	4 221	63	451	1 201	604	9 192	4,4	
Sistema de Leite (C)	1 047	0	0	0	0	0	1 047	0,5	
Sistemas de carne (D e E)	0	35 021	892	18 489	10 056	11 363	75 821	36,7	
c/ vacas aleitantes (D)	0	35 021	218	2 772	5 344	3 346	46 701	22,6	
s/ vacas aleitantes (E)	0	0	674	15 717	4 712	8 017	29 120	14,1	
Total	(nº)	90 266	39 242	3 184	24 379	33 576	15 955	206 602	100
	(%)	43,7	19,0	1,5	11,8	16,3	7,7	100	-

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Do Quadro 14 consta a composição do efetivo animal nas diferentes Ilhas, podendo concluir-se que o número de vacas leiteiras é dominante em São Miguel e na Terceira e o número de vacas aleitantes é dominante nas Ilhas do Pico, Faial, Santa Maria, Flores e Graciosa, sendo o número destes dois tipos de vacas praticamente idêntico em São Jorge.

Quadro 14 - Distribuição por ilha do efetivo de bovinos de leite e carne (nº de animais), para o conjunto dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019

Ilha	Vacas de Leite	Vacas Aleitantes	Vitelos	Viteloões	Novilhas	Novilhos	Total		
							Nº	%	
São Miguel	56 415	455	2 567	14 763	16 571	5 006	95 777	46,4	
Terceira	22 905	2 992	325	5 992	8 137	5 885	46 236	22,4	
Pico	1 299	14 749	107	1 819	3 331	1 607	22 912	11,1	
Faial	2 299	5 357	40	530	1 944	2 028	12 198	5,9	
São Jorge	5 463	5 666	80	815	2 158	600	14 782	7,2	
Santa Maria	39	3 947	20	166	465	221	4 858	2,4	
Flores	262	3 370	19	251	336	152	4 390	2,1	
Graciosa	1 577	2 155	18	37	603	418	4 808	2,3	
Corvo	7	551	8	6	31	38	641	0,3	
Açores	(nº)	90 266	39 242	3 184	24 379	33 576	15 955	206 602	100
	(%)	43,7	19,0	1,5	11,8	16,3	7,7	100	-

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

É de realçar que os **bovinos de carne IGP** representam uma pequena parte do efetivo total regional, assumindo apenas alguma expressão no caso do sistema especializado na produção de carne com vacas aleitantes (D), em relação aos viteloões, novilhas e novilhos (Quadro 15).

Quadro 15 - Representatividade (%) do efetivo de bovinos IGP nos diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019

Sistemas de Produção	Vitelos		Viteloões		Novilhas		Novilhos		Total	
	IGP (%)	Total (Nº)	IGP (%)	Total (Nº)	IGP (%)	Total (Nº)	IGP (%)	Total (Nº)	IGP (%)	Total (Nº)
Sistemas mistos (A e B)	0,0	2 292	0,0	5 890	0,2	23 520	2,4	4 592	0,5	36 294
c/ vacas leiteiras (A)	0,0	2 229	0,0	5 439	0,1	22 319	0,8	3 988	0,2	33 975
c/ vacas leiteiras e vacas aleitantes (B)	0,0	63	0,0	451	2,1	1 201	12,4	604	4,3	2 319
Sistema de Leite (C)	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0
Sistemas de carne (D e E)	0,7	892	0,0	18 489	6,1	10 056	10,9	11 363	4,5	40 800
c/ vacas aleitantes (D)	2,3	218	0,0	2 772	10,8	5 344	36,0	3 346	15,3	11 680
s/ vacas aleitantes (E)	0,1	674	0,0	15 717	0,7	4 712	0,4	8 017	0,2	29 120
Total	0,2	3 184	0,0	24 379	2,0	33 576	8,4	15 955	2,6	77 094

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Do Quadro 16 consta a distribuição por Ilhas do efetivo de bovinos IGP, o qual só assume um valor significativo nas Ilhas do Pico e do Faial, onde o seu número atinge cerca de 17% do número total de bovinos IGP e não IGP.

Quadro 16 – Representatividade (%) do efetivo de bovinos IGP, por ilha, para o conjunto dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019

Ilha	Vitelos		Vitelões		Novilhas		Novilhos		Total	
	IGP (%)	Total (Nº)	IGP (%)	Total (Nº)	IGP (%)	Total (Nº)	IGP (%)	Total (Nº)	IGP (%)	Total (Nº)
São Miguel	0,0	2 567	0,0	14 763	0,0	16 571	0,0	5 006	0,0	38 907
Terceira	0,0	325	0,3	5 992	1,4	8 137	4,0	5 885	1,8	20 339
Pico	5,6	107	16,1	1 819	10,5	3 331	32,8	1 607	17,1	6 864
Faial	0,0	40	9,4	530	9,7	1 944	25,8	2 028	16,8	4 542
São Jorge	0,0	80	0,1	815	0,3	2 158	3,2	600	0,7	3 653
Santa Maria	0,0	20	6,6	166	0,6	465	0,5	221	1,7	872
Flores	0,0	19	6,4	251	1,2	336	11,2	152	4,9	758
Graciosa	0,0	18	0,0	37	0,2	603	2,9	418	1,2	1 076
Corvo	0,0	8	0,0	6	0,0	31	23,7	38	10,8	83
Total	0,2	3 184	1,6	24 379	2,0	33 576	8,4	15 955	3,1	77 094

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Com os dados disponíveis foi possível identificar os **principais indicadores caracterizadores dos diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne dos Açores** (Quadro 17).

Quadro 17 – Principais indicadores caracterizadores dos diferentes tipos de sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), em 2019

Sistemas de Produção	Área Forrageira	Efetivo Total (CN) por		Vacas Leiteiras (CN) por		Vacas Aleitantes (CN) por		Efetivo Carne ¹⁾ (CN) por		Volume de Leite ²⁾ (t) por		Volume de Carne ³⁾ (kg) por	
	(ha/produtor)	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira
Sistemas mistos (A e B)	22,7	43,5	1,9	33,7	1,5	1,6	0,1	9,8	0,4	242,2	10,7	2 885,8	127,0
c/ vacas leiteiras (A)	21,7	43,7	2,0	35,4	1,6	0,0	0,0	8,2	0,4	256,9	11,8	2 924,8	134,7
c/ vacas leiteiras e vacas aleitantes (B)	34,9	42,0	1,2	13,1	0,4	20,8	0,6	28,9	0,8	65,9	1,9	2 416,3	69,2
Sistema de Leite (C)	6,6	5,9	0,9	5,9	0,9	0,0	0,0	0,0	0,0	47,9	7,2	14,6	2,2
Sistemas de carne (D e E)	13,1	20,2	1,5	0,0	0,0	11,3	0,9	20,2	1,5	0,0	0,0	2 722,1	207,7
c/ vacas aleitantes (D)	22,2	28,9	1,3	0,0	0,0	22,6	1,0	28,9	1,3	0,0	0,0	1 628,5	73,2
s/ vacas aleitantes (E)	3,9	11,4	2,9	0,0	0,0	0,0	0,0	11,4	2,9	0,0	0,0	3 821,3	973,8
Média	17,2	30,2	1,8	15,2	0,9	6,6	0,4	14,9	0,9	109,7	6,4	2 713,9	157,7

¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾Volume de leite correspondente a entregas a compradores de leite estabelecidos na RAA (inclui valor residual de vendas diretas)

³⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Da análise daqueles indicadores releva-se o seguinte:

- A **área forrageira por produtor** é, em média, de 17,2 hectares atingindo o seu valor mais elevado (39,4 ha) para o sistema misto de produção de leite e carne baseado em vacas leiteiras e aleitantes (B) e o mais reduzido (6,6 ha) para o sistema especializado na produção de leite (C).
- O **efetivo total**, expresso em CN, **por produtor e por hectare de área de forrageira**, é, em média, de, respetivamente, 30,2 e 1,8. No primeiro caso, os valores mais e menos elevados eram de, respetivamente, 43,7 CN/produtor para o sistema misto baseado, apenas, em vacas leiteiras (A) e de 5,9 CN/produtor para o sistema especializado na produção de leite (C). No segundo caso, o valor mais elevado (2,9 CN/ha) correspondia ao sistema

especializado na produção de carne sem vacas aleitantes (E) e o mais reduzido (0,9 CN/ha) ao sistema especializado na produção de leite (C).

- O **número de vacas leiteiras, por produtor e por hectare de área forrageira** é, em média, de, respetivamente, 15,2 e 0,9, correspondendo os valores mais elevados (35,4 e 1,6) ao sistema misto baseado, apenas, em vacas leiteiras (A). Os valores mais reduzidos correspondem ao sistema especializado na produção de leite (C) (5,9 CN/produtor) e ao sistema misto de produção de leite e carne baseado em vacas leiteiras e aleitantes (B) (0,4 CN/ha).
- O **número de vacas aleitantes por produtor e por hectare de área forrageira** é, em média, de, respetivamente, 6,6 e 0,4 CN, correspondendo os valores mais elevados ao sistema especializado na produção de carne com base em vacas aleitantes (D) (22,6 CN por produtor e 1,0 CN por hectare), valores estes muito semelhantes aos verificados para o sistema misto de produção de leite e carne baseado em vacas leiteiras e aleitantes (B) (20,8 CN/ produtor e 0,6 CN/ha).
- O **número de bovinos de carne**, expresso em CN, **por produtor e por hectare de área forrageira**, é, em média, de, respetivamente, 14,9 e 0,9 CN, com valores máximos para o sistema misto com vacas leiteiras e aleitantes (B) e o sistema de carne com vacas aleitantes (D) (28,9 CN/produtor em ambos os casos) e para o sistema de carne sem vacas aleitantes (E) (2,9 CN/hectare). Os valores mínimos registam-se no sistema misto com vacas leiteiras (A) (8,2 CN/produtor e 0,4 CN/hectare).
- O **volume de leite entregue por produtor e por hectare de área forrageira** é, em média, de, respetivamente, 109,7 e 6,4 litros, valores estes que atingem 256,9 l/produtor e 11,8 l/hectare de área forrageira para o sistema misto de produção de leite e carne baseado, apenas, nas vacas leiteiras (A) e 47,9 l/produtor e 7,2 l/hectare para o sistema especializado na produção de leite (C).
- O **volume de carne entregue por produtor e hectare de área forrageira** é, em média, de, respetivamente, 2 713,9 e 157,7 kg de carcaça, valores estes que atingem 3 821,3 kg por produtor e 973,8 kg por hectare de área forrageira no caso do sistema especializado na produção de carne sem vacas aleitantes (E) e, apenas, 1 628,5 e 732 kg no caso do outro tipo de sistema especializado na produção de carne (D).

No Quadro 18 apresentam-se os **valores médios dos indicadores para cada uma das Ilhas**, permitindo salientar as diferenças existentes entre Ilhas em relação às principais características do

conjunto dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos regionais. Dos valores observados, destaca-se:

- A maior dimensão do efetivo leiteiro por produtor nas Ilhas de São Miguel, Terceira, São Jorge e Graciosa;
- A maior dimensão do efetivo de vacas aleitantes por produtor nas Ilhas do Pico e Santa Maria;
- A clara dominância das Ilhas de São Miguel e Terceira relativamente aos volumes de leite e carne entregues por produtor e por área forrageira;
- A relevância das Ilhas do Pico, Faial, São Jorge e Santa Maria relativamente aos volumes de carne entregues por produtor e por área forrageira.

Quadro 18 - Principais indicadores caracterizadores do conjunto dos sistemas de produção de leite e carne de bovinos dos Açores (A, B, C, D e E), por ilha, em 2019

Ilha	Área Forrageira	Efetivo Total (CN) por		Vacas Leiteiras (CN) por		Vacas Aleitantes (CN) por		Efetivo Carne ¹⁾ (CN) por		Volume de Leite entregue ²⁾ (t) por		Volume de Carne entregue ³⁾ (kg) por	
	(ha/produtor)	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira
São Miguel	15,3	38,6	2,5	27,3	1,8	0,2	0,0	11,3	0,7	207,9	13,6	3 710	242,7
Terceira	12,7	24,4	1,9	14,6	1,2	1,9	0,2	9,8	0,8	102,5	8,1	2 821	222,8
Pico	30,9	37,5	1,2	2,2	0,1	25,4	0,8	35,2	1,1	11,5	0,4	2 505	81,0
Faial	15,5	20,4	1,3	4,5	0,3	10,5	0,7	15,9	1,0	25,4	1,6	2 204	142,3
São Jorge	24,5	26,4	1,1	10,6	0,4	11,0	0,4	15,7	0,6	59,6	2,4	1 546	63,0
Santa Maria	18,5	23,8	1,3	0,2	0,0	18,4	1,0	23,6	1,3	0,0	0,0	1 015	55,0
Flores	19,5	20,2	1,0	1,2	0,1	15,1	0,8	19,0	1,0	5,4	0,3	641	32,9
Graciosa	14,0	22,8	1,6	7,4	0,5	10,2	0,7	15,4	1,1	38,6	2,8	1 159	82,6
Corvo	21,5	19,1	0,9	0,2	0,0	15,3	0,7	18,9	0,9	0,0	0,0	332	15,5
Média	17,2	30,2	1,8	15,2	0,9	6,6	0,4	14,9	0,9	109,7	6,4	2 714	157,7

¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾Volume de leite correspondente a entregas a compradores de leite estabelecidos na RAA (inclui valor residual de vendas diretas)

³⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

2.1.3 Caracterização dos sistemas de produção de carne de bovinos dos Açores

Do anteriormente exposto, conclui-se que **os sistemas de produção de carne de bovinos mais representativos dos Açores** são os quatro seguintes:

- Sistema especializado na produção de carne com vacas aleitantes (D);
- Sistema especializado na produção de carne sem vacas aleitantes (E);
- Sistema misto de produção de leite e carne com vacas leiteiras e aleitantes (B);
- Sistema misto de produção de leite e carne só com vacas leiteiras (A).

Trata-se de quatro sistemas de produção (dois dos quais - A e B - pertencem também à Fileira do Leite) que iremos caracterizar de seguida do ponto de vista técnico, aprofundando a análise económica apenas para os sistemas especializados.

Assim, e com base na informação disponível, procedeu-se a uma **caracterização geral dos quatro sistemas de produção de carne** (no seu conjunto e para cada um dos quatro sistemas), sempre que adequado com informação mais detalhada ao nível de ilha, de acordo com:

- **A sua representatividade no contexto da produção de carne regional;**
- **O seu grau de extensificação produtiva:**
 - Extensivo - < 1,4 CN por ha de SFT;
 - Semi-extensivo - 1,4 a 2,5 CN por ha de SFT;
 - Intensivo - > 2,5 CN por ha de SFT.
- **A dimensão do seu efetivo animal:**
 - Pequena - < 9,1 CN;
 - Média – 9,1 a 20 CN;
 - Grande – 20 a 50 CN;
 - Muito grande - > 50 CN.
- **As características técnico-estruturais das suas explorações.**

Trata-se de quatro sistemas de produção que, com 5.744 produtores, no seu conjunto, representavam, em 2019, em relação ao conjunto dos sistemas de produção de bovinos dos Açores:

- 97 % do número total dos produtores de bovinos;
- 98,8 % da área forrageira total utilizada para a produção de leite e carne;

- 99,4 % do número total das CN dos bovinos de leite e carne;
- 100 % do número total de vacas aleitantes;
- 100 % do número total de CN de bovinos de carne;
- 100 % do número de vitelos;
- 100 % do número de vitelões;
- 100% do número de novilhos;
- 99% das vacas de substituição;
- 100% do volume total da carne entregue.

Relativamente à **distribuição por ilhas**, no Quadro 19 podemos verificar que, para o conjunto dos quatro sistemas de carne (A, B, D e E):

- São Miguel é a ilha mais importante em número de produtores (35%), número de vitelos, vitelões e novilhos (46%) e volume de carne entregue (48%);
- A Terceira é a segunda ilha mais importante em número de produtores (26%), número de vitelos, vitelões e novilhos (25%) e volume de carne entregue (28%);
- O Pico surge em terceiro lugar, correspondendo-lhe 10% dos produtores, 12% dos vitelos, vitelões e novilhos e 9% do volume de carne entregue.

Quadro 19 - Distribuição por ilha dos principais indicadores para o conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), em 2019

Ilhas	Produtores		Área Forrageira		Efetivo Bovino Total		Vacas Aleitantes		Efetivo de Carne ¹⁾		Vitelos, Vitelões e Novilhos		Vacas de Substituição		Volume de Carne entregue ²⁾	
	Nº	%	ha	%	CN	%	Nº	%	CN	%	Nº	%	Nº	%	t	%
São Miguel	1 982	34,5	31 175	30,9	79 297	44,6	455	1,2	23 286	26,3	38 907	46,4	11 240	53,2	7 658	47,7
Terceira	1 501	26,1	19 389	19,2	37 796	21,3	2 992	7,6	15 310	17,3	20 699	24,7	4 747	22,5	4 418	27,5
Pico	579	10,1	17 915	17,8	21 736	12,2	14 749	37,6	20 444	23,1	9 820	11,7	1 487	7,0	1 453	9,0
Faial	508	8,8	7 892	7,8	10 414	5,9	5 357	13,7	8 123	9,2	4 625	5,5	905	4,3	1 126	7,0
São Jorge	496	8,6	12 366	12,3	13 374	7,5	5 666	14,4	8 083	9,1	4 172	5,0	1 530	7,2	795	4,9
Santa Maria	213	3,7	3 968	3,9	5 103	2,9	3 947	10,1	5 067	5,7	1 921	2,3	336	1,6	218	1,4
Flores	219	3,8	4 315	4,3	4 474	2,5	3 370	8,6	4 232	4,8	1 508	1,8	329	1,6	143	0,9
Graciosa	210	3,7	2 950	2,9	4 824	2,7	2 155	5,5	3 261	3,7	1 882	2,2	492	2,3	246	1,5
Corvo	36	0,6	773	0,8	687	0,4	551	1,4	680	0,8	249	0,3	47	0,2	12	0,1
Açores	5 744	100	100 744	100	177 704	100	39 242	100	88 485	100	83 783	100	21 114	100	16 069	100

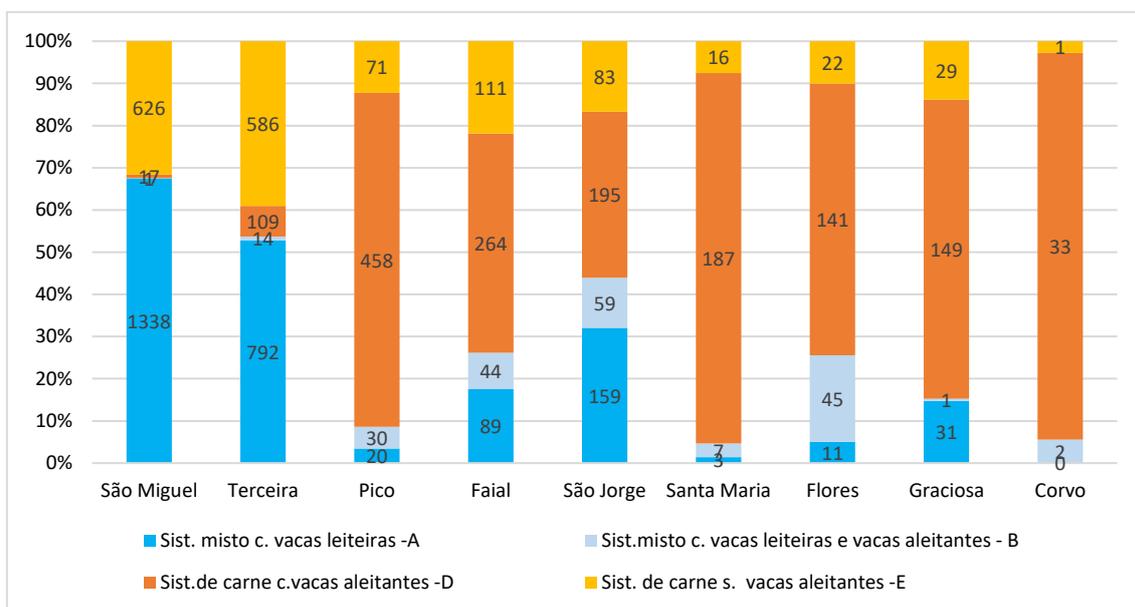
¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

A Figura 4 retrata a distribuição do **número de produtores** por sistema e ilha da RAA. Concluimos que, em termos de representatividade, nas ilhas de São Miguel e Terceira o sistema misto com vacas leiteiras (A) é o mais representativo, com, respetivamente, 68% e 53 % do número de produtores. Nas restantes ilhas, o sistema de carne com vacas aleitantes (D) é o mais representativo em número de produtores.

Figura 4 – Produtores (nº e %), por ilha e tipo de sistema de carne (A, B, D e E), em 2019

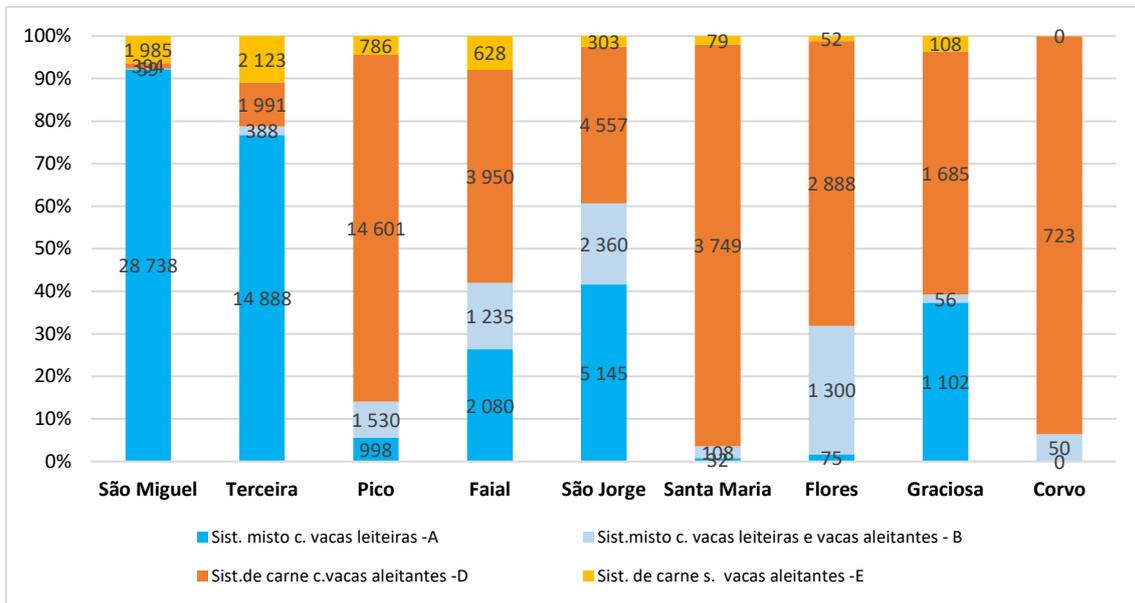


Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

No que se refere à **área forrageira**, nas ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge o sistema misto com vacas leiteiras (A) apresenta a maior representatividade, concentrando, respetivamente, 92%, 77% e 42% da área de forragens e pastagens (Figura 5).

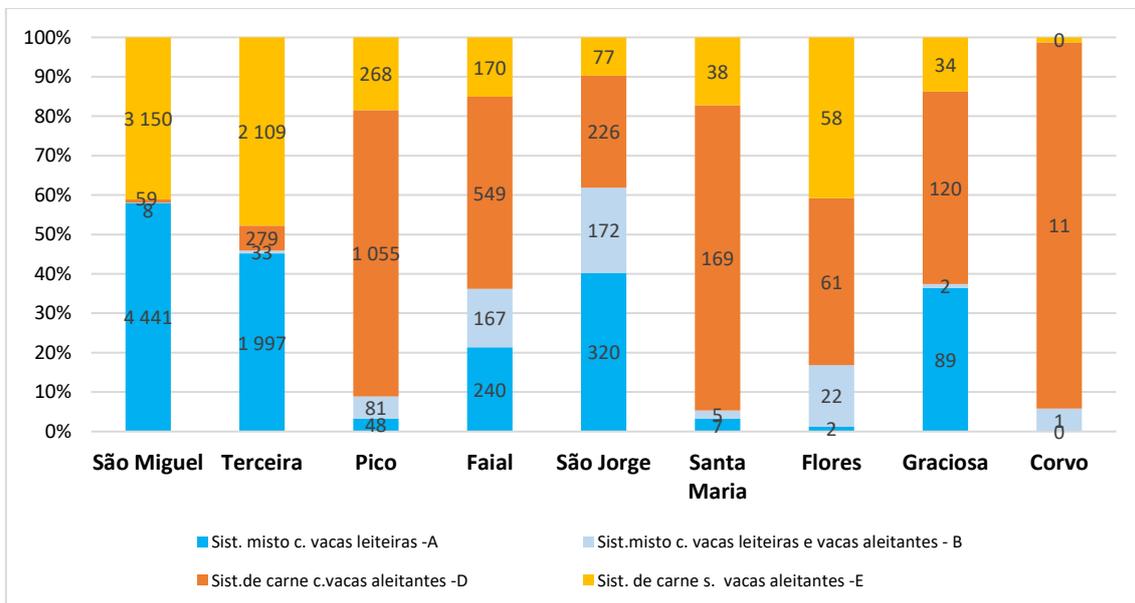
No que diz respeito ao **volume de carne entregue** (correspondente aos animais abatidos e aprovados para consumo) existem diferenças significativas entre as ilhas. Nas ilhas do Pico, Faial, Santa Maria, Flores, Graciosa e Corvo a principal origem da carne entregue é o sistema de carne com vacas aleitantes (D), enquanto em São Miguel e São Jorge é o sistema misto com vacas leiteiras (A) e na Terceira o sistema de carne sem vacas aleitantes (E) (Figura 6).

Figura 5 – Área forrageira (ha e %), por ilha e tipo de sistema de carne (A, B, D e E), em 2019



Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Figura 6 – Volume de carne entregue (t e %), por ilha e tipo de sistema de carne (A, B, D e E), em 2019



Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Por outro lado, como se constata no Quadro 20, o conjunto dos produtores responsáveis por estes tipos de sistemas apresentam a seguinte distribuição do ponto de vista do seu **grau de extensificação produtiva**: 43,1,1% são extensivos, 28,3% semi-extensivos e 26,4% intensivos.

Os produtores com sistemas extensivos e semi-extensivos concentram 86,8% da área forrageira, 65,6% do efetivo total e 94,4% do efetivo de vacas aleitantes, mas são responsáveis por menos de metade do volume de carne entregue (47,6%).

Os produtores com sistemas intensivos concentram apenas 13,2% da área forrageira, 33,5% do efetivo total e 5,4% do efetivo de vacas aleitantes, mas são responsáveis por quase metade do volume de carne entregue (49,5%).

No que se refere à **dimensão do efetivo**, 90% dos produtores têm pequena ou média dimensão, concentrando 73% da área forrageira, 63% do efetivo total e 77% do efetivo de vacas aleitantes, mas são responsáveis por menos de metade do volume de carne abatida (45%). Os produtores com efetivos de grande e muito grande dimensão, apesar de apenas representarem 10% dos produtores, são responsáveis por mais de metade do volume de carne entregue (53%).

Quadro 20 - Representatividade do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E) de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019

Sistemas de Carne (A, B, D e E) de acordo com	Produtores		Área Forrageira		Efetivo Total		Vacas Aleitantes		Efetivo de Carne ¹⁾		Volume de Carne entregue ²⁾	
	nº	%	ha	%	CN	%	CN	%	CN	%	t	%
Grau de extensificação												
Extensivo	2 478	43,1	54 384	54,0	54 844	30,9	27 022	68,9	38 915	44,0	3 312	20,6
Semi-extensivo	1 626	28,3	33 071	32,8	61 743	34,7	10 025	25,5	22 374	25,3	4 344	27,0
Intensivo	1 515	26,4	13 289	13,2	59 535	33,5	2 121	5,4	25 891	29,3	7 958	49,5
S/ Área Forrageira	125	2,2	0	0	1 582	0,9	74	0,2	1 305	1	455	2,8
Total	5 744	100	100 744	100	177 704	100	39 242	100,0	88 485	100	16 069	100
Dimensão do Efetivo												
												0
Pequena	4 210	73	45 298	45	62 980	35	19 762	50,4	32 226	36	4 029	25
Média	960	17	28 503	28	49 007	28	10 426	26,6	21 071	24	3 461	22
Grande	472	8	21 611	21	42 948	24	8 332	21,2	20 189	23	3 898	24
Muito Grande	102	2	5 333	5	22 769	13	722	1,8	14 999	17	4 681	29
Total	5 744	100	100 744	100	177 704	100	39 242	100,0	88 485	100	16 069	100

¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Complementarmente, no Quadro 21 apresenta-se um conjunto de **indicadores de caracterização técnico-estrutural** dos quatro sistemas de carne (A, B, D e E).

Quadro 21 - Principais indicadores de caracterização técnico-estrutural do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019

Sistemas de Carne (A, B, D e E) de acordo com	Área Forrageira	Efetivo Total (CN) por		Vacas Aleitantes (CN) por		Efetivo Carne ¹⁾ (CN) por		Volume de Carne entregue ²⁾ (kg) por	
	(ha/produtor)	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira
Grau de extensificação									
Extensivo	21,9	22,1	1,0	10,9	0,5	15,7	0,7	1 337	61
Semi-extensivo	20,3	38,0	1,9	6,2	0,3	13,8	0,7	2 672	131
Intensivo	8,8	39,3	4,5	1,4	0,2	17,1	1,9	5 253	599
S/ Área Forrageira	0,0	12,7	-	0,6	-	10,4	-	3 636	-
Média	17,5	30,9	1,8	6,8	0,4	15,4	0,9	2 798	160
Dimensão do Efetivo									
Pequena	10,8	15,0	1,4	4,7	0,4	7,7	0,7	957	89
Média	29,7	51,0	1,7	10,9	0,4	21,9	0,7	3 605	121,4
Grande	45,8	91,0	2,0	17,7	0,4	42,8	0,9	8 258	180,4
Muito Grande	52,3	223,2	4,3	7,1	0,1	147,0	2,8	45 894	877,7
Média	17,5	30,9	1,8	6,8	0,4	15,4	0,9	2 798	160

¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

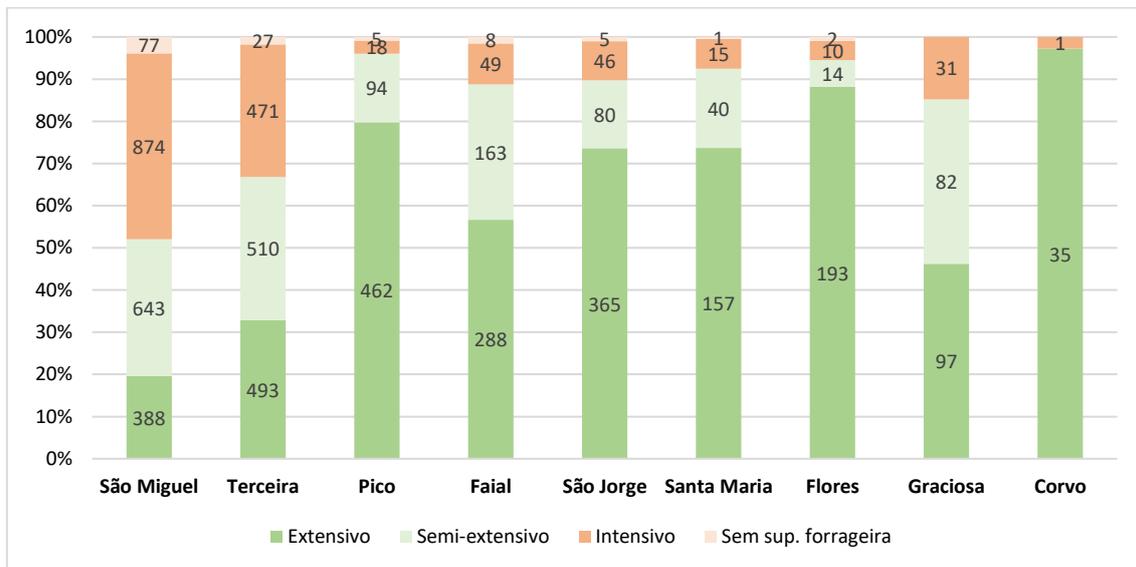
O conjunto de explorações dos quatro sistemas em análise apresenta:

- uma área forrageira média de 17,5 ha, que varia entre 8,8 ha para os sistemas intensivos e 21,9 ha para os sistemas extensivos e entre 13,2 ha para as explorações com efetivos de pequena dimensão e 52,3 ha para as explorações com efetivos de muito grande dimensão;
- um efetivo médio de carne por produtor de 15,4 CN, que varia entre 10,4 CN para os sistemas sem área forrageira e 17,1 CN para os sistemas intensivos e entre 7,7 CN para as explorações com efetivos de pequena dimensão e 147 CN para as explorações com efetivos de muito grande dimensão;
- um volume de carne entregue por hectare de área forrageira de 160 kg, que varia entre 61 kg para os sistemas extensivos e 599 kg para os sistemas intensivos e entre 89 kg para as explorações com efetivos de pequena dimensão e 877,7 kg para as explorações com efetivos de muito grande dimensão.

No que respeita ao **grau de extensificação em cada ilha** (Figuras 7, 8 e 9), podemos concluir o seguinte:

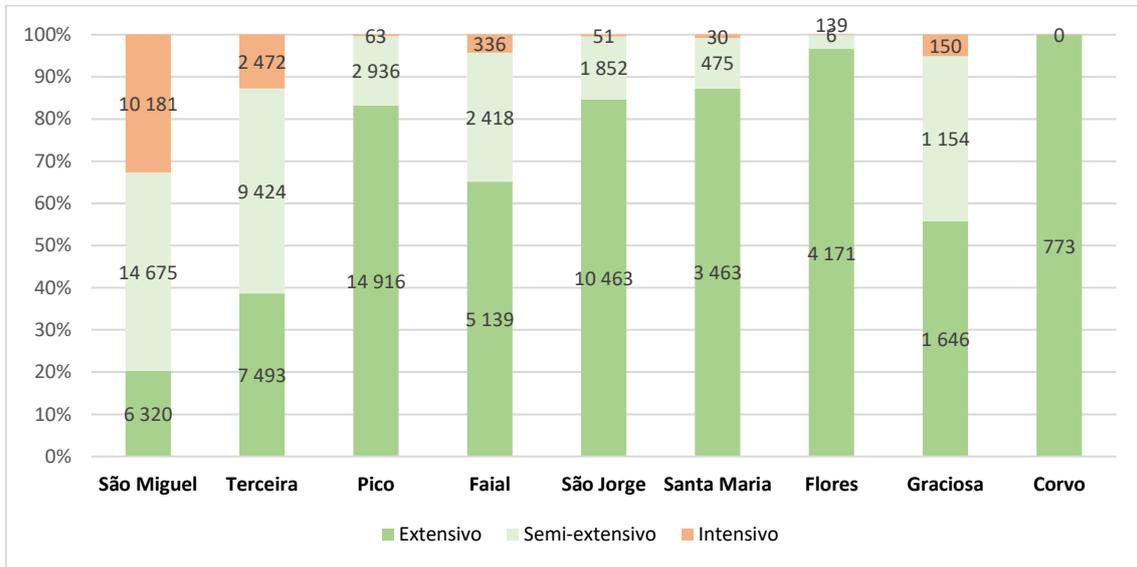
- Em todas as ilhas, com exceção das ilhas de São Miguel, Terceira e Graciosa, a maioria da carne produzida provém de explorações extensivas: 99% no Corvo, 63% em São Jorge, 59% em Santa Maria, 58% nas Flores e no Pico e 50% no Faial;
- Na ilha de São Miguel, mais de dois terços da carne produzida (67%) provém de explorações intensivas e apenas 6% de explorações extensivas.
- Na ilha Terceira, 52% da carne produzida provém de explorações intensivas e apenas 15% de explorações extensivas;
- Na ilha Graciosa, 45% da carne produzida provém de explorações semi-extensivas e apenas 31% de explorações extensivas.

Figura 7 - Produtores do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e grau de extensificação (nº e %), em 2019



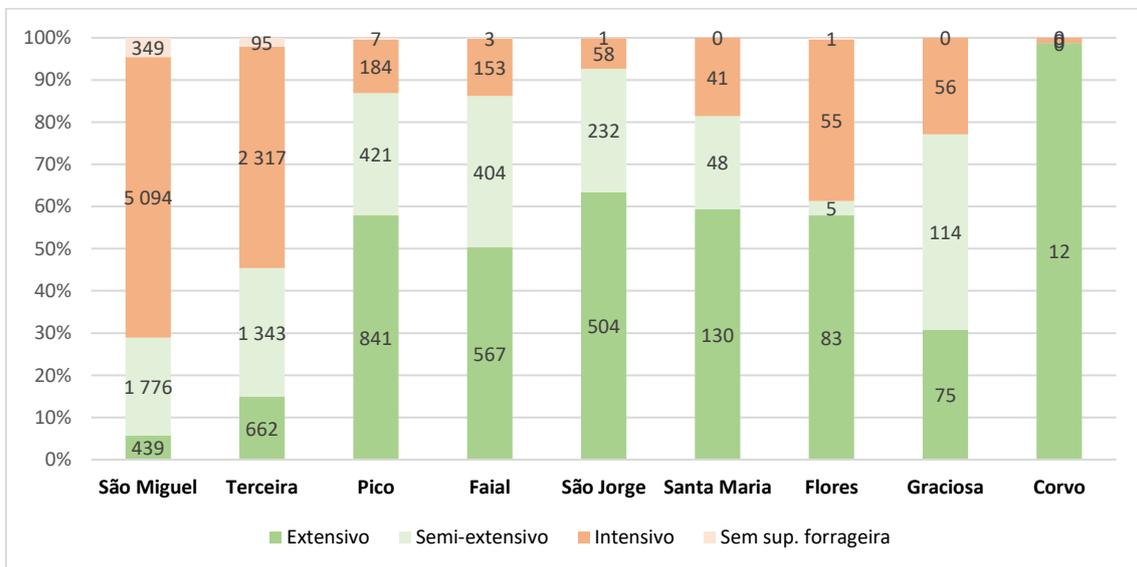
Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Figura 8 – Área forrageira do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e grau de extensificação (ha e %), em 2019



Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Figura 9 – Volume de carne entregue para o conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e grau de extensificação (t e %), em 2019

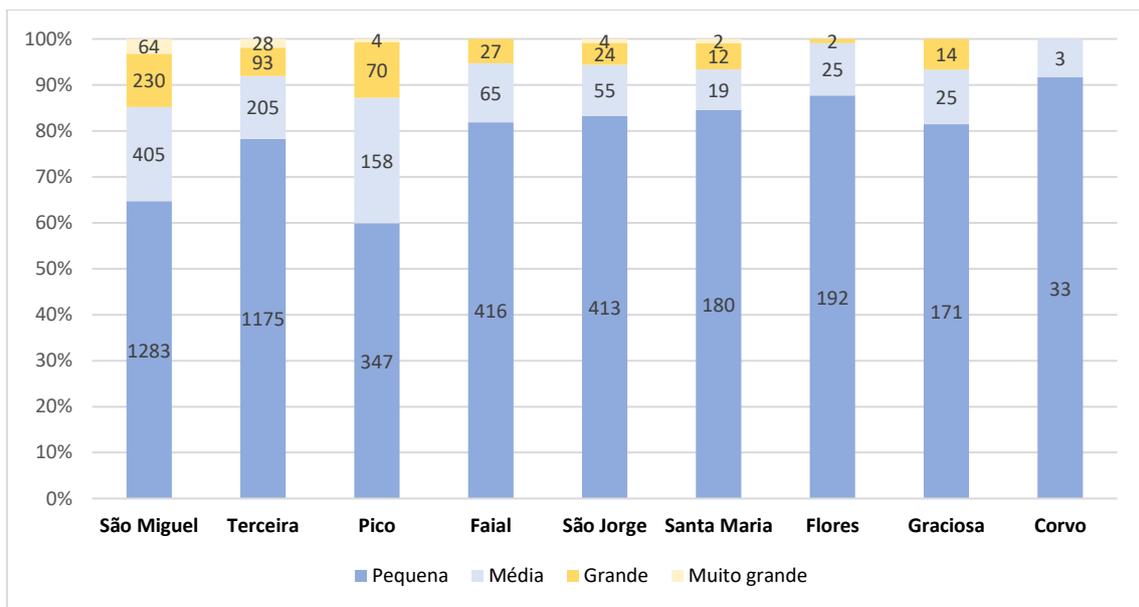


Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Relativamente à **dimensão do efetivo para cada ilha**, constata-se o seguinte (Figuras 10, 11 e 12):

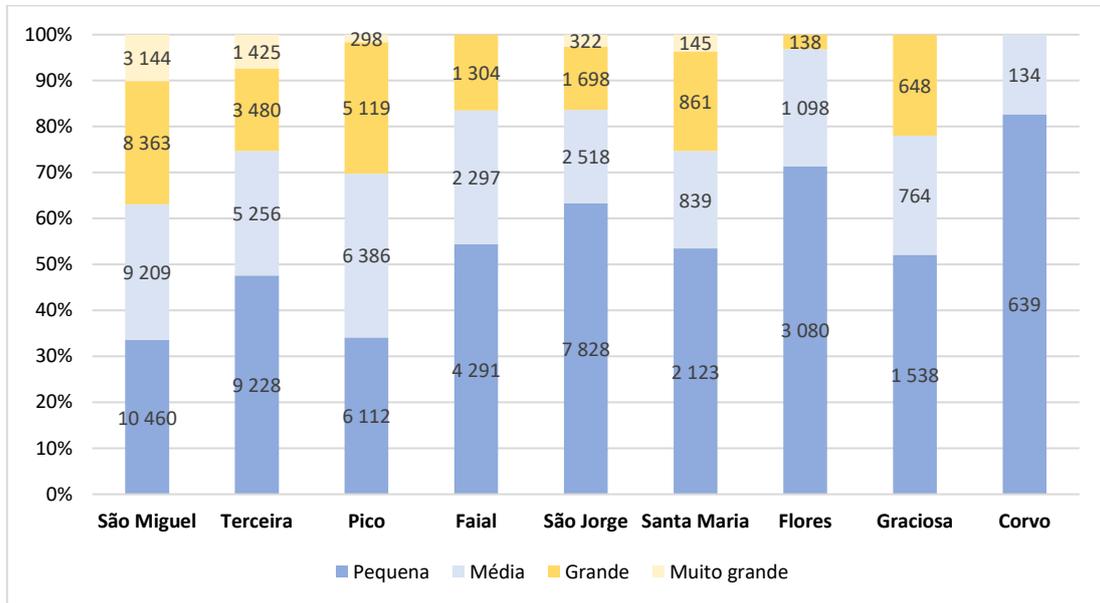
- Em todas as ilhas existe grande representatividade do número de produtores com efetivos de pequena dimensão;
- Relativamente à área forrageira, as explorações com efetivos de pequena dimensão são as mais representativas em todas as ilhas, com exceção Pico em que são mais representativas as explorações com efetivos de média dimensão;
- No que respeita ao volume de carne entregue, as explorações com efetivos de muito grande dimensão são as mais representativas nas ilhas de São Miguel e Terceira, enquanto no Pico e Flores predominam as explorações com efetivos de média dimensão, na Graciosa as explorações com efetivos de grande dimensão e nas restantes ilhas as explorações com efetivos de pequena dimensão.

Figura 10 - Produtores do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e classe de dimensão do efetivo (nº e %), em 2019



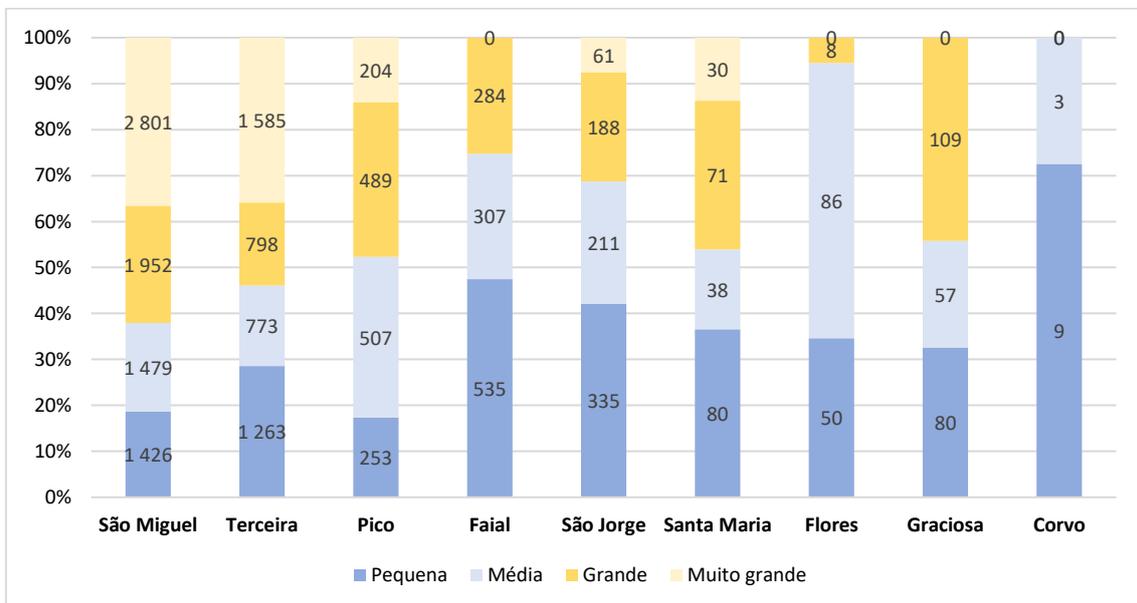
Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Figura 11 – Área forrageira do conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e classe de dimensão do efetivo (ha e %), em 2019



Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

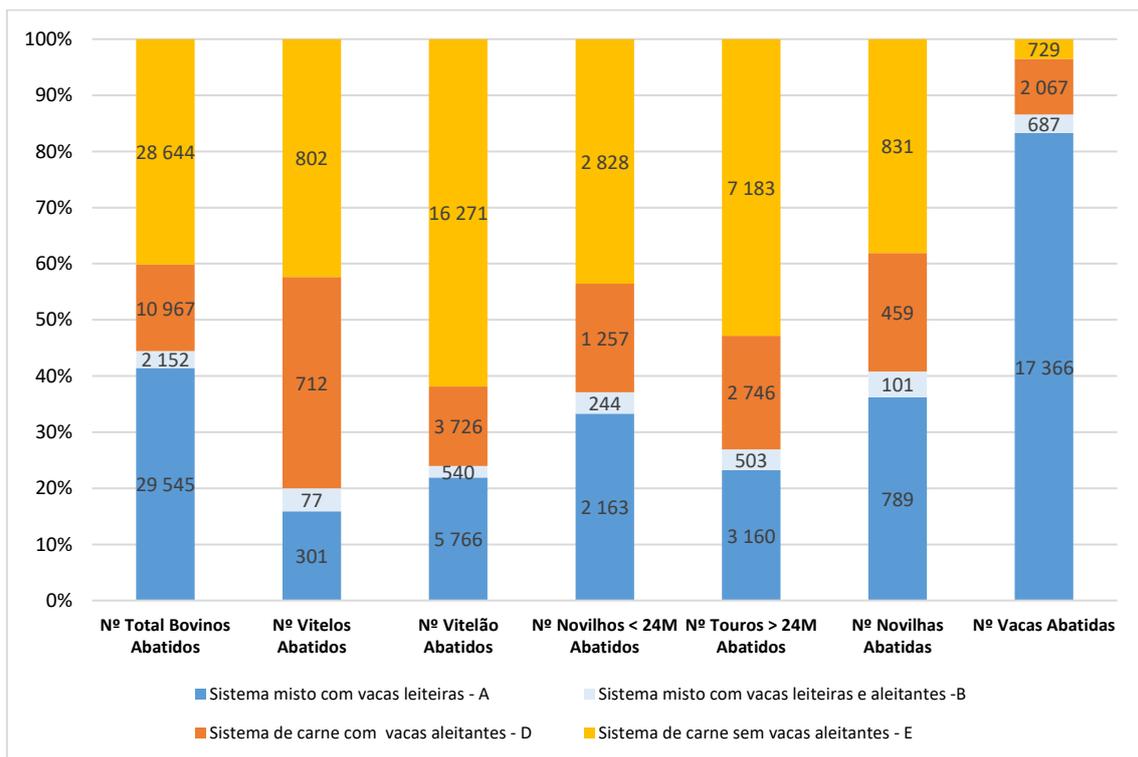
Figura 12 – Volume de carne entregue para o conjunto dos sistemas de carne (A, B, D e E), por ilha e classe de dimensão do efetivo (t e %), em 2019



Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Finalmente, a análise do **tipo de animais abatidos para o conjunto dos sistemas de carne** (Figura 13), permite constatar o grande peso do sistema de carne sem vacas aleitantes (E) no que se refere aos vitelões e touros, e o grande peso do sistema misto com vacas leiteiras (A) no que se refere às vacas abatidas. Salienta-se que, neste último caso, estão em causa sistemas que não têm intervenção direta na engorda dos animais, mas que influenciam a quantidade e qualidade da carne que chega ao mercado. A propósito, chama-se a atenção para a importância da gestão adequada da “Marca Açores” no que se refere ao produto “carne de bovino” (através um conjunto adequado de regras de qualidade e homogeneidade), por forma a que as expectativas dos consumidores não sejam defraudadas e não seja fomentada uma concorrência desajustada com a IGP “Carne dos Açores”.

Figura 13 – Distribuição do número de animais abatidos (nº e %), por tipo de animal e de sistema de carne (A, B, D e E), em 2019



Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

2.1.3.1 Sistema de carne com vacas aleitantes (D)

O **sistema de carne com vacas aleitantes (D)** representava, em 2019, em relação ao conjunto dos quatro sistemas de produção de carne identificados:

- 27% dos produtores;
- 34,3% da área forrageira total;
- 25,3% do número de CN do total de bovinos;
- 89,2% do número de vacas aleitantes;
- 15,7% do volume total de carne entregue.

Trata-se de um conjunto de produtores cujo volume de carne entregue se distribui da seguinte forma pelas diferentes Ilhas dos Açores:

- 42% no Pico;
- 22% no Faial;
- 11% na Terceira;
- 9% em São Jorge;
- 7% em Santa Maria;
- 5% na Graciosa;
- 2% nas Flores;
- 2% em São Miguel;
- < 1% no Corvo.

Os produtores responsáveis por este tipo de sistema são, do ponto de vista do seu **grau de extensificação produtiva** (Quadro 22), predominantemente extensivos (65,8%), concentrando 77,8% da área forrageira, 66,8% do efetivo de carne, 68,5% do efetivo de vacas aleitantes e 51,8% do volume de carne entregue.

Do ponto de vista da **dimensão do efetivo** (Quadro 22), 77,7% dos produtores possuem explorações com efetivos animais de pequena dimensão, concentrando 50,9% da área forrageira, 47,9% do efetivo de carne e 34,9% do volume de carne entregue. É de realçar a importância assumida pelas explorações com efetivos animais de média e grande dimensão (que representam apenas 22% dos produtores enquadrados nestes sistemas), no que diz respeito ao volume de carne entregue (60,8%).

Quadro 22 - Representatividade do sistema de carne com vacas aleitantes (D), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019

Sistema de Carne com Vacas Aleitantes (D) de acordo com	Produtores		Área Forrageira		Efetivo Total		Vacas Aleitantes		Efetivo de Carne ¹⁾		Volume de Carne entregue ²⁾	
	nº	%	ha	%	CN	%	CN	%	CN	%	t	%
Grau de extensificação												
Extensivo	1 022	65,8	26 861	77,8	29 988	66,8	23 974	68,5	29 988	66,8	1 309	51,8
Semi-extensivo	390	25,1	7 022	20,3	12 123	27,0	9 045	25,8	12 123	27,0	989	39,1
Intensivo	136	8,8	655	1,9	2 688	6,0	1 930	5,5	2 688	6,0	230	9,1
S/ Área Forrageira	5	0,3	0	0,0	89	0,2	72	0,2	89	0,2	2	0,1
Total	1 553	100	34 538	100	44 888	100	35 021	100,0	44 888	100	2 529	100
Dimensão do Efetivo												
Pequena	1 206	77,7	17 585	50,9	21 498	47,9	17 786	50,8	21 498	47,9	881	34,9
Média	239	15,4	9 312	27,0	12 211	27,2	9 171	26,2	12 211	27,2	761	30,1
Grande	102	6,6	7 214	20,9	10 303	23,0	7 591	21,7	10 303	23,0	778	30,7
Muito Grande	6	0,4	426	1,2	876	2,0	473	1,4	876	2,0	109	4,3
Total	1 553	100	34 538	100	44 888	100	35 021	100	44 888	100	2 529	100

¹⁾ Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Complementarmente, no Quadro 23 apresentam-se **indicadores de caracterização técnico-estrutural** do sistema de carne em análise. As explorações classificadas neste sistema apresentam:

- uma área forrageira média de 22 ha, que varia entre 5 ha para os sistemas intensivos e 26 ha para os sistemas extensivos;
- um encabeçamento médio para o efetivo de carne de 1,3 CN/ha, que varia entre 1,1 CN/ha para os sistemas extensivos e 4,1 CN/ha para os sistemas intensivos;
- um volume médio de carne entregue por hectare de área forrageira de 73 hg/ha, que varia entre 49 kg/ha nos sistemas extensivos e 351 kg/ha nos sistemas intensivos.

Quadro 23 - Principais indicadores de caracterização técnico-estrutural do sistema de carne com vacas aleitantes (D), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019

Sistema de Carne com Vacas Aleitantes (D) de acordo com	Área Forrageira	Efetivo Total (CN) por		Vacas Aleitantes (CN) por		Efetivo Carne ¹⁾ (CN) por		Volume de Carne entregue ²⁾ (kg) por	
	(ha/produtor)	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira
Grau de extensificação									
Extensivo	26	29	1,1	23	0,9	29	1,1	1 281	49
Semi-intensivo	18	31	1,7	23	1,3	31	1,7	2 535	141
Intensivo	5	20	4,1	14	2,9	20	4,1	1 690	351
S/ Área Forrageira	0	18	-	14	-	18	-	301	-
Média	22	29	1,3	23	1,0	29	1,3	1 628	73
Dimensão do Efetivo									
Pequena	15	18	1,2	15	1,0	18	1,2	731	50
Média	39	51	1,3	38	1,0	51	1,3	3 183	82
Grande	71	101	1,4	74	1,1	101	1,4	7 624	108
Muito Grande	71	146	2,1	79	1,1	146	2,1	18 186	256
Média	22	29	1	23	1	29	1	1 628	73

¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

2.1.3.2 Sistema de carne sem vacas aleitantes (E)

O sistema de carne sem vacas aleitantes (baseado na compra de vitelos) (E) representava, em 2019, em relação ao conjunto dos quatro sistemas de produção de carne identificados:

- 26,9% dos produtores;
- 6% da área forrageira total;
- 9,9% do número de CN do total de bovinos
- 0% do número de vacas aleitantes;
- 36,7% do volume total de carne entregue.

Trata-se de um conjunto de produtores cujas explorações são responsáveis por um volume de carne entregue para abate com a seguinte distribuição inter-ilhas:

- 53% em São Miguel;
- 36% na Terceira;
- 5% no Pico;
- 3% no Faial;

- 7% em Santa Maria;
- 1% em São Jorge
- < 1% nas restantes Ilhas.

Os produtores responsáveis por este tipo de sistema são, do ponto de vista do seu **grau de extensificação produtiva** (Quadro 24), predominantemente extensivos (45%) concentrando 79% da área forrageira, mas, apenas, 11% do efetivo de carne e do volume de carne entregue.

Do ponto de vista da **dimensão do efetivo** (Quadro 24), 85,2% dos produtores possuem explorações com efetivos animais de pequena dimensão, concentrando 70,3% da área forrageira, mas apenas 18,5% do efetivo de carne e 19,89% do volume de carne entregue. Salienta-se a importância assumida pelas explorações com efetivos animais de muito grande dimensão (que representam apenas 2,8% dos produtores enquadrados neste sistema), no que diz respeito ao efetivo de carne (58,1%) e ao volume de carne entregue (56,4%).

Quadro 24 - Representatividade do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019

Sistema de Carne sem Vacas Aleitantes (E) de acordo com	Produtores		Área Forrageira		Efetivo Total		Vacas Aleitantes		Efetivo de Carne ¹⁾		Volume de Carne entregue ²⁾	
	nº	%	ha	%	CN	%	CN	%	CN	%	t	%
Grau de extensificação												
Extensivo	691	44,7	4 811	79,3	1 925	10,9	0	-	1 925	10,9	668	11,3
Semi-extensivo	205	13,3	516	8,5	972	5,5	0	-	972	5,5	354	6,0
Intensivo	548	35,5	736	12,1	13 533	77,0	0	-	13 533	77,0	4 446	75,3
S/ Área Forrageira	101	6,5	0	0,0	1 156	6,6	0	-	1 156	6,6	436	7,4
Total	1 545	100	6 063	100	17 586	100	0	-	17 586	100	5 904	100
Dimensão do Efetivo												
Pequena	1 316	85,2	4 264	70,3	3 257	18,5	0	-	3 257	18,5	1 170	19,8
Média	102	6,6	650	10,7	1 405	8,0	0	-	1 405	8,0	520	8,8
Grande	84	5,4	829	13,7	2 700	15,4	0	-	2 700	15,4	885	15,0
Muito Grande	43	2,8	319	5,3	10 223	58,1	0	-	10 223	58,1	3 329	56,4
Total	1 545	100	6 063	100	17 586	100	0	-	17 586	100	5 904	100

¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Complementarmente, no Quadro 25 apresentam-se **indicadores de caracterização técnico-estrutural** do sistema de carne em análise. As explorações classificadas neste sistema apresentam:

- uma área forrageira média de 3,9 ha, que varia entre 1,3 ha para os sistemas intensivos e 7 ha para os sistemas extensivos;
- um encabeçamento médio para o efetivo de carne de 2,9 CN/ha, que varia entre 0,4 CN/ha para os sistemas extensivos e 18,4 CN/ha para os sistemas intensivos;
- um volume médio de carne entregue por hectare de área forrageira de 974 kg/ha, que varia entre 139 kg/ha nos sistemas extensivos e 6.038 kg/ha nos sistemas intensivos.

Quadro 25 - Principais características do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019

Sistema de Carne sem Vacas Aleitantes (E) de acordo com	Área Forrageira (ha/produtor)	Efetivo Total (CN) por		Vacas Aleitantes (CN) por		Efetivo Carne ¹⁾ (CN) por		Volume de Carne entregue ²⁾ (kg) por	
		Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira	Produtor	Área Forrageira
Grau de extensificação									
Extensivo	7,0	3	0,4	0	0,0	3	0,4	967	139
Semi-intensivo	2,5	5	1,9	0	0,0	5	1,9	1 726	686
Intensivo	1,3	25	18,4	0	0,0	25	18,4	8 113	6 038
S/ Área Forrageira	0,0	11	-	0	-	11	-	4 317	-
Média	3,9	11	2,9	0	0,0	11	2,9	3 821	974
Dimensão do Efetivo									
Pequena	3,2	2	0,8	0	0,0	2	0,8	889	274
Média	6,4	14	2,2	0	0,0	14	2,2	5 099	800
Grande	9,9	32	3,3	0	0,0	32	3,3	10 535	1 067
Muito Grande	7,4	238	32,0	0	0,0	238	32,0	77 419	10 421
Média	3,9	11	2,9	0	0	11	2,9	3 821	974

¹⁾ Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

2.1.3.3 Sistema misto com vacas leiteiras e aleitantes (B)

O **sistema misto com vacas leiteiras e aleitantes (B)** representava, em 2019, em relação ao conjunto dos quatro sistemas de produção de carne em causa:

- 3,5% dos produtores;
- 7,0% da área forrageira total;
- 4,8% do número de CN do total de bovinos
- 10,8% do número de vacas aleitantes;
- 3,1% do volume total de carne entregue.

Trata-se de um conjunto de produtores cujas explorações são responsáveis por um volume de carne entregue para abate com a seguinte distribuição inter-ilhas:

- 35% em São Jorge;
- 34,1% no Faial;
- 16,5% no Pico;
- 6,7% na Terceira;
- 4,5% nas Flores;
- 1,6% em São Miguel
- < 1% nas restantes Ilhas.

Os produtores responsáveis por este tipo de sistema são, do ponto de vista do seu **grau de extensificação produtiva** (Quadro 26), predominantemente extensivos (73,9%) concentrando 79% da área forrageira, 68,4% do efetivo de carne e 54,8% do volume de carne entregue.

Do ponto de vista da **dimensão do efetivo** (Quadro 26), 66% dos produtores possuem explorações com efetivos animais de pequena dimensão, concentrando 45,9% da área forrageira e 41,1% do efetivo de carne, mas apenas 28% do volume de carne entregue. Salienta-se a importância assumida pelas explorações com efetivos animais de média e grande dimensão (que, em conjunto, representam 32,6% dos produtores enquadrados neste sistema), no que diz respeito ao efetivo de carne (51,1%) e ao volume de carne entregue (60,9%).

Quadro 26 - Representatividade do sistema misto com vacas leiteiras e aleitantes (B), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019

Sistema misto com Vacas Aleitantes (B) de acordo com	Produtores		Área Forrageira		Efetivo Total		Vacas Leiteiras		Vacas Aleitantes		Efetivo de Carne ¹⁾		Volume de Leite entregue ²⁾		Volume de Carne entregue ³⁾	
	nº	%	ha	%	CN	%	CN	%	CN	%	CN	%	t	%	t	%
Grau de extensificação																
Extensivo	150	73,9	5 600	79,0	5 828	68,4	1 811	68,3	3 048	72,2	4 017	68,4	8 310	62,2	269	54,8
Semi-extensivo	42	20,7	1 376	19,4	2 271	26,6	721	27,2	980	23,2	1 550	26,4	4 767	35,7	185	37,7
Intensivo	10	4,9	110	1,6	409	4,8	107	4,0	191	4,5	302	5,1	273	2,0	36	7,4
S/ Área Forrageira	1	0,5	0	0,0	16	0,2	13	0,5	2	0,0	3	0,1	19	0,1	0	0,1
Total	203	100	7 086	100	8 525	100	2 652	100	4 221	100,0	5 873	100	13 370	100	491	100
Dimensão do Efetivo																
Pequena	134	66,0	3 252	45,9	3 517	41,3	1 101	41,5	1 976	46,8	2 416	41,1	4 080	30,5	138	28,0
Média	47	23,2	2 393	33,8	2 761	32,4	941	35,5	1 255	29,7	1 820	31,0	5 269	39,4	157	32,0
Grande	19	9,4	1 130	15,9	1 716	20,1	535	20,2	741	17,6	1 181	20,1	3 818	28,6	142	28,9
Muito Grande	3	1,5	310	4,4	531	6,2	75	2,8	249	5,9	456	7,8	203	1,5	54	11,1
Total	203	100	7 086	100	8 525	100	2 652	100	4 221	100	5 873	100	13 370	100	491	100

¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾Volume de leite correspondente a entregas a compradores de leite estabelecidos na RAA (inclui valor residual de vendas diretas)

³⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Complementarmente, no Quadro 25 apresentam-se **indicadores de caracterização técnico-estrutural** do sistema de carne em análise. As explorações classificadas neste sistema apresentam:

- uma área forrageira média de 34,9 ha, que varia entre 11 ha para os sistemas intensivos e 37,3 ha para os sistemas extensivos;
- um encabeçamento médio para o efetivo de carne de 0,8 CN/ha, que varia entre 0,7 CN/ha para os sistemas extensivos e 2,7 CN/ha para os sistemas intensivos;
- um volume médio de carne entregue por hectare de área forrageira de 69 kg/ha, que varia entre 48 kg/ha nos sistemas extensivos e 332 kg/ha nos sistemas intensivos.

Quadro 27 - Principais características do sistema misto com vacas leiteiras e aleitantes (B), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019

Sistema misto com Vacas Aleitantes (B) de acordo com	Área Forrageira	Efetivo Total (CN) por		Vacas Leiteiras (CN) por		Vacas Aleitantes (CN) por		Efetivo Carne ¹⁾ (CN) por		Volume de Leite entregue ²⁾ (t) por		Volume de Carne entregue ³⁾ (kg) por	
	(ha/produção)	Produção	Área Forrageira	Produção	Área Forrageira	Produção	Área Forrageira	Produção	Área Forrageira	Produção	Área Forrageira	Produção	Área Forrageira
Grau de extensificação													
Extensivo	37,3	39	1,0	12	0,3	20	0,5	27	0,7	55	1,5	1 793	48,0
Semi-extensivo	32,8	54	1,7	17	0,5	23	0,7	37	1,1	114	3,5	4 399	134,3
Intensivo	11,0	41	3,7	11	1,0	19	1,7	30	2,7	27	2,5	3 648	331,8
S/ Área Forrageira	0,0	16	-	13	-	2	-	3	-	19	-	370	-
Média	34,9	42	1,2	13	0,4	21	0,6	29	0,8	66	1,9	2 416	69,2
Dimensão do Efetivo													
Pequena	24,3	26	1,1	8	0,3	15	0,6	18	0,7	30	1,3	1 026	42,3
Média	50,9	59	1,2	20	0,4	27	0,5	39	0,8	112	2,2	3 340	65,6
Grande	59,5	90	1,5	28	0,5	39	0,7	62	1,0	201	3,4	7 456	125,4
Muito Grande	103,4	177	1,7	25	0,2	83	0,8	152	1,5	68	0,7	18 117	175,1
Média	34,9	42	1,2	13	0,4	21	0,6	29	0,8	66	1,9	2 416	69,2

¹⁾ Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾ Volume de leite correspondente a entregas a compradores de leite estabelecidos na RAA (inclui valor residual de vendas diretas)

³⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

2.1.3.4 Sistema misto com vacas leiteiras (A)

O sistema misto com vacas leiteiras (A), representava, em 2019, em relação ao conjunto dos quatro sistemas de produção de bovinos de carne:

- 42,5% dos produtores;
- 52,7% da área forrageira total;
- 60 do número de CN do total de bovinos
- 0% do número de vacas aleitantes;
- 44,5% do volume total de carne entregue.

No seu conjunto, as explorações que integram este tipo de sistemas produziram, em 2019, um volume de carne para abate com a seguinte distribuição inter-ilhas:

- 62,2% em São Miguel;
- 27,9% na Terceira;

- 4,5% em São Jorge;
- 3,4% no Faial;
- 1,3% na Graciosa;
- < 1% nas restantes Ilhas.

Os produtores responsáveis por este tipo de sistema são, do ponto de vista do seu **grau de extensificação produtiva** (Quadro 28), predominantemente semi-extensivos (40,5%) concentrando 45,5% da área forrageira, 38,4% do efetivo de carne e 39,4% do volume de carne entregue. Seguem-se produtores intensivos (33,6%) que concentram apenas 22,2% da área forrageira, mas 46,5% do efetivo de carne e 45,4% do volume de carne entregue.

Do ponto de vista da **dimensão do efetivo** (Quadro 28), 63,6% dos produtores possuem explorações com efetivos animais de pequena dimensão, concentrando 38,1% da área forrageira, mas apenas 25,1% do efetivo de carne e 25,8% do volume de carne entregue. Salienta-se a importância assumida pelas explorações com efetivos animais de média e grande dimensão (que, em conjunto, representam 34,3% dos produtores enquadrados neste sistema), no que diz respeito ao efetivo de carne (57,8%) e ao volume de carne entregue (57,6%).

Quadro 28 - Representatividade do sistema misto com vacas leiteiras (A), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019

Sistema misto com Vacas Leiteiras (A) de acordo com	Produtores		Área Forrageira		Efetivo Total		Vacas Leiteiras		Vacas Aleitantes		Efetivo de Carne ¹⁾		Volume de Leite entregue ²⁾		Volume de Carne entregue ³⁾	
	nº	%	ha	%	CN	%	CN	%	CN	%	CN	%	t	%	t	%
Grau de extensificação																
Extensivo	615	25,2	17 113	32,3	17 103	16,0	14 118	16,3	0	-	2 985	14,8	94 999	15,1	1 066	14,9
Semi-extensivo	989	40,5	24 158	45,5	46 377	43,5	38 648	44,6	0	-	7 729	38,4	284 396	45,3	2 817	39,4
Intensivo	821	33,6	11 788	22,2	42 905	40,2	33 537	38,7	0	-	9 368	46,5	245 346	39,1	3 246	45,4
S/ Área Forrageira	18	0,7	0	0,0	322	0,3	264	0,3	0	-	58	0,3	2 824	0,4	17	0,2
Total	2 443	100	53 058	100	106 706	100	86 567	100	0	-	20 139	100	627 565	100	7 145	100
Dimensão do Efetivo																
Pequena	1 554	63,6	20 196	38,1	34 708	32,5	29 653	34,3	0	-	5 055	25,1	201 455	32,1	1 840	25,8
Média	572	23,4	16 148	30,4	32 630	30,6	26 995	31,2	0	-	5 635	28,0	193 651	30,9	2 023	28,3
Grande	267	10,9	12 437	23,4	28 229	26,5	22 224	25,7	0	-	6 005	29,8	169 918	27,1	2 093	29,3
Muito Grande	50	2,0	4 277	8,1	11 139	10,4	7 695	8,9	0	-	3 444	17,1	62 542	10,0	1 189	16,6
Total	2 443	100	53 058	100	106 706	100	86 567	100	0	-	20 139	100	627 565	100	7 145	100

¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾Volume de leite correspondente a entregas a compradores de leite estabelecidos na RAA (inclui valor residual de vendas diretas)

³⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Complementarmente, no Quadro 29 apresentam-se **indicadores de caracterização técnico-estrutural** do sistema de carne em análise. As explorações classificadas neste sistema apresentam:

- uma área forrageira média de 21,7 ha, que varia entre 14,4 ha para os sistemas intensivos e 27,8 ha para os sistemas extensivos;
- um encabeçamento médio para o efetivo de carne de 0,4 CN/ha, que varia entre 0,2 CN/ha para os sistemas extensivos e 0,8 CN/ha para os sistemas intensivos;
- um volume médio de carne entregue por hectare de área forrageira de 134,7 kg/ha, que varia entre 62,3 kg/ha nos sistemas extensivos e 275,3 kg/ha nos sistemas intensivos.

Quadro 29 - Principais características do sistema misto com vacas leiteiras (A), de acordo com o seu grau de extensificação e a dimensão do efetivo, em 2019

Sistema misto com Vacas Leiteiras (A) de acordo com	Área Forrageira (ha/produção)	Efetivo Total (CN) por		Vacas Leiteiras (CN) por		Vacas Aleitantes (CN) por		Efetivo Carne ¹⁾ (CN) por		Volume de Leite entregue ²⁾ (t) por		Volume de Carne entregue ³⁾ (kg) por	
		Produção	Área Forrageira	Produção	Área Forrageira	Produção	Área Forrageira	Produção	Área Forrageira	Produção	Área Forrageira	Produção	Área Forrageira
Grau de extensificação													
Extensivo	27,8	28	1,0	23	0,8	0	0,0	5	0,2	154	5,6	1 733	62,3
Semi-extensivo	24,4	47	1,9	39	1,6	0	0,0	8	0,3	288	11,8	2 848	116,6
Intensivo	14,4	52	3,6	41	2,8	0	0,0	11	0,8	299	20,8	3 953	275,3
S/ Área Forrageira	0,0	18	-	15	-	0	-	3	-	157	-	927	-
Média	21,7	44	2,0	35	1,6	0	0,0	8	0,4	257	11,8	2 925	134,7
Dimensão do Efetivo													
Pequena	13,0	22	1,7	19	1,5	0	0,0	3	0,3	130	10,0	1 184	91,1
Média	28,2	57	2,0	47	1,7	0	0,0	10	0,3	339	12,0	3 536	125,3
Grande	46,6	106	2,3	83	1,8	0	0,0	22	0,5	636	13,7	7 840	168,3
Muito Grande	85,5	223	2,6	154	1,8	0	0,0	69	0,8	1 251	14,6	23 774	277,9
Média	21,7	44	2,0	35	1,6	0	0,0	8	0,4	257	11,8	2 925	134,7

¹⁾Efetivo de carne existente nas explorações agrícolas

²⁾Volume de leite correspondente a entregas a compradores de leite estabelecidos na RAA (inclui valor residual de vendas diretas)

³⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

2.1.4 Análise económica dos sistemas de produção de carne de bovinos

São quatro os **fatores determinantes dos resultados económicos dos sistemas de produção de carne de bovinos nos Açores**:

- o preço pago ao produtor;
- a produtividade alcançada pelas respetivas atividades produtivas;
- as ajudas públicas de que os produtores de carne beneficiam;
- os custos de produção da carne das respetivas explorações.

Para a análise económica dos sistemas de produção de carne de bovinos, irão ser analisados os sistemas especializados na produção de carne (D e E), ou seja, aqueles em que o produto principal é a carne, uma vez que os sistemas mistos de produção de leite e carne, analisados no relatório do “*Plano Estratégico para a Fileira do Leite de Bovinos dos Açores*”, têm como principal produto final o leite.

2.1.4.1 Preços da carne no produtor

O preço no produtor da carne nos Açores é pago de acordo com as classes de conformação das carcaças (SEUROPE) e a categoria de idade do animal (Quadro 30). Em 2019, o preço médio pago para o vitelão foi de 2,99 €/kg, valor este inferior ao que se verificou para os novilhos com menos de 24 meses (3,08 €/kg). No que se refere aos outros machos, o preço médio para os touros com mais de 24 meses não castrados atingiu 2,16 €/kg e para os bois, machos castrados, 3 €/kg. Relativamente a bovinos fêmeas, as vacas já paridas foram pagas a 2,01 €/kg e as novilhas não paridas a 2,89 €/kg.

Quadro 30 - Preços médios da carne (€/kg), por categoria de idade dos bovinos e classe de conformação das carcaças, em 2019

Categorias dos bovinos	Classes de conformação das carcaças (SEUROP) e preços (€/kg)						
	S	E	U	R	O	P	Média
Vitelão (machos/Fêmeas 8-12 meses)	ND	ND	3,25	3,13	2,92	ND	2,99
Novilhos (machos não castrados < 24 meses)	ND	ND	3,39	3,13	2,89	ND	3,08
Touros (machos não castrados > 24 meses)	ND	ND	ND	2,16	ND	ND	2,16
Bois (machos castrados)	ND	ND	ND	3,00	ND	ND	3,00
Vacas (fêmeas já paridas)	ND	ND	ND	2,18	2,05	1,94	2,01
Novilhas (outras fêmeas)	ND	ND	3,21	2,98	2,72	ND	2,89

Fonte: IAMA, 2019

2.1.4.2 Produtividade da carne

Com base na informação que nos foi disponibilizada pela DRDR e pelo IAMA, foi possível calcular, para cada produtor de carne beneficiário das ajudas do POSEI, o efetivo de carne e o volume de carne entregue, dados a partir dos quais se procedeu ao cálculo, para cada sistema especializado na produção de carne e por Ilha, dos seguintes indicadores:

- efetivo de carne por produtor;
- volume de carne por CN do efetivo de carne;
- peso dos animais vivos vendidos;
- volume de carne por produtor.

Da análise dos valores assumidos por estes indicadores nos dois sistemas especializados na produção de carne de bovino, pode concluir-se, no essencial, que (Quadro 31):

- **o sistema especializado na produção de carne sem vacas aleitantes (E)** é o que tem, em média, uma produtividade por CN mais elevada (272 kg/CN) e o maior volume de carne entregue por produtor (3.865 kg/prod), o que é consequência do reduzido número de CN por produtor (11,4 CN/prod), fruto da ausência de vacas aleitantes nas explorações;
- **o sistema especializado na produção de carne com vacas aleitantes (D)** é o mais representativo a nível regional (50,1% dos produtores), apresenta o volume de carne entregue por produtor menos elevado (2.143 kg/prod), mais animais por produtor (28,9 CN/produtor) e uma menor produtividade por CN (75 kg/CN).

Quadro 31 - Indicadores de representatividade e produtividade dos sistemas especializados de produção de carne (D e E), em 2019.

Sistemas Especializados de Produção de Carne	Produtores (Nº)	Efetivo de Carne Abatido ou Vendido Vivo ¹⁾ (CN)	Estimativa do Volume de Carne ²⁾ (t)	Efetivo de Carne Abatido ou Vendido Vivo ¹⁾ (CN)/ Produtor (CN/Prod)	Estimativa do Volume de Carne ²⁾ / Animal (kg/CN)	Estimativa do Volume de Carne ²⁾ / Produtor (kg/Prod)
c/vacas aleitantes (D)	1 553	44 667	3 328	28,8	74,5	2 143
s/ vacas aleitantes (E)	1 545	21 937	5 971	14,2	272,2	3 865
Total/Média	3 098	66 603	9 299	21,5	139,6	3 002

¹⁾ Efetivo de bovinos das explorações efetivamente abatido ou vendido vivo

²⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo + Estimativa do volume de carne correspondente aos animais vivos vendidos

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Nos Quadros 32 e 33 constam os valores assumidos pelos indicadores de produtividade nas diferentes Ilhas do Arquipélago para cada um dos sistemas especializados na produção de carne dos Açores, os quais nos permitem analisar as principais diferenças existentes inter-ilhas para cada um dos sistemas.

No que diz respeito **ao sistema com vacas aleitantes (D)** (Quadro 32), podemos concluir que, em média:

- são os produtores de São Miguel que apresentam a produtividade de carne por CN mais elevada (97 kg/CN), seguidos pelos produtores do Faial (92 kg/CN) e os da Terceira (83 kg/CN);
- são os produtores do Pico que têm o mais elevado número de animais por produtor (39,7 CN/prod), seguidos pelos produtores de São Miguel (35,9 CN/prod) e pelos da Terceira (31,9 CN/prod);
- são os produtores de São Miguel que apresentam o maior volume de produção de carne por produtor (3 461 kg/prod), seguidos pelos produtores do Pico (3 124 kg/prod) e pelos da Terceira (2 646 kg/prod).

Quadro 32 - Indicadores de produtividade do sistema de carne com vacas aleitantes (D), por ilha, em 2019

Ilhas	Produtores (Nº)	Efetivo de Carne Abatido ou Vendido Vivo ¹⁾ (CN)	Estimativa do Volume de Carne ²⁾ (t)	Efetivo de Carne Abatido ou Vendido Vivo ¹⁾ (CN)/ Produtor (CN/Prod)	Estimativa do Volume de Carne ²⁾ / Animal (kg/CN)	Estimativa do Volume de Carne ²⁾ / Produtor (kg/Prod)
São Miguel	17	610	59	35,9	97	3 461
Terceira	109	3 473	288	31,9	83	2 646
Pico	458	18 189	1 431	39,7	79	3 124
Faial	264	6 070	558	23,0	92	2 113
São Jorge	195	5 104	263	26,2	52	1 350
Flores	141	2 932	140	20,8	48	991
Graciosa	149	2 919	231	19,6	79	1 548
Corvo	33	596	30	18,1	50	908
Santa Maria	187	4 774	328	25,5	69	1 757
Açores	1 553	44 667	3 328	28,8	75	2 143

¹⁾ Efetivo de bovinos das explorações efetivamente abatido ou vendido vivo

²⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo + Estimativa do volume de carne correspondente aos animais vivos vendidos

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

Relativamente **ao sistema sem vacas aleitantes (E)** (Quadro 33), conclui-se que, em média:

- são os produtores das Flores que apresentam a produtividade de carne por CN mais elevada (463 kg/CN) seguidos pelos produtores do Corvo (406 kg/CN) e os do Faial (374 kg/CN);
- são os produtores de São Miguel que têm o mais elevado número de animais por produtor (20,1 CN/prod), seguidos pelos produtores do Pico (13,8 CN/prod) e pelos da Terceira (12,4 CN/prod);
- são os produtores de São Miguel que apresentam o maior volume de produção de carne por produtor (5 032 kg/prod), seguidos pelos produtores do Pico (4 119 kg/prod) e pelos da Terceira (3 632 kg/prod).

Quadro 33 - Indicadores de produtividade do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), por ilha, em 2019.

Ilhas	Produtores (Nº)	Efetivo de Carne Abatido ou Vendido Vivo ¹⁾ (CN)	Estimativa do Volume de Carne ²⁾ (t)	Efetivo de Carne Abatido ou Vendido Vivo ¹⁾ (CN)/ Produtor (CN/Prod)	Estimativa do Volume de Carne ²⁾ / Animal (kg/CN)	Estimativa do Volume de Carne ²⁾ / Produtor (kg/Prod)
São Miguel	626	12 602	3 150	20,1	250	5 032
Terceira	586	7 264	2 128	12,4	293	3 632
Pico	71	977	292	13,8	299	4 119
Faial	111	461	172	4,2	374	1 551
São Jorge	83	242	85	2,9	351	1 025
Flores	22	131	61	6,0	463	2 763
Graciosa	29	122	38	4,2	307	1 298
Corvo	1	1	0	0,8	406	325
Santa Maria	16	137	44	8,6	321	2 748
Açores	1 545	21 937	5 971	14,2	272	3 865

¹⁾ Efetivo de bovinos das explorações efetivamente abatido ou vendido vivo

²⁾ Volume de carne correspondente aos animais entregues para abate cujas carcaças foram aprovadas para consumo + Estimativa do volume de carne correspondente aos animais vivos vendidos

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

2.1.4.3 Ajudas à Produção

As ajudas em vigor no contexto do POSEI que são pertinentes para os sistemas de produção em causa (Caixa 3), bem com as Medidas Agroambientais (MAA) com impacto na produção de carne e as Medidas de Apoio às Zonas Desfavorecidas (MAZD), ambas do PRORURAL+ (Programa de Desenvolvimento Rural da RAA, 2014-2022) (Caixa 4), assumem grande importância para os resultados económicos dos dois sistemas especializados na produção de carne, como se pode constatar pelos valores assumidos pelas ajudas por produtor para o conjunto das ajudas consideradas (Quadro 34).

É de realçar que aqueles valores são bastante mais elevados para o sistema especializado na produção de carne com vacas aleitantes (D) do que para o sistema sem vacas aleitantes (E), o que

é consequência do apoio às vacas aleitantes do POSEI e das MAA e das MAZD de que podem beneficiar as explorações que as possuem.

Quadro 34 - Ajudas à Produção (€/produtor) para os sistemas especializados de produção de carne (D e E): valores médios totais e por ajuda, para o conjunto dos sistemas e por sistema, em 2019

Sistemas Especializados de Produção de Carne (€/produtor)	Ajudas (€/produtor)									
	Vacas Aleitantes	Abate Bovinos	Escoamento Bovinos	Transporte entre Ilhas	Milho, Sorgo, Luzerna	Total POSEI	MAA	MAZD	Total MAA e MAZD	Total
c/vacas aleitantes (D)	5 342	1 569	440	26	302	7 679	3 385	3 006	6 391	14 070
s/ vacas aleitantes (E)	0	4 703	40	1	224	4 968	188	596	785	5 752
Média	2 678	3 132	241	13	263	6 327	1 791	1 804	3 595	9 922
c/vacas aleitantes (D)	38,0%	11,2%	3,1%	0,2%	2,1%	54,6%	24,1%	21,4%	45,4%	100,0%
s/ vacas aleitantes (E)	0,0%	81,8%	0,7%	0,0%	3,9%	86,4%	3,3%	10,4%	13,6%	100,0%
Média	27,0%	31,6%	2,4%	0,1%	2,7%	63,8%	18,1%	18,2%	36,2%	100,0%

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Em ambos os sistemas as ajudas do POSEI são dominantes. Contudo, no sistema com vacas aleitantes (D) as ajudas do PRORURAL+ correspondem a 45,4% do total das ajudas, enquanto no sistema sem vacas aleitantes € correspondem apenas a 13,6%.

As **diferenças inter-ilhas das ajudas pagas para os diferentes tipos de ajudas (POSEI e PRORURAL+)**, por produtor e sistema de carne, podem ser observadas nos Quadros 35 e 36. As diferenças observadas podem ser justificadas pelas diferentes dimensões médias dos efetivos.

No que respeita às ajudas para o **sistema de carne com vacas aleitantes (D)**, verifica-se que as ajudas do PRORURAL+ são dominantes no Corvo, São Jorge e Flores. As ilhas do Pico, São Jorge e São Miguel apresentam valores de ajuda por produtor superiores à média regional, registando-se o valor mais elevado no Pico e o mais baixo na Graciosa.

Quadro 35 - Ajudas à Produção (€/produtor) para o sistema de carne com vacas aleitantes (D), por ilha: valores médios totais e por ajuda, em 2019

Sistema de Carne com Vacas Aleitantes (D)	Ajudas (€/produtor)									
	Vacas Aleitantes	Abate Bovinos	Escoamento Bovinos	Transporte entre Ilhas	Milho, Sorgo, Luzerna	Total POSEI	MAA	MAZD	Total MAA e MAZD	Total
São Miguel	5 714	3 458	0	0	1 060	10 232	1 483	2 136	3 618	13 850
Terceira	5 311	2 726	73	0	522	8 631	1 675	1 899	3 574	12 205
Pico	7 577	2 205	733	0	433	10 948	5 798	4 019	9 817	20 765
Faial	3 552	1 963	35	0	166	5 716	1 186	2 344	3 530	9 246
São Jorge	5 263	1 083	154	0	151	6 651	5 532	3 137	8 669	15 320
Flores	4 315	728	338	166	22	5 568	3 165	3 072	6 237	11 805
Graciosa	3 202	746	626	78	792	5 445	383	1 930	2 313	7 758
Corvo	3 556	458	308	140	0	4 462	3 593	3 295	6 888	11 350
Santa Maria	5 260	604	799	3	3	6 668	2 032	2 807	4 839	11 506
Açores	5 342	1 569	440	26	302	7 679	3 385	3 006	6 391	14 070
São Miguel	41,3%	25,0%	0,0%	0,0%	7,7%	73,9%	10,7%	15,4%	26,1%	100,0%
Terceira	43,5%	22,3%	0,6%	0,0%	4,3%	70,7%	13,7%	15,6%	29,3%	100,0%
Pico	36,5%	10,6%	3,5%	0,0%	2,1%	52,7%	27,9%	19,4%	47,3%	100,0%
Faial	38,4%	21,2%	0,4%	0,0%	1,8%	61,8%	12,8%	25,4%	38,2%	100,0%
São Jorge	34,4%	7,1%	1,0%	0,0%	1,0%	43,4%	36,1%	20,5%	56,6%	100,0%
Flores	36,6%	6,2%	2,9%	1,4%	0,2%	47,2%	26,8%	26,0%	52,8%	100,0%
Graciosa	41,3%	9,6%	8,1%	1,0%	10,2%	70,2%	4,9%	24,9%	29,8%	100,0%
Corvo	31,3%	4,0%	2,7%	1,2%	0,0%	39,3%	31,7%	29,0%	60,7%	100,0%
Santa Maria	45,7%	5,2%	6,9%	0,0%	0,0%	58,0%	17,7%	24,4%	42,1%	100,0%
Açores	38,0%	11,2%	3,1%	0,2%	2,1%	54,6%	24,1%	21,4%	45,4%	100,0%

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Relativamente às ajudas para o **sistema de carne sem vacas aleitantes (E)**, verifica-se que as ajudas do POSEI são dominantes em todas as ilhas (com especial relevo para a ajuda ao abate de bovinos), com exceção de São Jorge. As ilhas de São Miguel e do Pico apresentam valores de ajuda por produtor superiores à média regional, registando-se o valor mais elevado em São Miguel e o mais baixo no Corvo.

Quadro 36 - Ajudas à Produção (€/produtor) para o sistema de carne sem vacas aleitantes (E), por ilha: valores médios totais e por ajuda, em 2019

Sistema de Carne sem Vacas Aleitantes (E)	Ajudas (€/produtor)									
	Vacas Aleitantes	Abate Bovinos	Escoamento Bovinos	Transporte entre Ilhas	Milho, Sorgo, Luzerna	Total POSEI	MAA	MAZD	Total MAA e MAZD	Total
São Miguel	0	6 811	0	0	288	7 099	21	471	492	7 591
Terceira	0	4 152	33	0	237	4 422	135	513	648	5 070
Pico	0	3 630	300	0	164	4 095	1 700	1 540	3 240	7 335
Faial	0	1 432	25	0	35	1 492	307	1 058	1 364	2 856
São Jorge	0	814	94	0	45	952	469	635	1 104	2 057
Flores	0	481	80	15	0	577	51	527	578	1 155
Graciosa	0	1 233	117	6	231	1 587	125	675	800	2 387
Corvo	0	550	170	0	0	720	0	0	0	720
Santa Maria	0	2 411	350	21	0	2 783	19	942	961	3 743
Açores	0	4 703	40	1	224	4 968	188	596	785	5 752
São Miguel	0,0%	89,7%	0,0%	0,0%	3,8%	93,5%	0,3%	6,2%	6,5%	100,0%
Terceira	0,0%	81,9%	0,6%	0,0%	4,7%	87,2%	2,7%	10,1%	12,8%	100,0%
Pico	0,0%	49,5%	4,1%	0,0%	2,2%	55,8%	23,2%	21,0%	44,2%	100,0%
Faial	0,0%	50,1%	0,9%	0,0%	1,2%	52,2%	10,7%	37,0%	47,8%	100,0%
São Jorge	0,0%	39,6%	4,6%	0,0%	2,2%	46,3%	22,8%	30,9%	53,7%	100,0%
Flores	0,0%	41,7%	7,0%	1,3%	0,0%	50,0%	4,5%	45,6%	50,0%	100,0%
Graciosa	0,0%	51,7%	4,9%	0,2%	9,7%	66,5%	5,2%	28,3%	33,5%	100,0%
Corvo	0,0%	76,4%	23,6%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Santa Maria	0,0%	64,4%	9,3%	0,6%	0,0%	74,3%	0,5%	25,2%	25,7%	100,0%
Açores	0,0%	81,8%	0,7%	0,0%	3,9%	86,4%	3,3%	10,4%	13,6%	100,0%

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

CAIXA 3 – POSEI: MEDIDAS DE APOIO À PRODUÇÃO DE LEITE E CARNE DE BOVINOS		
PRODUÇÕES ANIMAIS		
Medida	Tipologia	Valor Unitário
Prémio à vaca aleitante	Quotas individuais	300 €/fêmea
Prémio ao abate de bovinos	Prémio por animal com suplementos	< 7 meses – 40 €
		> 7 meses – 100 €
		Suplementos (machos):
		7 a 12 meses – 160 €
		> 12 meses – 190 €
		IGP, MPB ou Ramo Grande – 40 €
Ajuda ao escoamento de jovens bovinos dos Açores	Prémio por fêmea até 8 meses e macho até 18 meses	40 €/cabeça
		Suplementos:
		130 € por macho entre 7 e 18 meses
		30 € para expedições para Madeira e Canárias
Ajuda ao transporte inter-ilhas de jovens bovinos	Ajuda aos produtores de Santa Maria, Graciosa, Flores e Corvo que tenham expedido bovinos jovens para São Miguel, Terceira, Pico ou Faial	40 €/cabeça
		Suplemento de 130 € por macho entre 7 e 18 meses
PRODUÇÕES VEGETAIS		
Medida	Tipologia	Valor Unitário
Ajuda aos produtores de culturas arvenses	Milho, sorgo e luzerna (Min 0,3 ha)	Milho - 500 €/ha
		Luzerna - 300 €/ha
		Sorgo - 300 €/ha
		Suplemento de 20% para MPB

CAIXA 4 - MEDIDAS AGRO-AMBIENTAIS (MAA) COM IMPACTO NA PRODUÇÃO DE CARNE E MEDIDAS DE APOIO ÀS ZONAS DESFAVORECIDAS (MZD)				
MEDIDAS AGRO-AMBIENTAIS (MAA)				
Medida	Tipologia	Valor Unitário		
Manutenção da Extensificação da Produção Pecuária	prémio anual por hectare (durante 5 anos)	<u>Manutenção (0,6-1,4 CN/hectare de SF):</u> 190€ durante 5 anos		
		<u>1º Regime Redução (>1,4 <1,9 CN/hectare de SF):</u>		
		1º e 2º anos - 220€		
		3º, 4 e 5º anos - 190€		
		<u>2º Regime Redução (>1,9 <2,5 CN/hectare de SF):</u>		
		1º e 2º anos - 350€		
		3º, 4 e 5º anos - 190€		
		<u>3º Regime Redução (>2,5 CN/hectare de SF):</u>		
		1º e 2º anos - 430€		
3º, 4 e 5º anos - 190€				
Produção Integrada	prémio anual por hectare (durante 5 anos)	- 400 €/ha para a horticultura;		
		- 400 €/ha para a floricultura;		
		- 600 €/ha para a cultura do chá;		
		- 80 €/ha para a pastagem permanente, sem predominância de vegetação arbustiva.		
Proteção da Raça Bovina Autoctone Ramo Grande	prémio anual por CN (durante 5 anos)	200 €		
MEDIDAS DE APOIO ÀS ZONAS DESFAVORECIDAS (MZD)				
Medida	Tipologia	Valor Unitário		
Pagamentos Relativos a Zonas Sujeitas a Condicionantes Naturais ou Outras Condicionantes Específicas	prémio anual por hectare (durante 5 anos)	<u>Classes de SA (ha)</u>	<u>São Miguel e Terceira</u>	<u>Restantes Ilhas</u>
		até 7 anos	190 €	250 €
		mais de 7 até 14	143 €	200 €
		mais de 14 até 21	124 €	150 €
		mais de 21 até 28	76 €	100 €
		mais de 28 até 80	56 €	80 €
		mais de 80 até 120	20 €	34 €
		mais de 120	10 €	17 €

2.1.4.4 Receita Bruta de Exploração (RBE)

Com base nos valores dos preços médios registados em cada uma das Ilhas, dos valores de produção de carne de cada produtor beneficiário do POSEI e das respetivas ajudas à produção (POSEI+MAA+MAZD), procedeu-se ao cálculo das receitas brutas de exploração (RBE) de cada produtor especializado na produção de carne dos Açores, com base na seguinte fórmula:

$$\text{Receita bruta de exploração} = \text{Receita da venda de carne} + \text{Receita da venda de animais vivos} + \text{Ajudas à produção de carne}$$

Da análise dos **valores médios da RBE para cada um dos sistemas especializados na produção** de carne, podem retirar-se as seguintes conclusões principais (Quadro 37):

- as receitas de venda de carne são a componente dominante da RBE do sistema especializado na produção de carne sem vacas aleitantes (E), correspondendo a 66% daquela receita;
- as ajudas à produção da carne são a componente dominante da RBE do sistema especializado na produção de carne com vacas aleitantes (D), correspondendo a 70% daquela receita;
- a dependência das ajudas à produção dos dois sistemas especializados de produção de carne, medida pelas respetivas estimativas de suporte aos produtores (ESP) é, em média, de 53,1%, com um valor máximo observado para o sistema especializado de produção de carne com vacas aleitantes (D) (69,6 %) e bastante inferior para o sistema especializado na produção de carne sem vacas aleitantes (E) (33,6%).

Quadro 37 - Receita Bruta de Exploração (€/produtor) dos sistemas especializados de carne (D e E), em 2019

Sistemas Especializados de Produção de Carne	Receita de Venda (€/produtor) em		Ajudas à Produção (€/produtor)	Receita Bruta de Exploração (€/produtor)	Estimativa do Suporte aos Produtores ¹⁾ (%)
	Carcaça	Vivo			
c/vacas aleitantes (D)	4 529	1 627	14 070	20 226	69,6
s/ vacas aleitantes (E)	11 231	133	5 752	17 116	33,6
Média	7 871	882	9 922	18 675	53,1

¹⁾ Estimativa de suporte aos produtores= Ajudas à Produção/Receita Bruta de Exploração

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

No Quadro 38 apresentam-se os **valores médios da RBE, por ilha, para o sistema de carne com vacas aleitantes (D)**. Salientam-se as diferenças inter-ilhas observadas para a ESP, que atinge os seus valores mais elevados no Corvo e em São Jorge (82,8% e 81,6%, respetivamente) e os mais baixos no Faial e na Terceira (59,9% e 62,4%, respetivamente).

Quadro 38 - Receita Bruta de Exploração (€/produtor) do sistema de carne com vacas aleitantes (D), por ilha, em 2019

Sistema de Carne com Vacas Aleitantes (D)	Receita de Venda (€/produtor) em		Ajudas à Produção (€/produtor)	Receita Bruta de Exploração (€/produtor)	Estimativa do Suporte aos Produtores ¹⁾ (%)
	Carcaça	Vivo			
São Miguel	9 803	0	13 850	23 653	58,6
Terceira	7 114	248	12 205	19 567	62,4
Pico	6 456	2 574	20 765	29 794	69,7
Faial	6 084	115	9 246	15 445	59,9
São Jorge	3 043	400	15 320	18 764	81,6
Flores	1 220	1 780	11 805	14 805	79,7
Graciosa	2 104	2 530	7 758	12 392	62,6
Corvo	848	1 512	11 350	13 710	82,8
Santa Maria	2 253	2 861	11 506	16 620	69,2
Açores	4 529	1 627	14 070	20 226	69,6

¹⁾ Estimativa de suporte aos produtores= Ajudas à Produção/Receita Bruta de Exploração

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

No que respeita aos **valores médios da RBE, por ilha, para o sistema de carne sem vacas aleitantes (E)** (Quadro 39), salienta-se, em todas as ilhas, a sua muito menor dependência das ajudas à produção face ao sistema de carne com vacas aleitantes (D). A ESP atinge os seus valores mais elevados em São Jorge e no Corvo (42,6% e 40,4%, respetivamente) e os mais reduzidos nas Flores, em Santa Maria e na Terceira (13,9%, 31,1% e 32,1% respetivamente).

Quadro 39 - - Receita Bruta de Exploração (€/produtor) do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), por ilha, em 2019

Sistema de Carne sem Vacas Aleitantes (E)	Receita de Venda (€/produtor) em		Ajudas à Produção (€/produtor)	Receita Bruta de Exploração (€/produtor)	Estimativa do Suporte aos Produtores ¹⁾ (%)
	Carcaça	Vivo			
São Miguel	14 828	0	7 591	22 419	33,9
Terceira	10 610	94	5 070	15 774	32,1
Pico	11 250	1 038	7 335	19 622	37,4
Faial	4 462	78	2 856	7 396	38,6
São Jorge	2 453	315	2 057	4 825	42,6
Flores	6 806	335	1 155	8 296	13,9
Graciosa	3 224	438	2 387	6 050	39,5
Corvo	447	615	720	1 782	40,4
Santa Maria	6 948	1 332	3 743	12 023	31,1
Açores	11 231	133	5 752	17 116	33,6

¹⁾ Estimativa de suporte aos produtores= Ajudas à Produção/Receita Bruta de Exploração

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

2.1.4.5 Custo de produção da carne

Com base nos dados da AGROGES relativos a contas de exploração de atividades pecuárias e às opiniões expressas por produtores e técnicos das diferentes Ilhas dos Açores, foi possível proceder a uma estimativa dos custos médios de produção de carne, em 2019, para os sistemas especializados na produção de carne (**Caixa 5**).

A partir destas estimativas, obtiveram-se os custos médios de produção de carne para os dois tipos de sistemas especializados em carne e para as diferentes Ilhas dos Açores, cujos resultados constam dos Quadros 40 e 41.

No Quadro 40 apresentam-se os **valores estimados para os custos de produção de carne por kg de carne (€/kg) e por CN de efetivo de carne (€/CN)**, de cuja análise se pode concluir, no essencial o seguinte:

- o custo médio de produção de carne nos Açores foi, em 2019, de 2,60 €/kg, registando-se um diferencial de 0,56 €/kg entre o sistema sem vacas aleitantes (E) (2,80 €/kg) e o sistema com vacas aleitantes (D) (2,24 €/kg);
- o custo médio de produção por CN foi, nesse mesmo ano, de 363 €/CN, valor este que diferiu significativamente da média em ambos os sistemas especializados em carne; no caso do sistema com vacas aleitantes (D) foi de 167 €/CN e no caso do sistema sem vacas aleitantes (E) de 763 €/CN;
- o custo médio de produção por produtor foi, no mesmo ano, de 7.803 €/produtor, valor este que também diferiu significativamente da média em ambos os sistemas especializados em carne; no caso do sistema com vacas aleitantes (D) foi de 4.794 €/produtor e no caso do sistema sem vacas aleitantes (E) de 10.828 €/produtor.

Quadro 40 - Custos médios de produção (€/kg, €/CN e €/produtor) dos sistemas especializados de carne (D e E), em 2019

Sistemas de Carne	€/ Kg de Carne	€/CN	€/Produtor
c/vacas aleitantes (D)	2,24	167	4 794
s/ vacas aleitantes (E)	2,80	763	10 828
Média	2,60	363	7 803

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

No Quadro 41 apresentam-se os **valores estimados para os custos de produção de carne por kg de carne (€/kg) e por CN de efetivo de carne (€/CN), por ilha**, para os dois sistemas especializados na produção de carne, destacando-se o seguinte:

- no caso do **sistema com vacas aleitantes (D)**, as ilhas de Santa Maria, Corvo, Flores, São Jorge e Pico registam um custo médio por kg de carne superior à média regional, apresentando as ilhas de São Miguel, Terceira, Faial e Graciosa, valores inferiores àquela média. O custo médio regional por CN é superado no Pico e em Santa Maria;
- no caso do **sistema sem vacas aleitantes (E)**, apenas as ilhas da Graciosa, Pico, Terceira e São Miguel registam um custo médio por kg de carne superior à média regional,

apresentando as ilhas das Flores e do Corvo os valores mais baixos. O custo médio regional por CN é superado em todas as ilhas, com exceção das Flores, Corvo e São Miguel.

Quadro 41 – Custos médios de produção (€/kg, €/CN e €/produtor) dos sistemas especializados de carne (D e E), por ilha, em 2019

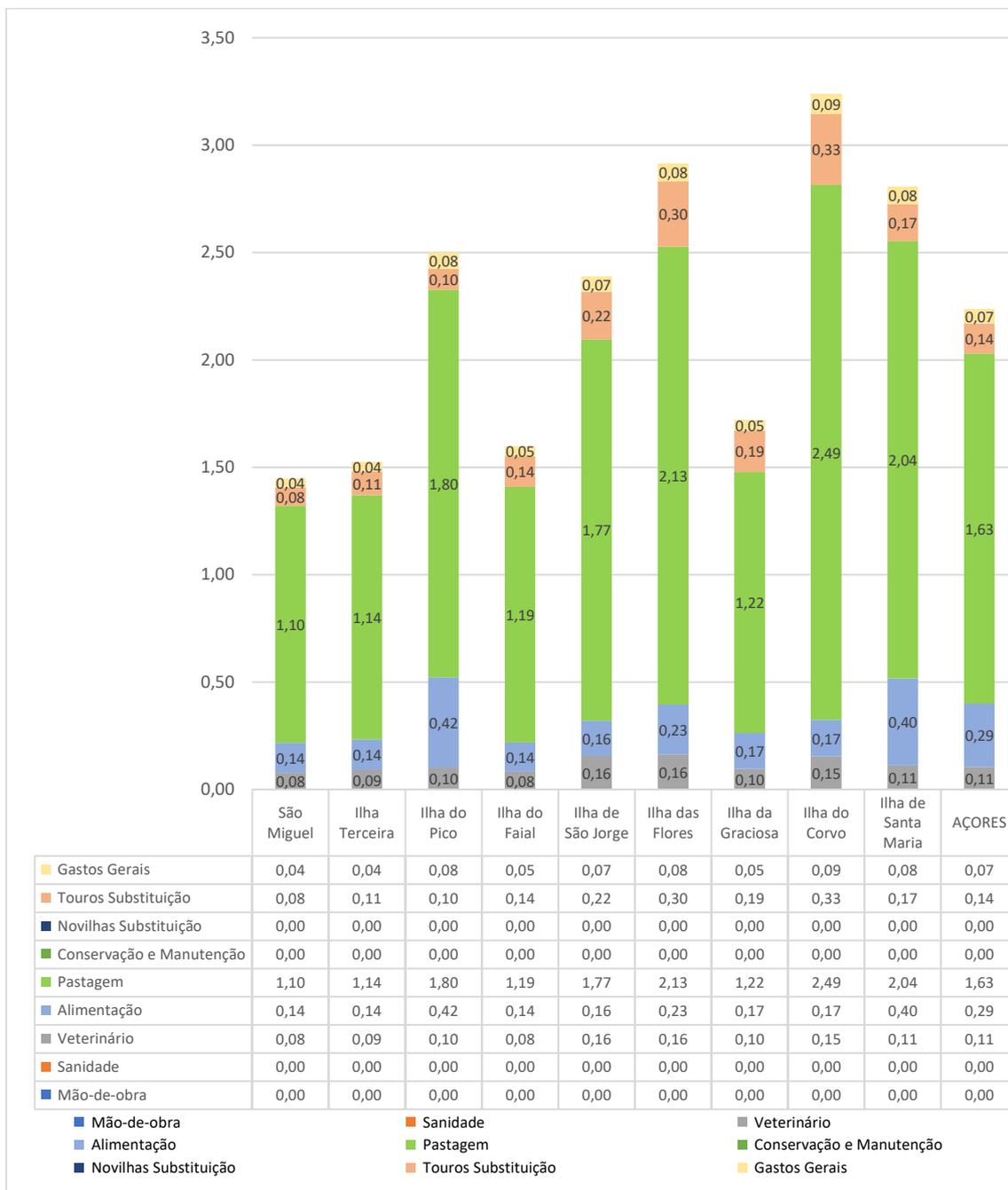
Ilhas	€/Kg de Carne		€/CN		€/Produtor	
	c/ Aleitantes (D)	s/ Aleitantes (E)	c/ Aleitantes (D)	s/ Aleitantes (E)	c/ Aleitantes (D)	s/ Aleitantes (E)
São Miguel	1,45	2,82	140	705	5 013	14 186
Terceira	1,53	2,85	127	834	4 038	10 337
Pico	2,50	2,89	197	867	7 808	11 923
Faial	1,60	2,59	147	969	3 378	4 021
São Jorge	2,39	2,23	123	783	3 227	2 288
Flores	2,92	1,43	139	664	2 888	3 960
Graciosa	1,72	2,94	136	903	2 664	3 811
Corvo	3,24	1,72	163	696	2 941	557
Santa Maria	2,81	2,51	193	807	4 930	6 896
Açores	2,24	2,80	167	763	4 794	10 828

Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

As diferenças registadas inter-Ilhas podem ser consequência de diversos fatores, nomeadamente, o encabeçamento, a proporção de vendas de animais em vivo e a produtividade por animal.

Quando analisadas as **diferentes componentes dos custos de produção do sistema de produção de carne com vacas aleitantes (D)**, verifica-se que o custo mais elevado corresponde à “Pastagem”, variando entre, 1,1 €/kg (São Miguel) e 2,49 €/kg (Corvo) de carne abatida. Os valores obtidos são sobretudo influenciados pela quantidade de carne produzida em cada exploração (correspondente aos animais vendidos vivos ou para abate) face ao número de vacas aleitantes e ao seu encabeçamento, já que todos os custos são atribuídos à totalidade da carne produzida. O custo com a “Alimentação” (alimentação comprada) é relativamente baixo pelo facto de neste tipo de explorações o recurso a este tipo de alimentação ser reduzido ao mínimo essencial (Figura 14).

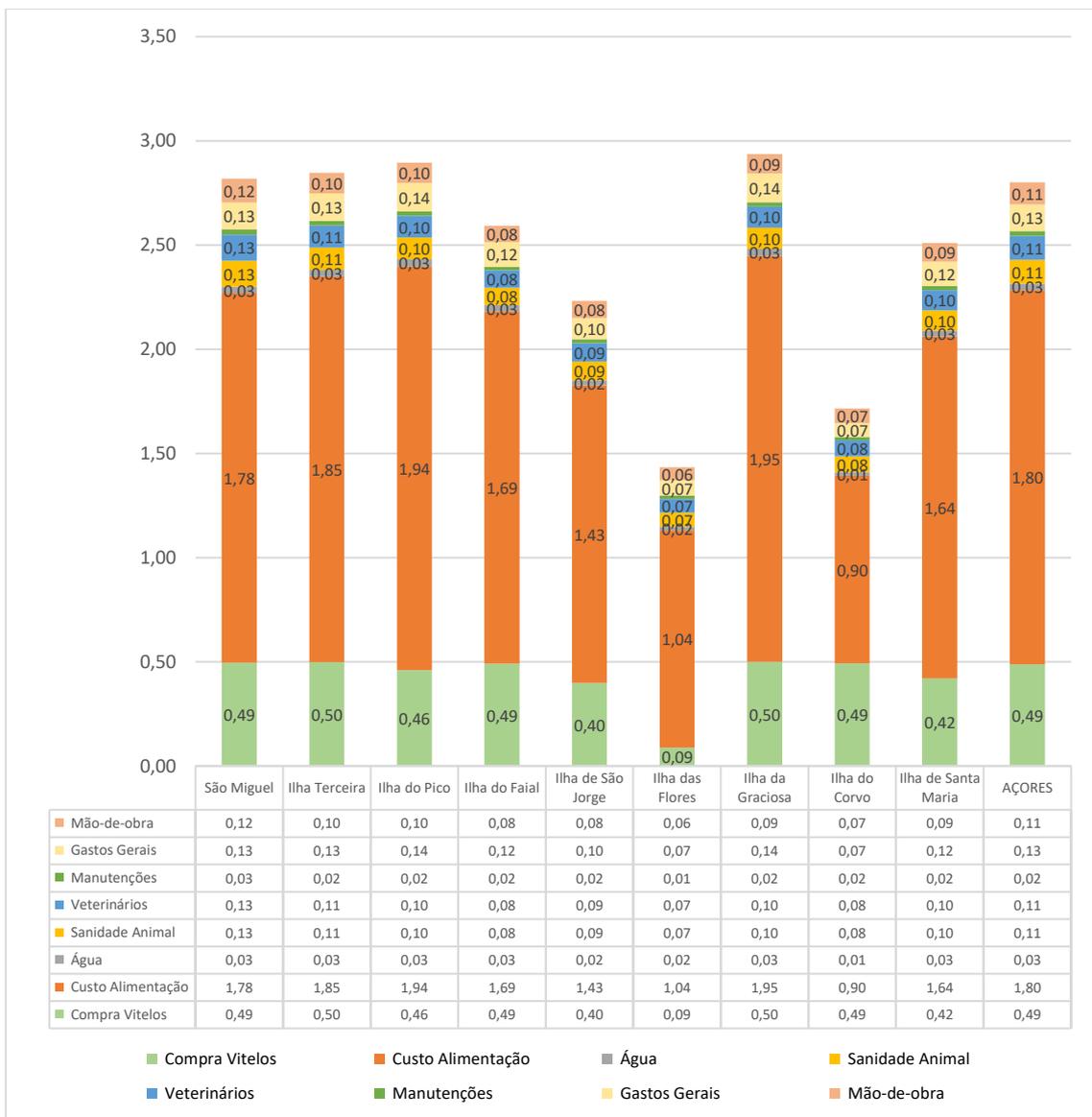
Figura 14 - Comparação do custo médio de produção por kg de carne, por ilha e componente do custo, para o sistema de carne com vacas aleitantes (D) (€/kg), em 2019



Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

No sistema de produção de carne sem vacas aleitantes (E), a componente dos custos de produção mais elevada corresponde aos “Custos de Alimentação”, variando entre 0,90 €/kg (Corvo) e 1,95 €/kg (Graciosa) de carne. Em segundo lugar surge o custo com a “Compra de vitelos”, com valores entre 0,09€/kg (Flores) e 0,49 €/kg (São Miguel, Faial e Corvo) de carne, valor que depende da proporção dos vitelos comprados face à carne produzida e que é mais baixo quando a produção de carne por animal é mais elevada (Figura 15).

Figura 15 - Comparação do custo médio de produção por kg de carne, por ilha e componente do custo, para o sistema de carne sem vacas aleitantes (E) (€/kg), em 2019



Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES

CAIXA 5 – METODOLOGIA UTILIZADA PARA ESTIMAR OS CUSTOS MÉDIOS DE PRODUÇÃO DA CARNE DOS AÇORES

- 1- Com base nos dados base das contas de exploração pecuárias da AGROGES, complementados pelas opiniões expressas por produtores e técnicos das diferentes Ilhas dos Açores, foi possível proceder a uma estimativa dos custos de produção de carne, em 2019, para os diferentes sistemas especializados na produção de carne (D e E).
- 2- Através das informações obtidas, estimou-se o custo de produção para cada categoria animal.
- 3- Para os sistemas sem vacas aleitantes (E), obtiveram-se os custos de recria/engorda por animal de cada categoria animal, para cada Ilha dos Açores, de acordo com o respetivo número médio de animais existentes na exploração da ilha.
- 4- O valor médio obtido por categoria animal foi utilizado como padrão para aplicar a cada exploração individual com base no número de animais abatidos e expedidos vivos de cada exploração.
- 5- Para os sistemas com vacas aleitantes (D), estimou-se o custo de produção associado a cada vaca aleitante, em cada Ilha, de acordo com o respetivo número médio de vacas aleitantes por exploração da Ilha e do seu respetivo encabeçamento por hectare de área forrageira, aplicando esse custo médio obtido por ilha ao número de vacas aleitantes efetivamente existentes em cada exploração individual.
- 6- Ainda para os sistemas com vacas aleitantes (D), estimou-se, adicionalmente o custo de produção associado a cada bovino em recria/engorda, de acordo com a sua categoria de idade e a taxa de engorda¹⁾ da Ilha. O valor médio unitário de custo de produção de cada animal em cada ilha foi utilizado para aplicar ao número de animais efetivos de cada exploração individual, tendo para o efeito utilizado o número de bovinos abatidos ou vendidos vivos de cada exploração.
- 7- De acordo com esta metodologia a estimativa da composição do valor final do custo de produção da carne por CN do efetivo de carne, baseia-se na ilha, no tipo de sistema, no encabeçamento e na taxa de engorda¹⁾.

Sistema de Carne com Vacas Aleitantes (D) (€/CN)	Ilha									
	São Miguel	Terceira	Pico	Faial	São Jorge	Flores	Graciosa	Corvo	Santa Maria	AÇORES
Compra Vitelos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alimentação e Pastagens	120	106	175	122	100	113	109	134	168	143
Veterinário e Sanidade	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8
Gastos Gerais	4	4	6	4	4	4	4	5	6	5
Reposição Efetivos	8	9	8	13	11	14	15	17	12	10
Custo Produção de Carne	140	127	197	147	123	139	136	163	193	167

Sistema de Carne sem Vacas Aleitantes (E) (€/CN)	Ilha									
	São Miguel	Terceira	Pico	Faial	São Jorge	Flores	Graciosa	Corvo	Santa Maria	AÇORES
Compra Vitelos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alimentação e Pastagens	451	552	590	643	510	491	609	372	536	497
Veterinário e Sanidade	63	62	63	63	63	63	63	63	63	63
Gastos Gerais	67	74	76	80	71	70	77	62	73	70
Reposição Efetivos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Custo Produção de Carne	705	834	867	969	783	664	903	696	807	763

¹⁾Número de animais abatidos e/ou vendidos vivos, por vaca aleitante

2.1.4.6 Rendimento Empresarial Líquido (REL)

Uma vez calculadas as receitas das vendas e as ajudas à produção da carne e estimados os custos de produção dos sistemas especializados em carne, procedeu-se à determinação do **rendimento empresarial líquido (REL) médio para os dois tipos de sistemas**, com base na seguinte fórmula:

$$\text{Rendimento Empresarial Líquido} = \text{Receita Bruta de Exploração} - \text{Custos de Produção}$$

O REL, assim determinado, exprime para as explorações de tipo empresarial, a remuneração do empresário e dos fatores próprios de produção terra e capital e, para as explorações do tipo familiar, a remuneração do trabalho do produtor e dos membros do seu agregado familiar, assim como dos fatores próprios de produção terra e capital.

Da análise do Quadro 42, que resume o **REL por produtor** dos dois tipos de sistemas especializados de carne, pode concluir-se que, em 2019, se verificava uma diferença muito significativa entre os resultados dos dois sistemas, com o sistema com vacas aleitantes (D) a atingir 15.432 €/produtor e o sistema sem vacas aleitantes (E) 6.289 €/produtor. O valor médio do REL para os dois sistemas foi estimado em 10.872 €/produtor.

Quadro 42 - Rendimento Empresarial Líquido (€/produtor) dos sistemas especializados de carne (D e E), em 2019

Sistemas Especializados de Produção de Carne	Receita Bruta de Exploração (€/produtor)		Custos de Produção (€/produtor)	Rendimento Empresarial Líquido (€/produtor)
	Receita das Vendas	Ajudas à Produção		
c/vacas aleitantes (D)	6 156	14 070	4 794	15 432
s/ vacas aleitantes (E)	11 364	5 752	10 828	6 289
Média	8 753	9 922	7 803	10 872

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

No Quadro 43, apresentam-se os valores da RBE, dos custos de produção e **do REL, por produtor e por ilha, para os dois sistemas especializados na produção de carne**, destacando-se o seguinte:

- no caso do **sistema com vacas aleitantes (D)**, apenas as ilhas de São Miguel, Pico e Terceira registam um REL por produtor superior à média regional, apresentando as ilhas da Graciosa e do Corvo os valores mais baixos;
- no caso do **sistema sem vacas aleitantes (E)**, apenas as ilhas de São Miguel e Pico registam um REL por produtor superior à média regional, apresentando as ilhas de São Jorge e do Corvo os valores mais baixos.

Quadro 43 - Rendimento Empresarial Líquido (€/produtor) dos sistemas especializados de carne (D e E), por ilha, em 2019

Ilhas	Receita das Vendas (€/produtor)		Ajudas à Produção (€/produtor)		Custos de Produção (€/produtor)		Rendimento Empresarial Líquido (€/produtor)	
	c/ Aleitantes (D)	s/ Aleitantes (E)	c/ Aleitantes (D)	s/ Aleitantes (E)	c/ Aleitantes (D)	s/ Aleitantes (E)	c/ Aleitantes (D)	s/ Aleitantes (E)
São Miguel	9 803	14 828	13 850	7 591	5 013	14 186	18 640	8 233
Terceira	7 362	10 704	12 205	5 070	4 038	10 337	15 529	5 437
Pico	9 030	12 288	20 765	7 335	7 808	11 923	21 987	7 699
Faial	6 199	4 540	9 246	2 856	3 378	4 021	12 067	3 376
São Jorge	3 444	2 768	15 320	2 057	3 227	2 288	15 538	2 537
Flores	3 000	7 141	11 805	1 155	2 888	3 960	11 917	4 336
Graciosa	4 634	3 662	7 758	2 387	2 664	3 811	9 728	2 239
Corvo	2 360	1 062	11 350	720	2 941	557	10 769	1 225
Santa Maria	5 114	8 280	11 506	3 743	4 930	6 896	11 690	5 128
Açores	6 156	11 364	14 070	5 752	4 794	10 828	15 432	6 289

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

No Quadro 44 procede-se a uma **comparação dos custos de produção, das receitas da carne, das ajudas à produção e do REL, por kg de carne e por CN de efetivo de carne, para o sistema de carne com vacas aleitantes (D), para as diferentes Ilhas dos Açores, podendo concluir-se que:**

- Os valores obtidos para o REL por kg de carne são positivos para todas as Ilhas, mas com diferenças significativas entre o seu valor mais elevado, para as Flores (12,03 €/kg) e o mais baixo, para São Miguel (5,39 €/kg);
- Os valores obtidos para o REL por CN do efetivo de carne são positivos para todas as Ilhas, mas com diferenças menos significativas entre o seu valor mais elevado, para o Corvo (596 €/CN) e o mais baixo, para Santa Maria (458 €/CN);
- Os custos de produção são, em média, em todas as Ilhas, com exceção do Corvo, inferiores às receitas da carne;
- As ajudas à produção têm um peso muito significativo no REL correspondendo, em média, a 70% da RBE, peso que é superado no Corvo, Flores e São Jorge.

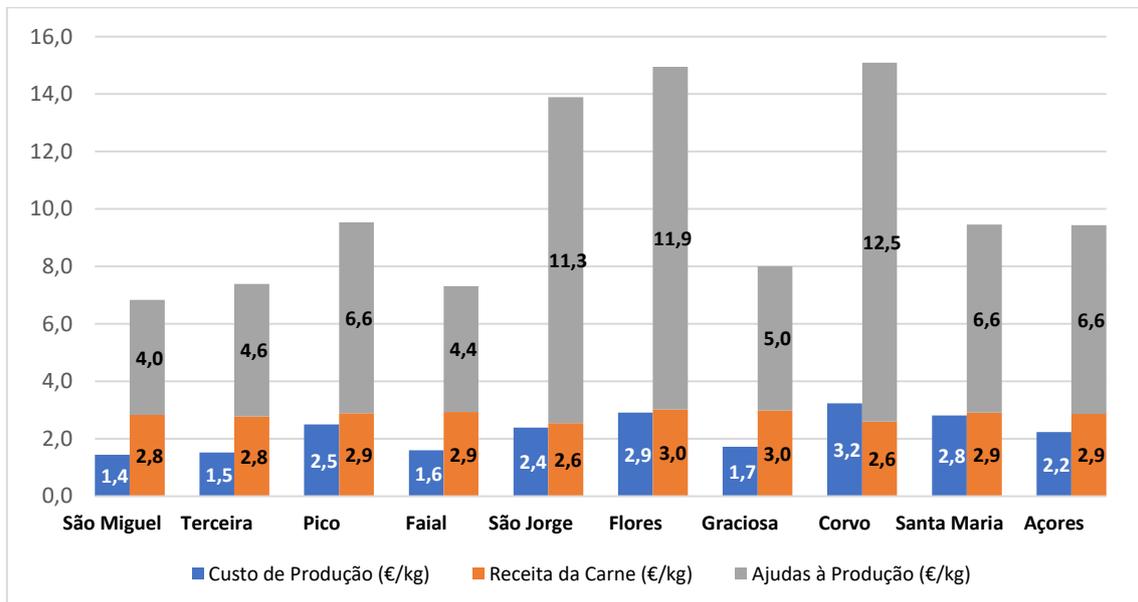
Quadro 44 – Valores médios (totais e por ilha) para o custo de produção(€/kg), a receita da carne (€/kg), as ajudas à produção (€/kg) e o rendimento empresarial líquido (€/kg e €/CN), do sistema de carne com vacas aleitantes (D), em 2019

Ilhas	Receita Bruta de Exploração (RBE) (€/kg)					Custo de Produção (€/kg)	Receita das vendas - Custo de Produção (€/kg)	Rendimento Empresarial Líquido	
	Receita das Vendas	Receita das Vendas/ RBE	Ajudas à Produção	Ajudas à Produção / RBE	RBE			(€/kg)	(€/CN)
São Miguel	2,83	41%	4,00	59%	6,83	1,45	1,38	5,39	520
Terceira	2,78	38%	4,61	62%	7,39	1,53	1,26	5,87	487
Pico	2,89	30%	6,65	70%	9,54	2,50	0,39	7,04	554
Faial	2,93	40%	4,38	60%	7,31	1,60	1,34	5,71	525
São Jorge	2,55	18%	11,34	82%	13,89	2,39	0,16	11,51	594
Flores	3,03	20%	11,92	80%	14,95	2,92	0,11	12,03	573
Graciosa	2,99	37%	5,01	63%	8,00	1,72	1,27	6,28	497
Corvo	2,60	17%	12,50	83%	15,10	3,24	-0,64	11,86	596
Santa Maria	2,91	31%	6,55	69%	9,46	2,81	0,10	6,66	458
Açores	2,87	30%	6,57	70%	9,44	2,24	0,64	7,20	537

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Estes aspetos são bem visíveis na Figura 16.

Figura 16 - Valores médios (totais e por ilha) para o custo de produção(€/kg), a receita da carne (€/kg) e as ajudas à produção (€/kg), do sistema de carne com vacas aleitantes (D), em 2019



Fonte: “Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES”

No Quadro 45 procede-se a uma **comparação dos custos de produção, das receitas da carne, das ajudas à produção e do REL, por kg de carne e por CN de efetivo de carne, para o sistema de carne sem vacas aleitantes (E), para as diferentes Ilhas dos Açores**, podendo concluir-se que:

- os valores obtidos para o REL por kg de carne são positivos para todas as Ilhas, mas com diferenças significativas entre o seu valor mais elevado, para o Corvo (3,77 €/kg) e o mais baixo, para a Terceira (1,5 €/kg);
- os valores obtidos para o REL por CN do efetivo de carne são positivos para todas as Ilhas, mas com diferenças mais significativas entre o seu valor mais elevado, para o Corvo (1.531 €/kg) e o mais baixo, para São Miguel (409 €/CN).
- os custos de produção são, em média, em todas as Ilhas, com exceção da Graciosa, inferiores às receitas da carne;
- As receitas das vendas têm um peso muito significativo no REL correspondendo, em média, a 66% da RBE, peso que é superado na Terceira, nas Flores e em Santa Maria.

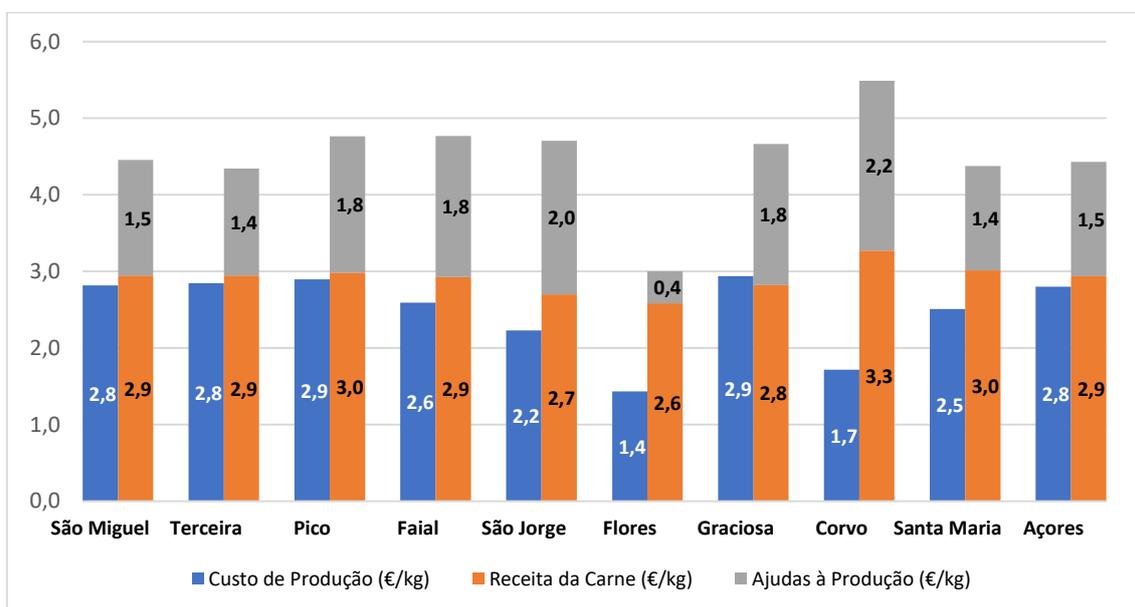
Quadro 45 – Valores médios (totais e por ilha) para o custo de produção (€/kg), a receita da carne (€/kg), as ajudas à produção (€/kg) e o rendimento empresarial líquido (€/kg e €/CN), do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), em 2019

Ilhas	Receita Bruta de Exploração (RBE) (€/kg)					Custo de Produção (€/kg)	Receita das vendas - Custo de Produção (€/kg)	Rendimento Empresarial Líquido	
	Receita das Vendas	Receita das Vendas/RBE	Ajudas à Produção	Ajudas à Produção/RBE	RBE			(€/kg)	(€/CN)
São Miguel	2,95	66%	1,51	34%	4,45	2,82	0,13	1,64	409
Terceira	2,95	68%	1,40	32%	4,34	2,85	0,10	1,50	439
Pico	2,98	63%	1,78	37%	4,76	2,89	0,09	1,87	560
Faial	2,93	61%	1,84	39%	4,77	2,59	0,33	2,18	813
São Jorge	2,70	57%	2,01	43%	4,71	2,23	0,47	2,48	869
Flores	2,58	86%	0,42	14%	3,00	1,43	1,15	1,57	727
Graciosa	2,82	61%	1,84	39%	4,66	2,94	-0,11	1,73	530
Corvo	3,27	60%	2,22	40%	5,49	1,72	1,56	3,77	1 531
Santa Maria	3,01	69%	1,36	31%	4,38	2,51	0,50	1,87	600
Açores	2,94	66%	1,49	34%	4,43	2,80	0,14	1,63	443

Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

Estes aspetos estão bem visíveis na Figura 17.

Figura 17 - Valores médios (totais e por ilha) para o custo de produção (€/kg), a receita da carne (€/kg) e as ajudas à produção (€/kg), do sistema de carne sem vacas aleitantes (E), em 2019



Fonte: "Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES"

2.2 Caracterização da transformação e comercialização de bovinos

2.2.1 Rede Regional de Abate

A Rede Regional de Abate da RAA é constituída por **9 matadouros públicos (1 em cada ilha)**, geridos pelo IAMA.

O Quadro 46 resume as principais características daquelas infraestruturas, destacando-se que a larga maioria da capacidade de abate instalada corresponde a matadouros que entraram em atividade (substituindo instalações obsoletas) ou foram objeto de intervenções de ampliação e/ou remodelação, muito recentemente.

Prevê-se que, até ao final de 2024, os matadouros de São Jorge e do Pico sejam objeto de grandes investimentos de, respetivamente, realocização/construção de nova infraestrutura e requalificação da infraestrutura existente, a financiar pelo Plano de Recuperação e Resiliência.

Quadro 46 – Principais características dos matadouros da Rede Regional de Abate

Matadouros	Ano de início de atividade	Ano da última intervenção de ampliação/remodelação	Capacidade instalada para o abate de bovinos (nº de bovinos /dia/hora)	Capacidade da Abegoaria (nº de bovinos)	Capacidade de frio (nº de carcaças em simultâneo)	Capacidade da sala de desmancha (nº de carcaças)
Matadouro de São Miguel	2001	2018	40/hora	304	750	50 *
Matadouro da Terceira	2004	2018	30/hora	200	228	30
Matadouro do Pico	2006	2012	13/hora	30	160	12
Matadouro do Faial	2018		15/hora	51	92	10
Matadouro de São Jorge	1997	2012	15-20/hora	50	80	-
Matadouro da Graciosa	2019		15-20/hora	36	58	5
Matadouro das Flores	1999	2010	20-25/dia	25	70	5
Matadouro de Santa Maria	2006	2015	20/dia	17	35	35
Matadouro do Corvo	1997	2006	3/dia	3	3	-

* Capacidade prevista após conclusão das obras de beneficiação em curso, da responsabilidade do concessionário.

Fonte: IAMA

No quadro 47 pode observar-se a distribuição dos abates (nº de bovinos) pelos matadouros da Rede Regional de Abate, em 2020.

Quadro 47 – Bovinos abatidos (nº) na Rede Regional de Abate, por matadouro, em 2020

Matadouros	Bovinos abatidos (nº) em 2020	Peso no nº total de bovinos abatidos em 2020	Bovinos abatidos e aprovados para consumo (nº) em 2020	Peso no nº total de bovinos abatidos e aprovados para consumo em 2020
Matadouro de São Miguel	38 763	49,9%	34 987	48,1%
Matadouro da Terceira	20 710	26,6%	19 837	27,3%
Matadouro do Pico	6 917	8,9%	6 766	9,3%
Matadouro do Faial	4 582	5,9%	4 529	6,2%
Matadouro de São Jorge	4 142	5,3%	4 116	5,7%
Matadouro da Graciosa	1019	1,3%	994	1,4%
Matadouro das Flores	863	1,1%	834	1,1%
Matadouro de Santa Maria	709	0,9%	674	0,9%
Matadouro do Corvo	38	0,0%	38	0,1%
Total	77 743	100,0%	72 775	100,0%

Fonte: IAMA

Em 2020, o matadouro de São Miguel concentrou metade dos abates de bovinos realizados na RAA, seguindo-se o matadouro da Terceira (27%). No mesmo ano, os matadouros da Graciosa, Flores, Santa Maria e Corvo, representaram, em conjunto, menos de 3,5% do total dos abates realizados na Rede Regional de Abate.

Salienta-se que, em 2016, o IAMA iniciou o percurso com vista à certificação pela ISO 22000 (norma de certificação internacional para “Sistema de Gestão da Segurança Alimentar”) das estruturas da Rede Regional de Abate, prosseguindo os seguintes objetivos:

- Garantir a Segurança Alimentar das carcaças e miudezas resultantes da prestação de serviços de abate da Região;
- Uniformizar e padronizar as rotinas e procedimentos de abate em todos os matadouros;
- Desenvolver um Sistema de Segurança Alimentar com robustez e consistência, aplicável em todas as realidades de abate da Região;
- Dotar a Rede Regional de Abate de uma equipa qualificada que permita responder com sucesso às exigências dos clientes,
- Possibilitar a abertura a novos mercados que exijam o cumprimento de requisitos de Segurança Alimentar específicos;
- Assegurar o reconhecimento externo de que os matadouros do IAMA têm um Sistema de Segurança Alimentar que utiliza as melhores práticas de abate.

Aquele percurso ficou concluído em 2019 com a atribuição da certificação ao “Sistema de Gestão da Segurança Alimentar”, pela ISO 22000, a todos os matadouros da RAA.

2.2.2 Evolução dos abates de bovinos no período 2011-2020

No decénio 2011-2020, os abates de bovinos na Rede Regional de Abate registaram um aumento de 36% do número de animais abatidos e de 33% no peso das respetivas carcaças.

Em 2020 foram abatidos e aprovados para consumo 72.775 animais, correspondendo a 16.647 toneladas, enquanto, em 2011, tinham sido abatidos 53.559 animais que corresponderam a 12.542 toneladas (Quadro 46 e Figura 18).

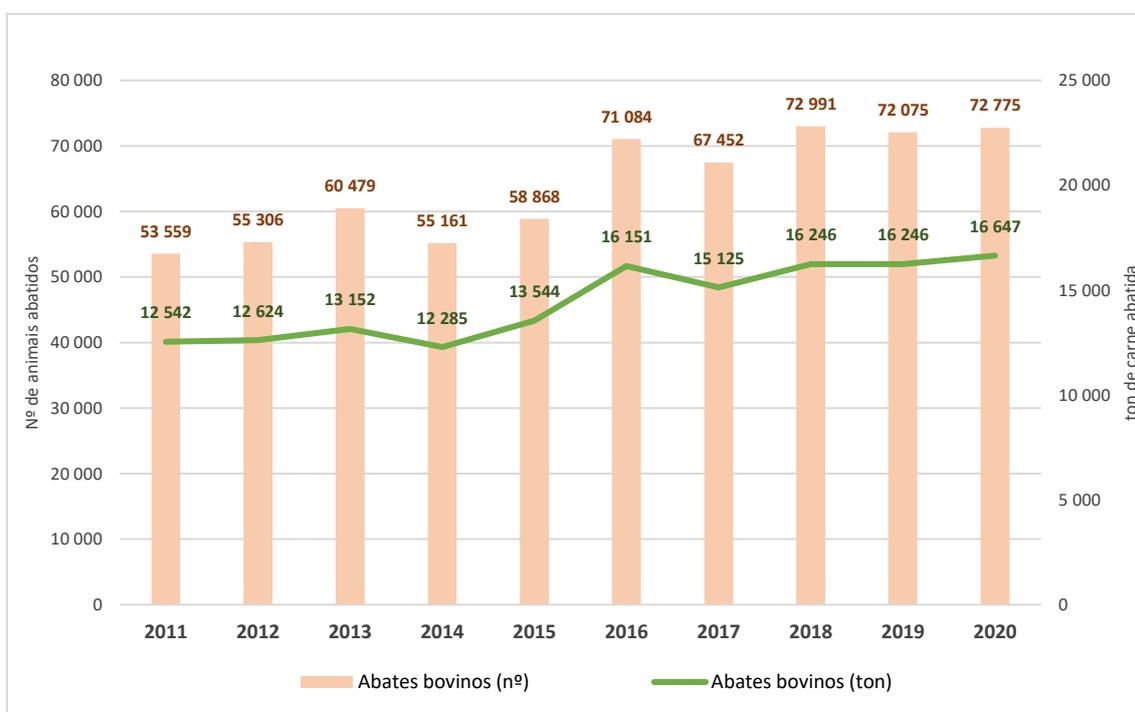
Este facto demonstra a importância crescente da fileira da carne açoriana.

Quadro 48 – Evolução dos abates de bovinos (animais abatidos e aprovados para consumo) na RAA (nº e t), no período 2011-2020

Abates de Bovinos	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Animais abatidos (nº)	53 559	55 306	60 479	55 161	58 868	71 084	67 452	72 991	72 075	72.775
Peso das carcaças dos animais abatidos (t)	12 542	12 624	13 152	12 285	13 544	16 151	15 125	16 246	16 246	16.647

Fonte: IAMA

Figura 18 – Evolução dos abates de bovinos (animais abatidos e aprovados para consumo) na RAA (nº e t), no período 2011-2020



Fonte: IAMA

No mesmo período, mais de metade da carne abatida nos Açores foi expedida para fora da RAA. A taxa de expedição tem vindo a crescer, em particular no período 2018-2020, atingindo 67% em 2020 (Figura 19).

Figura 19 –Evolução do peso das carcaças dos bovinos abatidos e do peso das carcaças dos bovinos expedidos para fora da RAA (t) e taxa de expedição (%), no período 2011-2020

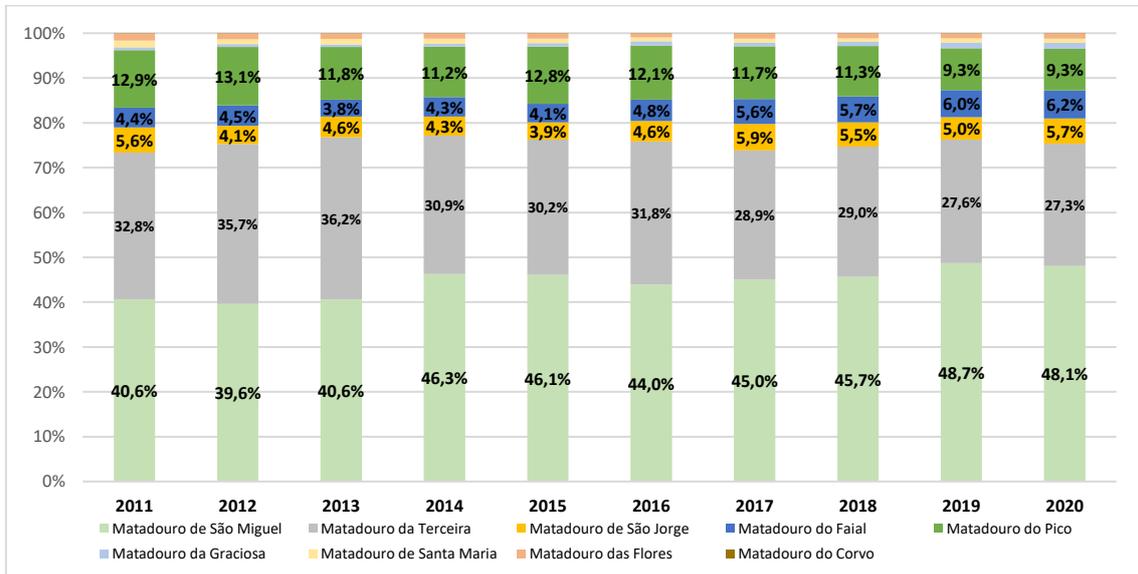


Fonte: IAMA

Quando analisada a distribuição dos abates pelos 9 matadouros da Rede Regional de Abate (Figuras 20 e 21), constata-se que os matadouros de São Miguel e da Terceira são responsáveis por cerca de 3/4 dos abates realizados na RAA, proporção que se tem mantido relativamente estável no período 2011-2020. Salienta-se, ainda, o aumento da importância relativa do matadouro do Faial, verificando-se a evolução contrária relativamente ao matadouro do Pico.

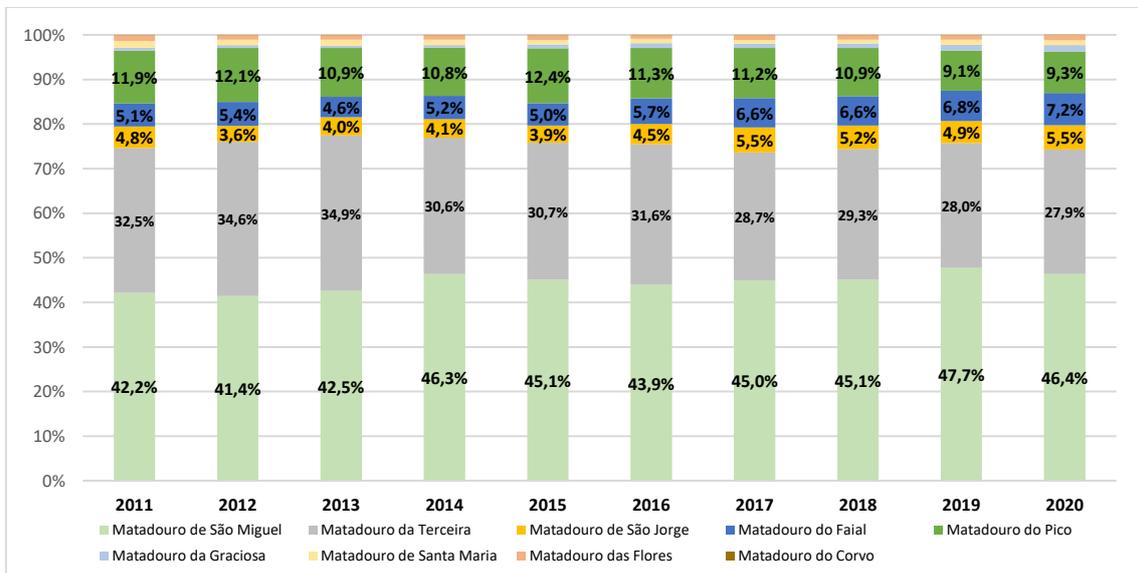
Durante este período, os abates realizados no conjunto dos matadouros da Graciosa, Santa Maria, Flores e Corvo nunca ultrapassaram 4% do total de abates realizados na RAA.

Figura 20 – Distribuição, por matadouro da Rede Regional de Abate, dos abates de bovinos na RAA (animais abatidos e aprovados para consumo) (nº de animais), no período 2011-2020



Fonte: IAMA

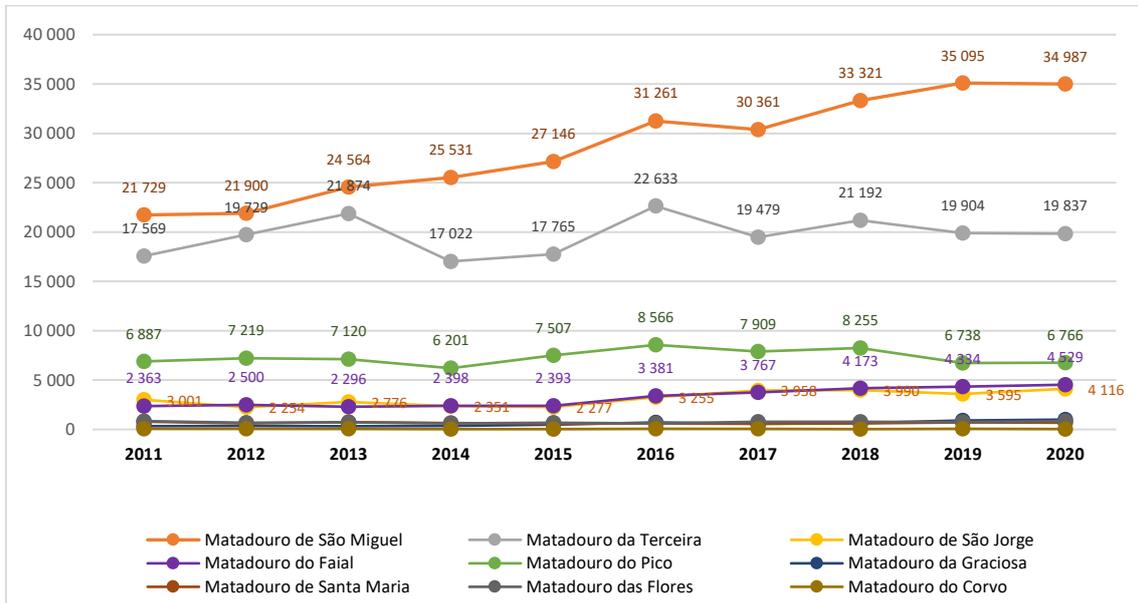
Figura 21 – Distribuição, por matadouro da Rede Regional de Abate, dos abates de bovinos na RAA (animais abatidos e aprovados para consumo) (toneladas), no período 2011-2020



Fonte: IAMA

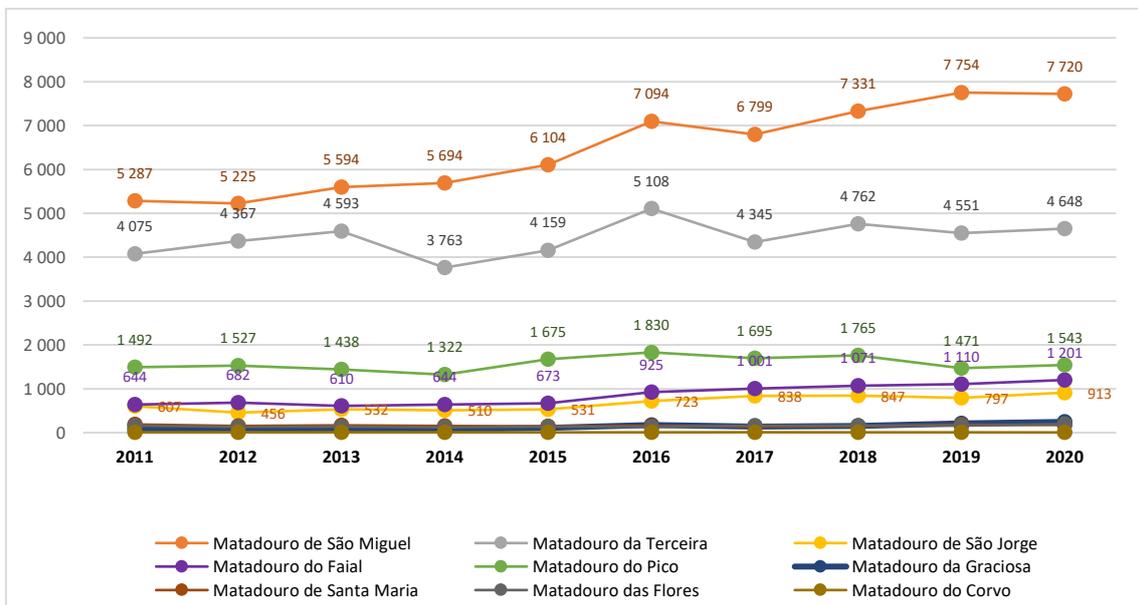
As Figuras 22 e 23 retratam a evolução dos abates de bovinos nos 9 matadouros da Rede Regional de Abate, no período 2011-2020.

Figura 22 – Evolução dos abates de bovinos na RAA (animais abatidos e aprovados para consumo), por matadouro da Rede Regional de Abate (nº de animais), no período 2009-2020



Fonte: IAMA

Figura 23 – Evolução dos abates de bovinos na RAA (animais abatidos e aprovados para consumo), por matadouro da Rede Regional de Abate (toneladas), no período 2011-2020



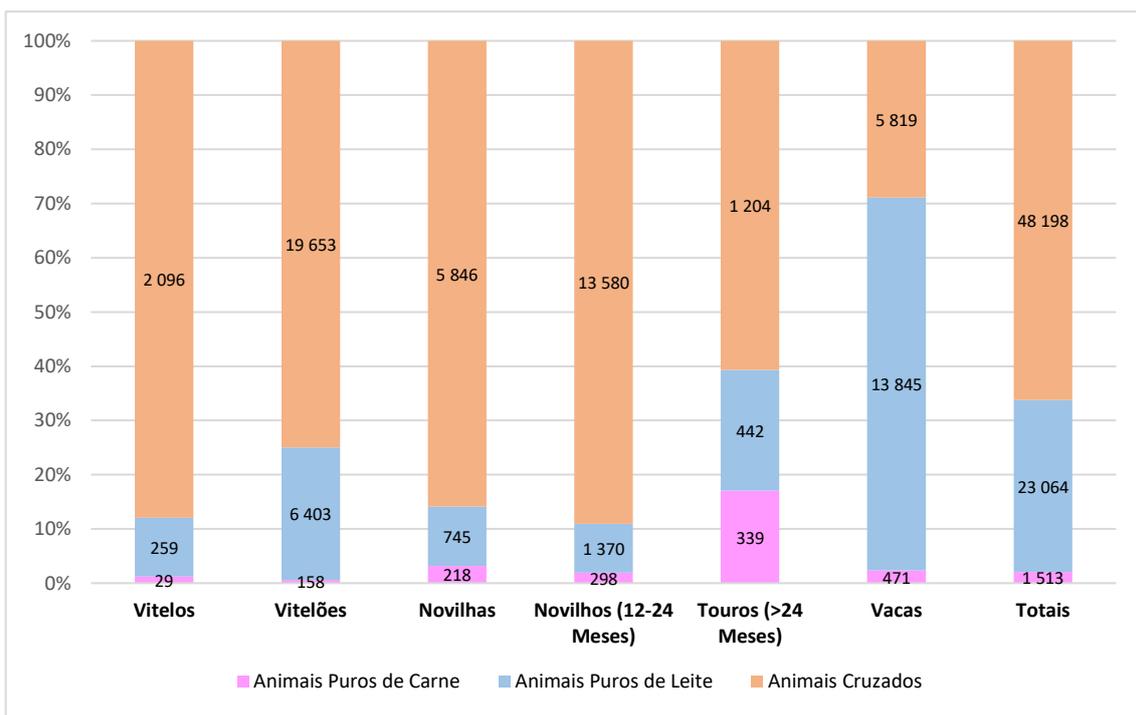
Fonte: IAMA

2.2.3 Características dos animais abatidos e aprovados para consumo em 2020

2.2.3.1 Tipologia e idade dos animais abatidos

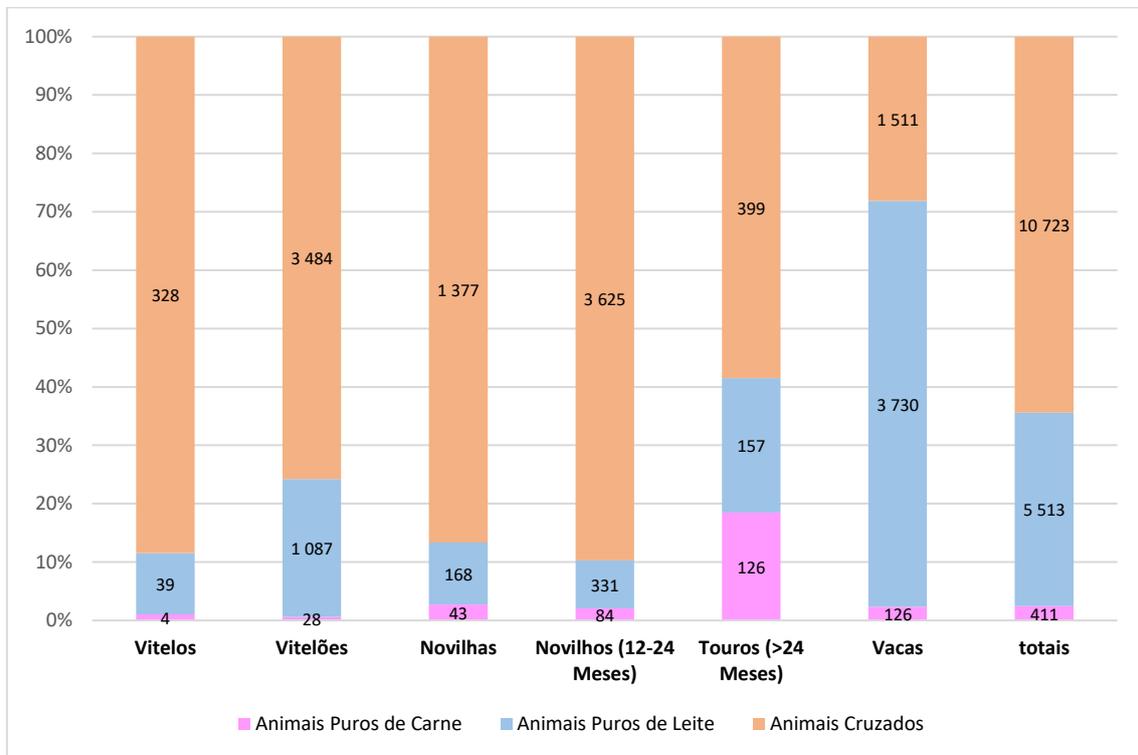
Da análise do número de animais abatidos e aprovados para consumo (por idade e tipo de animal) em 2020, assim como do correspondente volume de carne (peso das carcaças), resulta que a grande maioria corresponde a animais de raças cruzadas, à exceção das vacas, cuja maioria corresponde a animais puros de leite. Salienta-se a representação minoritária de animais puros de leite nas categorias “vitelos, vitelões, novilhas, novilhos e touros”, facto que se deve ao recurso à inseminação com sémen sexado (se a utilização do sémen sexado for intensificada, esta tendência pode ser reforçada) (Figuras 24 e 25).

Figura 24 – Distribuição do número de animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (nº e %), em 2020



Fonte: IAMA

Figura 25 – Distribuição do peso das carcaças dos animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (t e %), em 2020

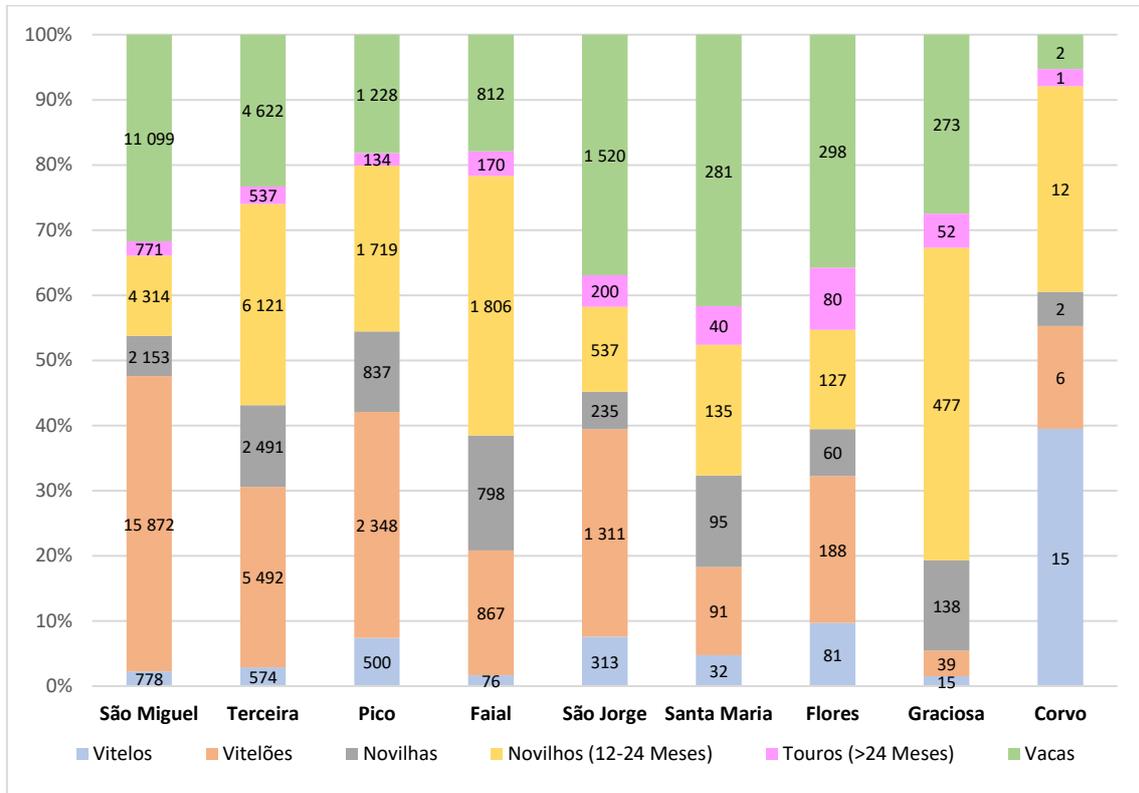


Fonte: IAMA

A distribuição por ilha do número de animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (Figura 26), permite destacar o seguinte:

- No que se refere aos animais engordados para abate, os vitelões são maioritários em São Miguel, Pico e Flores, enquanto nas restantes ilhas são os novilhos de várias idades e sexo que são mais representativos;
- As vacas têm uma fatia importante do mercado, mas resultam dum subproduto das atividades leiteira e de carne que, pela sua representatividade, deve ser acompanhado, potenciado e melhorado.

Figura 26 – Distribuição por ilha do número de animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (nº e %), em 2020

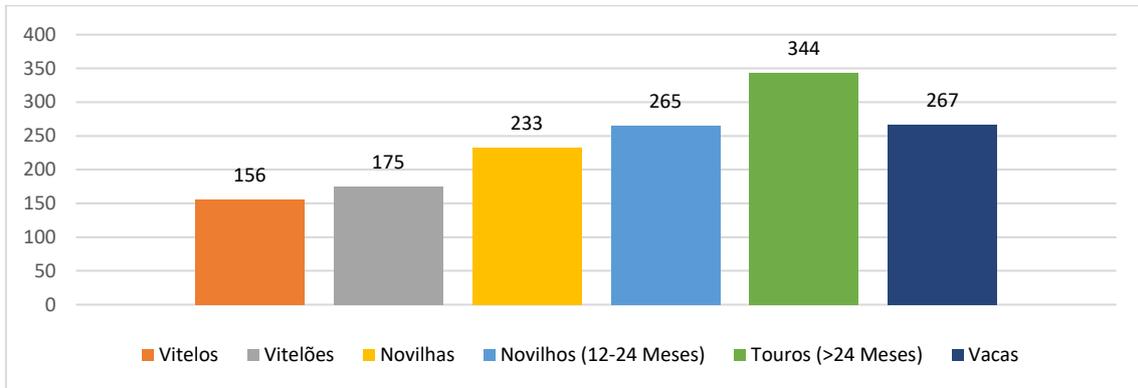


Fonte: IAMA

Relativamente aos pesos médios de carcaça dos animais abatidos e aprovados para consumo (Figuras 27 e 28), salienta-se o seguinte:

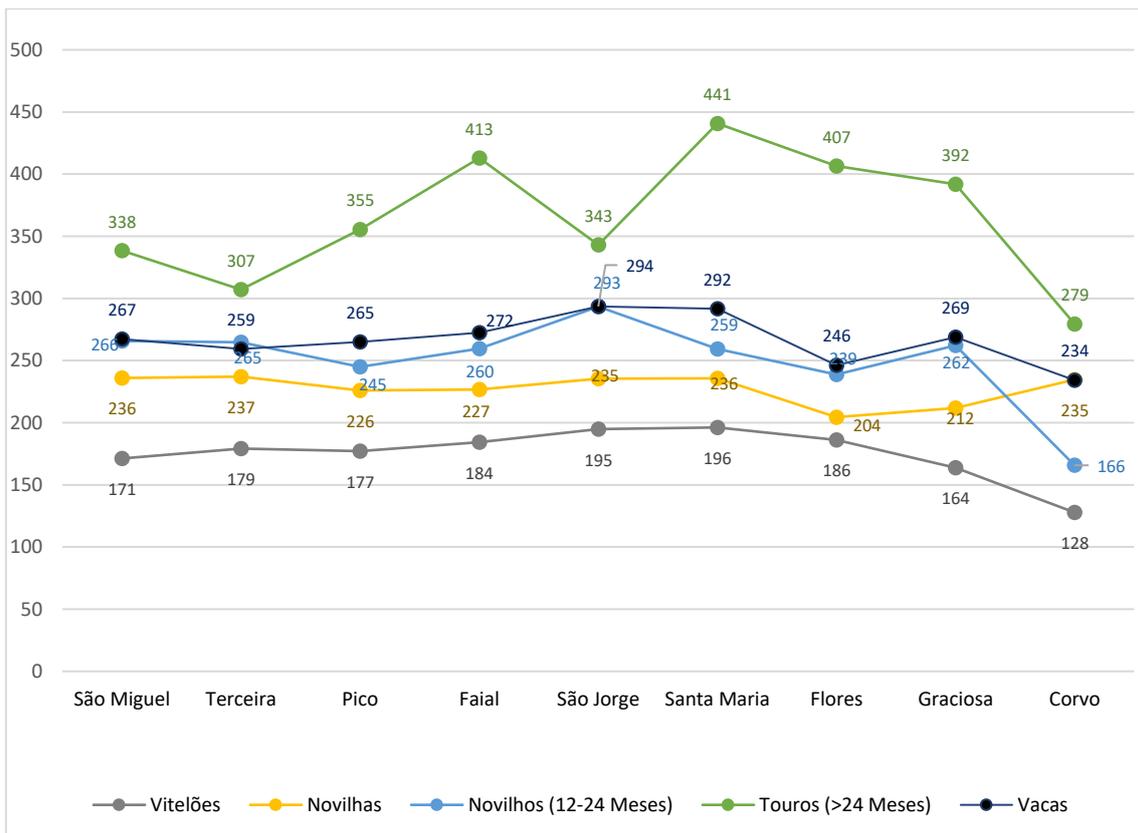
- No caso dos Touros (mais de 24 meses), São Miguel, Terceira, São Jorge e Corvo registam pesos médios de carcaça abaixo da média dos Açores (344 kg), destacando-se Santa Maria, Faial e Flores pelos animais de maior porte, com pesos médios de carcaça de, respetivamente, 441 kg, 413 kg e 407 Kg;
- No que se refere aos novilhos, a ilha de São Jorge apresenta os animais mais pesados (293 kg);
- No caso dos vitelões, as diferenças inter-ilhas são menores, registando-se os valores mais elevados nas ilhas de Santa Maria (196 kg) e São Jorge (195 kg) e o mais baixo no Corvo (128 kg).

Figura 27 – Peso médio das carcaças dos animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (kg/carcaça), em 2020



Fonte: IAMA

Figura 28 – Peso médio das carcaças dos animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (kg/carcaça), por ilha, em 2020



Fonte: IAMA

2.2.3.2 Classes de conformação das carcaças dos animais abatidos

Muito importante para a estratégia a seguir para o setor da carne nos Açores é a classe de conformação das carcaças dos animais abatidos (Quadro 47), as quais deverão ter uma qualidade elevada e constante, para corresponder às expectativas dos consumidores.

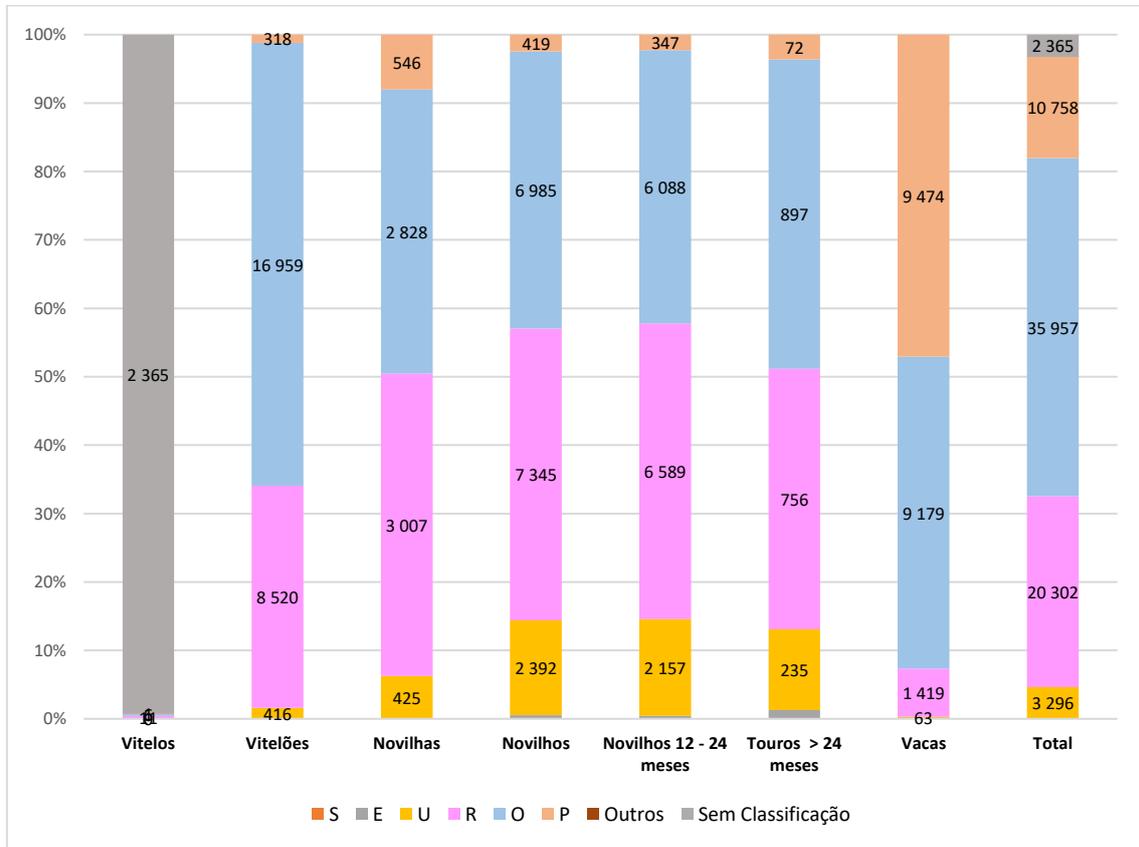
Quadro 49 - Classes de conformação SEUROP.

Classes de conformação	Designação das mercadorias
S - Superior	Todos os perfis extremamente convexos; desenvolvimento muscular excepcional com duplos músculos
E - Excelente	Todos os perfis convexos a superconvexos; desenvolvimento muscular excepcional
U - Muito boa	Perfis em geral convexos; forte desenvolvimento muscular
R - Boa	Perfis em geral retilíneos; bom desenvolvimento muscular
O - Média	Perfis retilíneos a côncavos; desenvolvimento muscular médio
P - Fraca	Todos os perfis côncavos a muito côncavos; reduzido desenvolvimento muscular

Na Figura 29 apresenta-se a distribuição dos animais abatidos por classe de conformação das carcaças, destacando-se o seguinte:

- No caso das vacas, um grande número de animais é classificado na classe P (fraca), o que resulta de serem animais no final da exploração do seu potencial leiteiro ou reprodutor de carne, devendo ser ponderada a estratégia para a sua melhor valorização;
- No que se refere aos outros tipos de animais, a classe de conformação O (média) é dominante, existindo um grande potencial de melhoria, sendo fundamental um acabamento com regras e homogéneo que respeite os objetivos pretendidos de extensificação, *grass feed* e ambientais ao longo da vida dos animais.

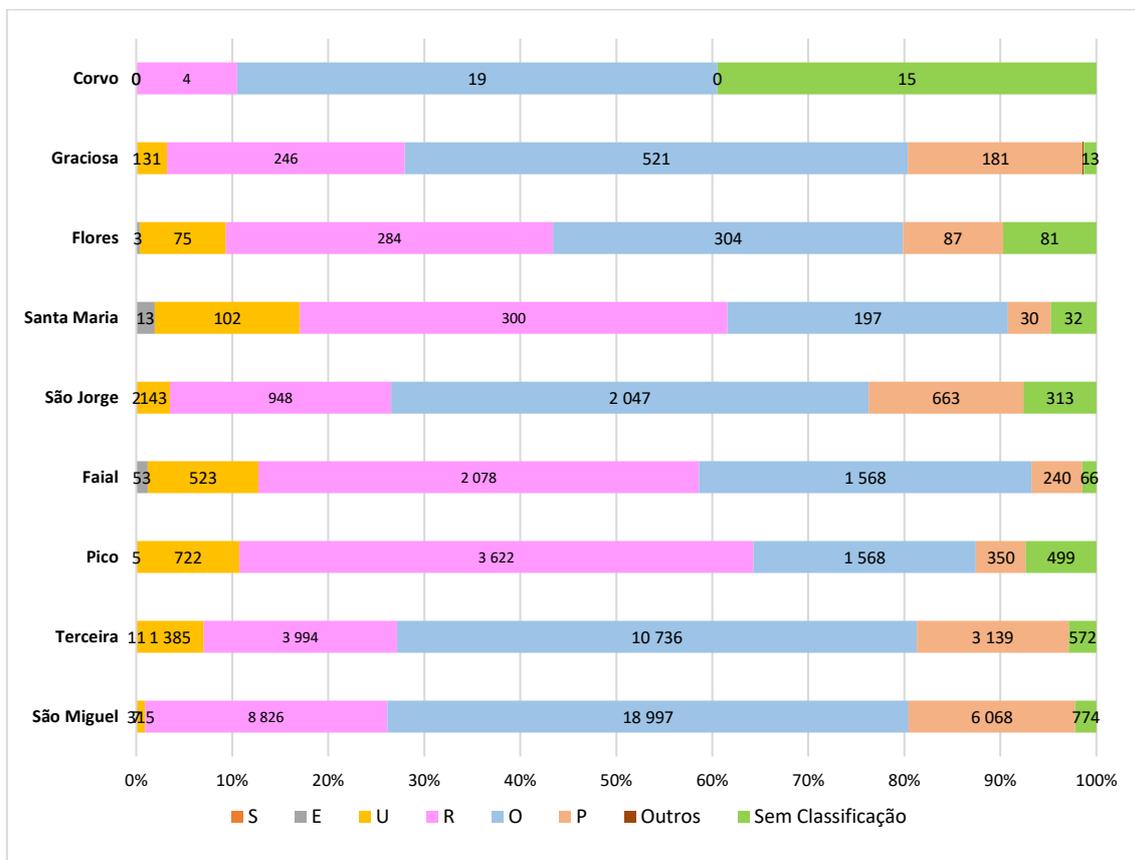
Figura 29 – Classes de conformação dos animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (nº de animais), em 2020



Fonte: IAMA

A análise daquela distribuição, por ilha (Figura 30), permite concluir que existe um potencial de melhoria em quase todas as ilhas já que a grande maioria dos animais abatidos corresponde a carcaças de conformação fraca ou média. Destacam-se pela positiva as ilhas do Pico, Santa Maria e Faial, nas quais mais de 50% dos animais abatidos correspondem a carcaças com conformação boa, muito boa ou excelente.

Figura 30 – Classes de conformação dos animais abatidos e aprovados para consumo, por idade e tipo de animal (nº de animais), por ilha, em 2020 (nº e %)



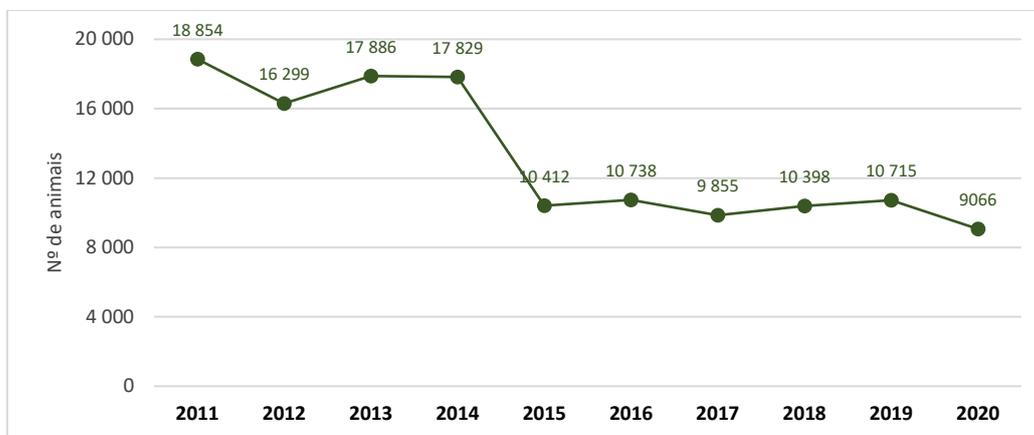
Fonte: IAMA

Será muito importante, para a melhoria da conformação dos animais e qualidade da respetiva carne, promover a construção de parques de engorda individuais ou coletivos ao ar livre, com alimentos grosseiros adequados para um acabamento homogéneo e de especificações da carne (cor, sapidez, gordura e sabor) que vá ao encontro das preferências dos consumidores e que assegure um sistema de exploração ambientalmente equilibrado e sustentável.

2.2.4 Evolução da expedição de animais vivos para fora da RAA no período 2011-2020

O número de animais vivos saídos da RAA diminuiu mais de metade (52%) no período 2011-2020, passando de 18.854 animais em 2011, para 9.066 animais em 2020 (Figura 31).

Figura 31 – Evolução dos bovinos vivos expedidos para fora da RAA (nº), no período 2011-2020



Fonte: Direção Regional da Agricultura (DRAG)

Também a proporção de animais vivos expedidos para o exterior da RAA, face ao número de animais abatidos, tem vindo a reduzir-se, passando de 35,2% em 2011 para apenas 12,5% em 2020 (Quadro 48 e Figura 32).

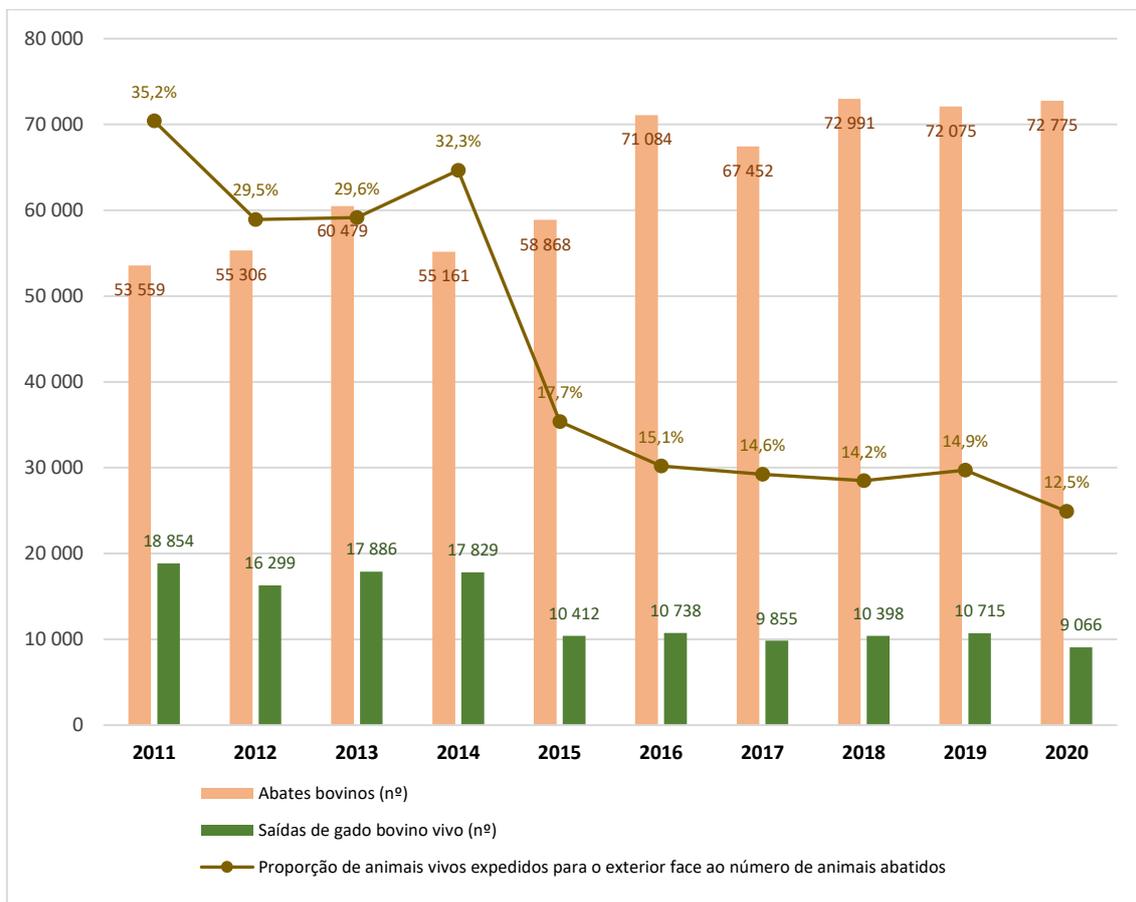
O aumento do número de animais abatidos na RAA e a redução do número de animais expedidos vivos demonstra a importância crescente da Rede Regional de Abate para a fileira da carne. A modernização da rede regional de abate e a sua certificação têm permitido melhorar a resposta às necessidades e exigências do mercado, facilitar o comércio de carcaças/peças, introduzir valor acrescentado na produção dos Açores e diminuir a saída de bovinos vivos para o exterior.

Quadro 50– Evolução das saídas de bovinos vivos para o exterior da RAA (nº) e da sua proporção face ao número de bovinos abatidos (%), no período 2011-2020

Indicadores	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Saídas de gado bovino vivo (nº)	18 854	16 299	17 886	17 829	10 412	10 738	9 855	10 398	10 715	9 066
Abates bovinos (nº)	53 559	55 306	60 479	55 161	58 868	71 084	67 452	72 991	72 075	72 775
Proporção de animais vivos expedidos para o exterior face ao número de animais abatidos	35,2%	29,5%	29,6%	32,3%	17,7%	15,1%	14,6%	14,2%	14,9%	12,5%

Fonte: DRAG e IAMA

Figura 32 – Evolução das saídas de bovinos vivos para o exterior (nº) e da sua proporção face ao número de bovinos abatidos (%), no período 2011-2020

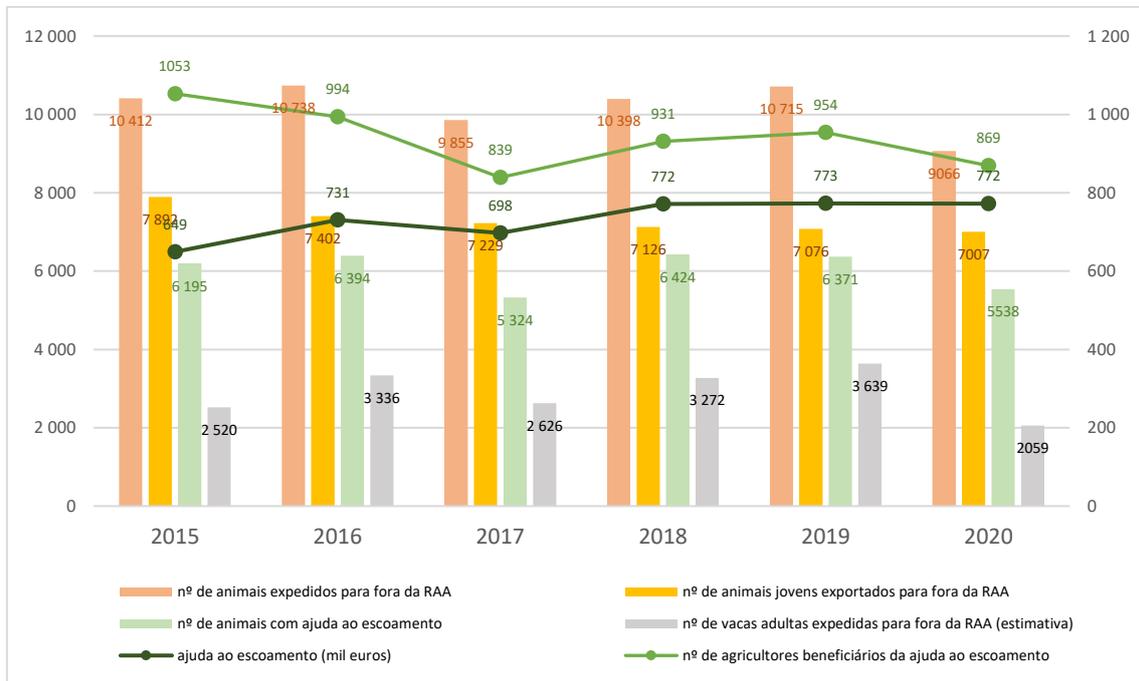


Fonte: IAMA

Relativamente aos animais expedidos, destaca-se que o número de animais jovens beneficiários da ajuda ao escoamento do POSEI, foi, em 2015, de 6.195 e, em 2020, de 5.538 animais, tendo, neste ano, correspondido a um apoio de 772 mil euros.

No ano de 2020, foram expedidos para fora da RAA 9.066 animais vivos, dos quais 7.007 eram animais jovens, sendo que cerca de 79% beneficiaram do prémio ao escoamento (5.538). De acordo com a nossa estimativa, os restantes animais expedidos corresponderam a 2.059 vacas adultas (Figura 33).

Figura 33 – Indicadores da evolução do número de animais expedidos para fora da RAA, no período 2015-2020



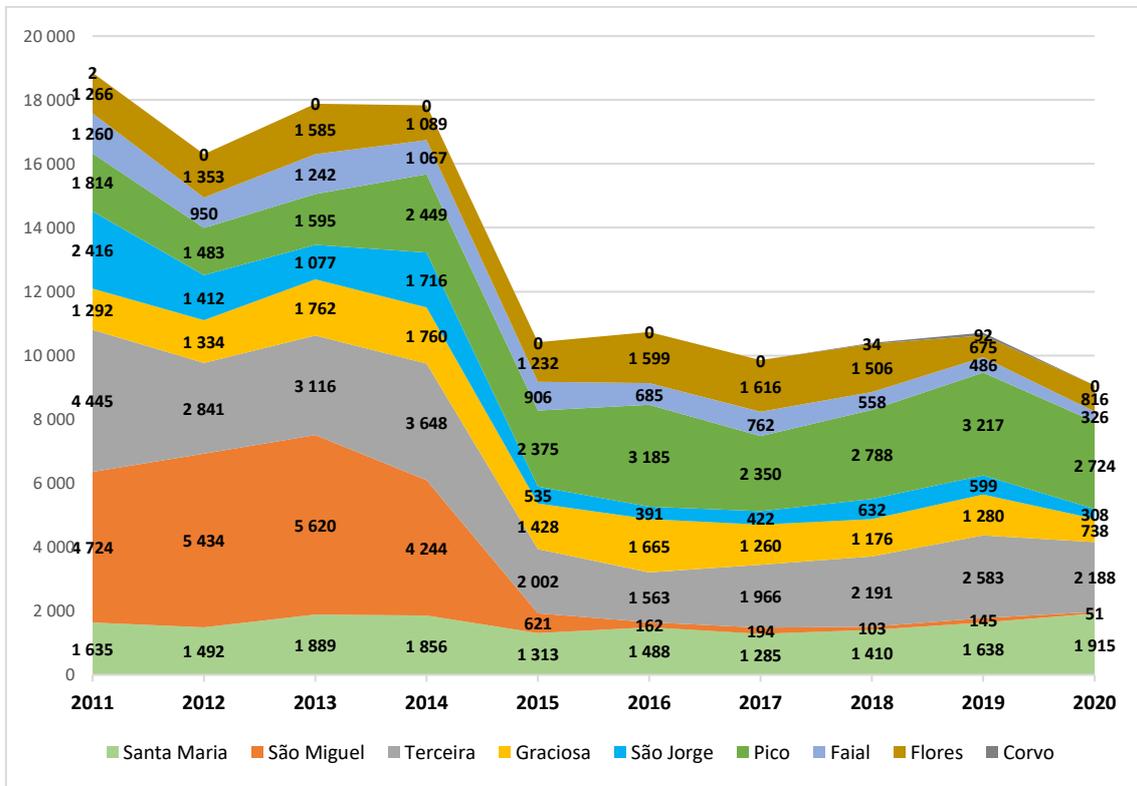
Fonte: DRAG, POSEI e estimativas AGROGES

Na Figura 34 pode observar-se que a maioria das ilhas registou um decréscimo significativo do número de animais expedidos vivos. Entre 2011 e 2020, verificou-se a seguinte evolução, por ilha:

- As ilhas do Corvo, de São Miguel e de São Jorge registaram um decréscimo de, respetivamente, 100%, 99% e 87%;
- Nas ilhas do Faial, Terceira, Graciosa e Flores, aquele decréscimo foi de, respetivamente, 74%, 51%, 43% e 36%;
- Inversamente, as ilhas do Pico e de Santa Maria registaram um aumento de, respetivamente, 50% e 17%.

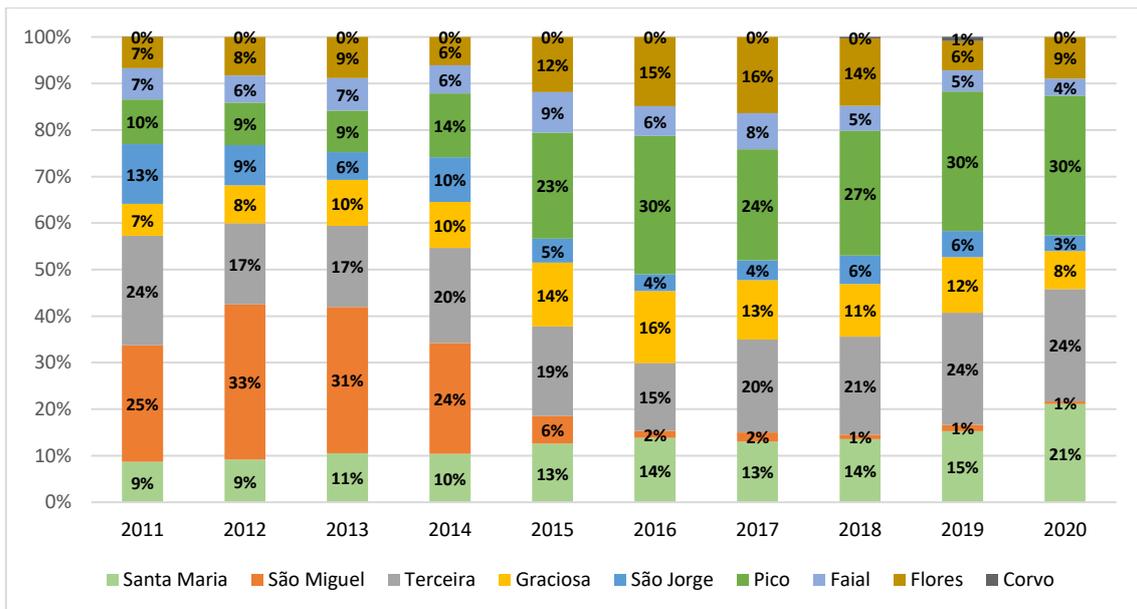
Na Figura 35 apresenta-se, para o mesmo período, a evolução da distribuição por ilha do número de animais expedidos vivos, concluindo-se que a larga maioria daqueles animais tem origem, de forma consistente, nas ilhas do Pico, Terceira e Santa Maria (75% em 2020), verificando-se uma redução do peso das restantes ilhas que é particularmente assinalável em São Miguel (desde 2016 que o seu peso no total dos animais expedidos vivos da RAA não ultrapassa 2%). Refira-se ainda o caso particular da ilha das Flores onde a diminuição do número de animais expedidos em 2019 e 2020 foi explicada, em grande parte, pelos efeitos do furacão Lorenzo nas estruturas portuárias locais.

Figura 34 – Evolução do número de animais expedidos vivos para fora da RAA, por ilha (nº), no período 2011-2020



Fonte: DRAG

Figura 35 – Distribuição por ilha do número de animais expedidos vivos para fora da RAA (%), no período 2011-2020

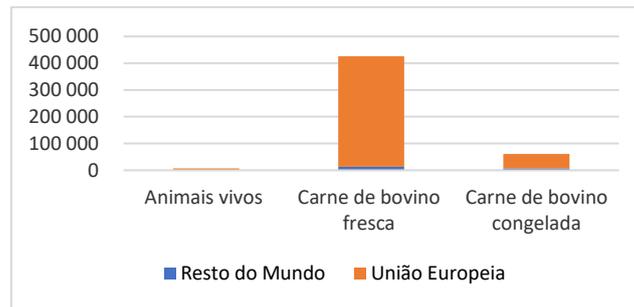


Fonte: DRAG

2.2.5 Comércio e consumo de carne bovina em Portugal

Portugal importa sobretudo carne fresca, proveniente maioritariamente da União Europeia (Figura 36). Os principais países de origem da carne importada são Espanha, Holanda, Polónia, Irlanda, França e Reino Unido.

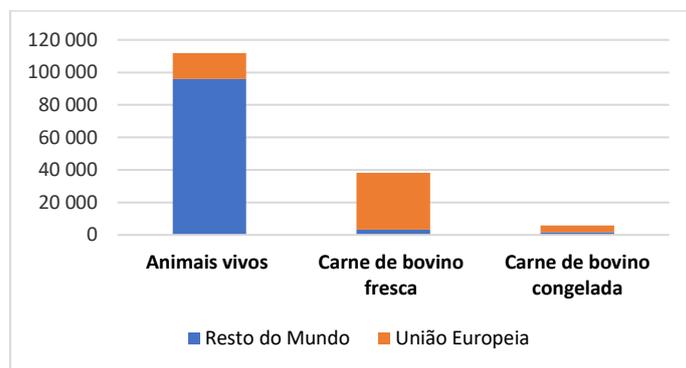
Figura 36 - Importação de carne de bovino nacional (10³€), em 2020



Fonte: INE

No que se refere às exportações nacionais, é interessante verificar que, enquanto a carne é maioritariamente exportada para a UE, a exportação de animais vivos para fora da UE apresenta o contributo mais elevado para o valor das exportações (Figura 37).

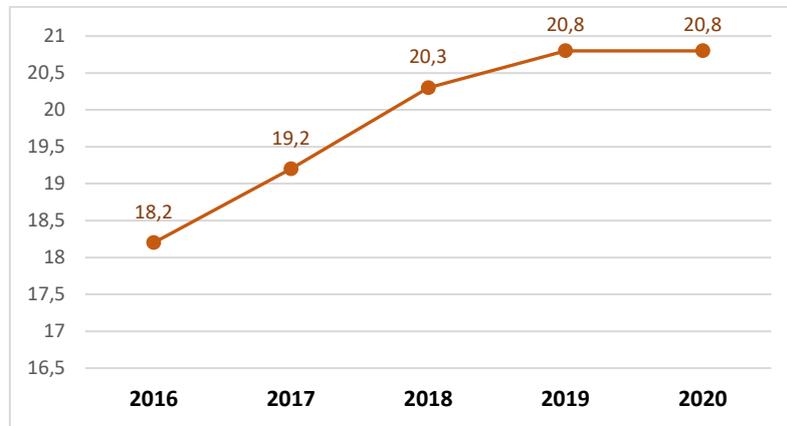
Figura 37 - Exportação de carne de bovino nacional (10³€), em 2020



Fonte: INE

O consumo per capita nacional de carne de bovino tem vindo a aumentar nos últimos anos (Figura 38). Em 2020 foram produzidas em Portugal 97,7 mil toneladas de carne de bovino e o consumo de carne foi de 20,8 kg/habitante ano, pelo que o país foi deficitário em cerca de 125 mil toneladas.

Figura 38 – Consumo humano de carne de bovinos per capita em Portugal (kg/hab), no período 2016-2020



Fonte: SREA, 2020

A carne dos Açores poderá vir a satisfazer parte das necessidades do Continente, substituindo importações de carne fresca.

Tendo em conta o efetivo regional e a existência de uma proporção grande de vitelos que não são criados e engordados, existe um potencial de crescimento da oferta, devendo, no entanto, ser garantidas a homogeneização da forma de produção e a qualidade da carne para corresponder às preferências e expectativas dos consumidores e tirar partido das condições de produção diferenciadoras da RAA.

3 Análise SWOT

Com base no diagnóstico apresentado e nas opiniões expressas nas várias entrevistas realizadas no âmbito da elaboração deste Plano, procedeu-se a uma Análise SWOT referente à Fileira da Carne dos Açores, cujos Pontos Fracos e Fortes, Oportunidades e Ameaças, se apresentam de seguida (Figuras 39 e 40).

Figura 39 – Análise SWOT: Pontos Fortes e Pontos Fracos

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> • Boas condições edafo-climáticas para a produção de pastagens e forragens de forma extensiva • Capacidade de alimentação dos animais com forragens e pastagens • Sistema de produção de leite e carne em coprodução (agora em desenvolvimento) • Grande relevância do setor agrícola na região e muito especialmente dos setores do leite e da carne • Existência de estrume para incorporar nas terras (estrume também com potencial para produzir biogás, aspeto muito importante para a sustentabilidade e para a economia circular) • Especialização na produção de leite e carne por ilha, com base nas características edafo-climáticas • Existência do programa Vacas Felizes com experiência de implementação do bem-estar animal (transmissão positiva ao consumidor em geral de uma produção alimentar sustentável, amiga do ambiente) • Existência da IGP Carne dos Açores e da DOP Ramo Grande (Raça Bovina do Ramo Grande DOP) • Boa perceção pelos consumidores nacionais da região Açores em termos de produtos de qualidade, sustentável e com produção alimentar de produtos diferenciados resultantes de modos de produção que respeitam os princípios do bem-estar animal 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de investigação e tecnologia relativa à preservação e melhoria do potencial dos solos, do desenvolvimento das pastagens e forragens adaptadas ao objetivo de melhoria da qualidade da carne. • Inexistência de programas de melhoria de pastagens e implementação de pastagens biodiversas • Inexistência de programas que estimulem a produção de fontes alimentares locais passíveis de serem usadas na alimentação animal • Falta da organização de produção, sobretudo no setor da carne • Falta de capacidade de recria dos animais para carne em extensivo nas explorações leiteiras (pela utilização das áreas de pastagens para as vacas leiteiras) • Falta de modelos adaptados a cada ilha de manejo alimentar e de acabamento da carne para garantir padrões de qualidade de referência. • Falta de curtimento do estrume e boas práticas ambientais para a melhor eficácia na incorporação da terra • Grande número de explorações não competitivas, ou seja, em que o preço do leite pago ao produtor está abaixo do custo de produção • Falta de rentabilidade do negócio da carne • Falta de homogeneidade da carne para as diferentes categorias de talho • Falta de sistemas de avaliação da qualidade objetiva da carne • Falta da diferenciação do preço da carne em função da qualidade intrínseca • Regras da IGP Carne do Açores restritivas quanto ao aleitamento materno nos primeiros meses (vitelos de mães frísias), assim como acabamento o que restringe e não estimula a produção e o interesse para os agricultores.

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> • Cruzamentos de Raças de Leite e com raças seletas de carne (Angus, Limousine, Charolês), entre raças de carne e produção de raças em linha pura. • Aplicação de sémen sexado para garantir a melhor taxa de sucesso de fêmeas no leite e machos na carne • Existência de matadouros em todas as ilhas e de salas de desmancha na maior parte das ilhas 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de aconselhamento técnico independente de suporte às decisões dos produtores (interesse da venda de um fator de produção) • Elevados custos de embalagem que vêm de fora e sem diferenciação • Problemas de logística, quer entre ilhas, quer entre as ilhas e os mercados de exportação (Continente ou outros mercados). • Existência de apenas um barco semanal é grande obstáculo à chegada de produtos frescos aos mercados • Falta de centros logísticos nas ilhas e no continente para minimizar os dias de chegada dos produtos aos mercados • Inexistência de padrões e regras para a marca Açores poderá levar a conceitos confusos e más experiências por parte do consumidor final • Necessidade de melhoria de procedimentos e regras nos matadouros e salas de desmancha para ir de encontro à qualidade uniforme da carne até ao consumidor final • Dependência da importação das matérias-primas para as rações • Falta de formação dos agricultores e de acompanhamento para a inovação e conhecimento técnico de melhoria das suas explorações • Inexistência de unidades de compostagem para resíduos orgânicos, passíveis de serem utilizados como fertilizantes orgânicos nas principais ilhas (S. Miguel, Terceira e Pico), utilizadoras de resíduos orgânicos provenientes da recolha seletiva de resíduos sólidos urbanos, lamas de estações de tratamentos de águas residuais, biomassa etc. • Inexistência de unidades de biogás, utilizadoras de estrumes, conteúdo gástrico de ruminantes, subprodutos da indústria de laticínios, subprodutos da indústria de pescado nas principais ilhas. • Necessidade de investimento em estudos de mercado, promoção e marketing que deem a conhecer, comuniquem e criem diferenciação nos produtos dos Açores

Figura 40 – Análise SWOT: Oportunidades e Ameaças

OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> • Zonas rurais com importância reconhecida na economia regional • Existência do POSEI que se encontra em revisão e poderá potenciar a estratégia 	<ul style="list-style-type: none"> • Elevados custos do petróleo com grande impacto nos custos de transporte dos fatores intermédios, matérias-primas embalagens e exportação dos produtos • Elevados preços das matérias-primas com impacto nas rações, adubos e fertilizante e embalagens

OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> • Consumidor com preocupações de consumo com tendências pela sustentabilidade, produtos produzidos em equilíbrio com o meio ambiente, biológicos e produzidos respeitando os princípios do bem-estar animal) que vão totalmente ao encontro das características de produção dos Açores; • Procura crescente por produtos autóctones, regionais, com história e com funções sociais (agricultores com representatividade) • Possibilidade de carne biológica, sobretudo nas ilhas que terão maior capacidade de cumprir estes requisitos permitindo melhor valorização • Potencial equilíbrio em termos de sistemas de carbono neutro desde que sustentados em maior quantidade de alimentos de pastagens e forragens e por isso mais extensivos • Aumento do turismo na região, que poderá ser uma porta aberta à experiência dos produtos regionais • Evolução tecnológica tanto na genotipagem, como em softwares de digitalização e manejo animal (livestock intelligence) que permitem melhor a performance e manejo das explorações • Potencial de melhoria da produção forrageira • Digitalização da agricultura com capacidade de melhoria da qualidade de vida dos agricultores • Potencial alteração do caderno de especificações da IGP, por forma a ter maior aderência á realidade regional (alterações passíveis de serem consideradas alterações menores) • Possibilidade de melhorar a qualidade objetiva da carne, melhorando a experiência de consumo e maior perceção da qualidade intrínseca e valorização comercial) • Possibilidade de conversão das explorações de leite em carne desde que economicamente mais interessante para o produtor • Proximidade do mercado da Madeira, das Canárias, que tem 11 milhões de turistas, e de Cabo Verde 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência para a descarbonização com impacto na componente dos transportes dos Açores • Aumento da pressão regulatória relativa ao bem-estar animal no que respeita ao transporte de animais vivos • Falta de capacidade de fornecer o mercado de forma regular devido às questões logísticas • Falta de infraestruturas de logística • Falta de parques de engorda conjuntos para a uniformização do acabamento da carne • Opinião pública negativa relativa às vacas por causa da produção de metano • Existência de carne de outras origens a baixo preço e com diferenciação, como as picanhas (Mercosur). • Possibilidade de importação de carne de países europeus e países terceiros a preços competitivos não deixam valor acrescentado à indústria • Grande dependência do rendimento agrícola das ajudas do POSEI • Estrutura demográfica em algumas ilhas coloca em causa a continuidade do negócio agrícola • A exportação de animais vivos está dependente apenas de um mercado e de decisões futuras sobre o bem-estar animal • Exposição da produção de leite e carne aos preços internacionais por estar posicionada no mercado das commodities • Concorrência de outras alternativas de emprego para os jovens agricultores, assim como escassez de mão de obra agrícola • Dificuldade de captação de mão de obra profissionalizada, técnica e com capacidades de gestão • Baixa rentabilidade das explorações agrícolas e das indústrias • Alteração do tipo de dietas, sobretudo dos consumidores mais jovens • Grande pressão pelas marcas próprias da grande distribuição que não deixam valor acrescentado à indústria

4 Plano Estratégico da Fileira da Carne de Bovinos dos Açores

Com base no anteriormente exposto no âmbito do Diagnóstico da Fileira da Carne e da respetiva Análise SWOT, procedeu-se à elaboração do correspondente Plano Estratégico assente nos seguintes aspetos:

- Missão, Visão estratégica e Lógica de Intervenção do Plano
- Objetivos Gerais do Plano;
- Eixos Estratégicos e Objetivos específicos do Plano
- Medidas e ações a desenvolver no curto, médio e longo prazos.

4.1 Missão, Visão estratégica e Lógica de Intervenção do Plano

É a seguinte a **Missão** por nós atribuída ao Plano Estratégico de Bovinos dos Açores.

Contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento económico dos Açores

Para que esta Missão possa vir a ter sucesso, vai ser necessário que ela esteja associada à seguinte **Visão Estratégica**.

Fileira que abasteça os mercados regional, nacional e internacional de produtos diferenciados, de qualidade reconhecida e de elevado valor acrescentado, com base em sistemas de produção, transformação e comercialização da carne de bovinos que, sendo respeitadores do bem-estar animal, sejam economicamente viáveis, ambientalmente sustentáveis e territorialmente equilibrados.

O sucesso da Visão Estratégica proposta vai depender de um conjunto diversificado de intervenções (medidas e ações públicas e privadas) cuja lógica importa esclarecer antes de se proceder à sua apresentação.

A produção de carne nos Açores está intimamente ligada às atividades de produção de leite, independentemente do tipo de Raças bovinas envolvidas, dos cruzamentos entre estas e dos modos de produção estabelecidos.

A disponibilidade de pastagens todo ano é uma vantagem quer pela disponibilidade de alimento que constitui, quer também por enquadrar-se em abordagens atuais e incontornáveis, como a procura pelos consumidores de carne *grass fed*, a disponibilidade de volume de carne para consumo, a produção sustentável e os impactos ambientais decorrentes da produção de bovinos de carne.

Contudo, em qualquer dos modos de produção de carne implementados no Arquipélago a melhoria do maneio alimentar através suplementação da alimentação base constituída pela pastagem é uma necessidade.

Esta suplementação passa por alimentos forrageiros e alimentos compostos que vão suprir carências nutricionais que condicionam a qualidade objetiva da carne sob o ponto de vista da sua tecnologia de processamento e da sua sapidez o que condiciona a respetiva valorização comercial e a satisfação dos consumidores.

Importa, numa abordagem dedicada Ilha a Ilha compreender as necessidades básicas para a produção de fontes alimentares locais, dimensionado a respetiva produção e avaliando o impacto nutricional da sua utilização na qualidade objetiva da carne. Deve ainda, circunstancialmente, ser avaliada a utilização na alimentação animal de coprodutos da indústria alimentar local com ou sem processamento industrial associado.

Considerando estas condicionantes e os custos da importação de cereal para o fabrico de alimentos compostos para animais, importa estimar com muito critério o custo efetivo de produção do kg de carne e a valorização de todas as partes edíveis das carcaças e quinto quarto resultantes do abate. Pode acontecer que somente as produções de algumas categorias de talho possam ser rentáveis e gerar mais-valia para o produtor pecuário.

Este tema tem toda a acuidade quando no presente assistimos ao estímulo ao produtor para converter explorações leiteiras em produção de carne. Este processo deve ser conduzido com prudência, tendo em especial atenção a viabilidade económica das explorações, o ainda baixo nível de organização do setor nos Açores e as necessidades alimentares do gado para a produção de uma carne de qualidade.

Este desafio pode ser vencido através da implementação de um conjunto de medidas articuladas entre si, destacando-se: implementação de programas informáticos de gestão técnica e económica de fácil utilização; padronização na utilização das raças e cruzamentos melhor adaptados (sendo

que as linhas mãe de vacas leiteiras estão perfeitamente estabelecidas); padronização alimentar com a maior incorporação possível de fontes alimentares de produção local; melhoria dos processos tecnológicos de abate, desossa e desmancha e de avaliação do rendimento das carcaças; comercialização da carne por Agrupamentos de Produtores constituídos para o efeito; comunicação dirigida ao mercado target do produto “Carne dos Açores”.

Este processo tem por base a integração de conhecimento ao longo desta cadeia de valor. O conhecimento existe, mas terá que ser congregado para que a respetiva transferência possa ser realizada e o plano estratégico para a Carne dos Açores possa ter sucesso.

4.2 Objetivos Gerais do Plano

O sucesso futuro da visão estratégica proposta vai depender em grande medida da definição de um conjunto de **Objetivos Gerais** subjacentes à elaboração Plano, o qual tem de ser, necessariamente, enquadrado no âmbito do PEPAC nacional.

No contexto do processo de reforma da Política Agrícola Comum (PAC), a Comissão Europeia (CE) propôs um novo modelo de organização e gestão da PAC, baseado na elaboração, por cada Estado-Membro da EU, de um Plano Estratégico para a PAC (PEPAC).

O Governo Português elaborou uma primeira versão do PEPAC nacional, que entregou no final de dezembro de 2021 e que será negociado com a CE com vista à respetiva aprovação até ao final de 2022.

O PEPAC.PT 2023-27, integrará os dois Pilares da PAC e será organizado com base em quatro Eixos Estratégicos de que fazem parte treze Domínios de Intervenção. A componente da RAA no âmbito do PEPAC nacional diz respeito, exclusivamente, a intervenções do 2º Pilar e fará parte dos Eixos Estratégicos C (Desenvolvimento Rural) e D (Abordagem Territorial Integrada), os quais integrarão os seguintes Domínios de Intervenção:

- C1 – Gestão Ambiental e Climática
- C2 – Investimento e Rejuvenescimento
- C3 – Sustentabilidade das Zonas Rurais
- C4 - Risco e Organização da Produção
- C5 – Conhecimento

- D1 – Desenvolvimento Local de Base Comunitária
- D2 – Programa de Ação com Base Comunitária
- D3 – Regadios Coletivos Sustentáveis

O Regulamento do PEPAC, recentemente aprovado, define para o período de programação 2023-2027 os seguintes objetivos a respeitar por cada um dos PEPAC nacionais: **3 Objetivos Gerais (OG)**, desagregados em **9 Objetivos Específicos (OE)**, três para cada um dos OG e **1 Objetivo Transversal (OT)**.

<p>OG1 - Promover um setor agrícola inteligente, resiliente e diversificado, de modo a garantir a segurança alimentar OE1 - Apoiar os rendimentos e a resiliência das explorações agrícolas viáveis em toda a União, de modo a reforçar a segurança alimentar OE2 - Reforçar a orientação para o mercado e aumentar a competitividade, com maior incidência na investigação, na tecnologia e na digitalização OE3 - Melhorar a posição dos agricultores na cadeia de valor</p> <p>OG2 - Apoiar a proteção do ambiente e a luta contra as alterações climáticas e contribuir para a consecução dos objetivos da União relacionados com o ambiente e o clima OE4 - Contribuir para a adaptação às alterações climáticas e para a atenuação dos seus efeitos, bem como para a energia sustentável OE5 - Promover o desenvolvimento sustentável e uma gestão eficiente de recursos naturais como a água, os solos e o ar OE6 - Contribuir para a proteção da biodiversidade, melhorar os serviços ligados aos ecossistemas e preservar os habitats e as paisagens</p> <p>OG3 - Reforçar o tecido socioeconómico das zonas rurais OE7 - Atrair os jovens agricultores e facilitar o desenvolvimento das empresas nas zonas rurais OE8 - Promover o emprego, o crescimento, a inclusão social e o desenvolvimento local nas zonas rurais, nomeadamente a bioeconomia e a silvicultura sustentável OE9 - Melhorar a resposta dada pela agricultura europeia às exigências da sociedade no domínio alimentar e da saúde, nomeadamente no que respeita à oferta de produtos alimentares seguros, nutritivos e sustentáveis, aos resíduos alimentares e ao bem-estar dos animais</p> <p>OT - Modernização do setor através da promoção e da partilha de conhecimentos, da inovação e da digitalização da agricultura e das zonas rurais e dos incentivos à adoção de medidas para o efeito</p>
--

Neste contexto, os objetivos a definir para o Plano Estratégico da Fileira do Carne de Bovinos dos Açores deverão estar enquadrados pelos OG, OE e OT do PEPAC. PT 2023-27.

Assim sendo e levando em consideração, quer os resultados da Análise SWOT apresentada, quer a Visão Estratégica proposta, são os seguintes os objetivos estratégicos de âmbito geral a fixar para os Açores no âmbito do Plano Estratégico em causa:

- OG1 - Promover a competitividade da Fileira, apoiando o rendimento e a resiliência dos sistemas de produção de carne regionais, incentivando o aparecimento de agentes dinamizadores da reestruturação da fileira da carne (empresas privadas e agrupamentos de produtores) e reforçando a sua posição na respetiva cadeia de valor.

- OG2 - Contribuir para a descarbonização da economia regional, promovendo uma gestão sustentável dos recursos terra e água, assegurando o respeito pelo bem-estar animal e a viabilidade económica dos novos sistemas e tecnologias de produção daí resultantes.
- OG3 - Promover a adaptação de toda a fileira (produção, abate e desmanche) de forma a garantir a qualidade objetiva e uma valorização final da carne de bovinos capaz de potenciar junto dos consumidores as suas melhores características e respetivos atributos diferenciadores.
- OG4 - Reforçar o tecido socioeconómico das zonas rurais mais fragilizadas apostando na sua diversificação produtiva através, nomeadamente, da economia circular e da bioeconomia.

4.3 Eixos Estratégicos e Objetivos Específicos do Plano

Os Objetivos Gerais definidos implicam o estabelecimento da arquitetura do Plano Estratégico para a Fileira da Carne dos Açores baseada nos quatro seguintes **Eixos Estratégicos**:

- **Eixo I – Qualidade e Sustentabilidade**
- **Eixo II – Valorização**
- **Eixo III – Mercados**
- **Eixo IV – Investigação e Inovação**

O **Eixo Estratégico I** visa a concretização dos dois seguintes Objetivos Estratégicos (OE):

- OE1 - Promover um sistema de produção baseado em produtos de valor acrescentado
- OE2 – Capturar o valor gerado pelo sistema de produção dos Açores

O **Eixo Estratégico II** visa a concretização dos dois seguintes OE:

- OE3 – Investir em indústrias de valor acrescentado e apoiar a organização do sector
- OE4 – Apostar na qualidade dos quadros técnicos e gestores

O **Eixo Estratégico III** visa a concretização dos dois seguintes OE:

- OE5 – Promover os Açores e os seus produtos
- OE6 – Minimizar os constrangimentos logísticos e de transporte

O **Eixo Estratégico IV** visa a concretização de um único Objetivo Estratégico Transversal:

- OE7 – Promover um trabalho profundo de I&D+ Inovação para o desenvolvimento de um novo paradigma de produção para a Carne dos Açores.

A cada um destes sete OE estão associados diferentes Objetivos Operacionais (OEO) que decorrem do enquadramento proposto para cada um dos OE em causa:

- Com o **OE 1 pretende-se fomentar a disponibilidade de pastagens todo ano**, o que é uma vantagem, quer pela disponibilidade de alimento, quer também por enquadrar-se em abordagens valorizadas pelos consumidores (i.e. *grass fed*, *free range*, etc), em termos de produção sustentável e redução dos impactos ambientais decorrentes. Sendo que a produção de carne nos Açores resulta, sobretudo, da atividade da produção de leite, este facto é independente do tipo de raças bovinas envolvidas, dos cruzamentos entre estas e dos modos de produção estabelecidos. Ao OE 1 estão associados os seguintes **Objetivos Operacionais (OEO)**:
 - OEO 1.1 - Caracterização e melhoria do potencial do solo.
 - OEO 1.2 - Quantificação do potencial produtivo de pastagem e forragem para alavancar um sistema suportado por matérias-primas endógenas.
 - OEO 1.3 - Promover a seleção genética do efetivo de carne dos Açores tendo em vista o aumento da qualidade da carne.
 - OEO 1.4. - Promover a sustentabilidade económica e social das explorações agrícolas.
- Com o **OE 2 pretende-se potenciar as características diferenciadores à escala nacional e europeia, que constituem uma oportunidade única de posicionamento no mercado**. Este cenário deve-se fundamentalmente às condições produtivas da região, com pastagem todo o ano, consequência das condições edafoclimáticas, que permite otimizar o sistema de produção extensivo e torná-lo menos dependente da importação de matérias-primas, e que também valoriza o bem-estar animal de acordo com as preferências do consumidor, isto é, animais integrados num ecossistema natural com pastagem nos 365 dias do ano. Ao OE 2 estão associados os seguintes **Objetivos Operacionais (OEO)**:
 - OEO 2.1 - Desenvolver um sistema de certificação que capture todo o valor gerado de forma intrínseca pelo sistema de produção dos Açores: pastagem 365 dias por ano (preconizando os diferentes sistemas de produção elegíveis: *grass fed*, *free range*, biológico, etc.), bem-estar animal e sustentabilidade ambiental.
 - OEO 2.2 - Implementar a digitalização das explorações agrícolas.
 - OEO 2.3 - Investir na economia circular e na produção de energias renováveis.

- Com o **OE 3 pretende-se garantir uma padronização alimentar com a maior incorporação possível de fontes alimentares de produção local**, com a melhoria dos processos tecnológicos de abate, desossa e desmancha e avaliação do rendimento das carcaças, a comercialização da carne por Agrupamentos de Produtores constituídos para o efeito e, ainda, uma comunicação dirigida ao mercado *target* do produto “Carne dos Açores”. Ao OE 3 estão associados os seguintes **Objetivos Operacionais (OEO)**:
 - OEO 3.1 - Criação de novas linhas industriais de produtos de valor acrescentado.
 - OEO 3.2 - Desenvolvimento de agroindústrias de pequena dimensão focadas no comércio local e no desenvolvimento do turismo.
 - OEO 3.3 - Promoção da criação de indústrias de valor acrescentado sinérgicas do setor da carne.
 - OEO 3.4. – Promoção de economia circular, digitalização e sustentabilidade ambiental e social da agroindústria.
- Com o **OE 4 pretende-se formar novos quadros técnicos e da área da gestão** que possam apoiar a implementação de uma nova etapa no sector da Carne dos Açores. Ao OE 4 estão associados os seguintes **Objetivos Operacionais (OEO)**:
 - OEO 4.1 - Apoiar o intercâmbio com instituições de referência a nível nacional e internacional no setor da carne.
 - OEO 4.2 - Organizar ações de formação em áreas de conhecimento relacionadas com aspetos técnicos da produção e da indústria da carne.
 - OEO 4.3 - Apoiar tecnicamente os agricultores para melhoria da gestão das explorações pecuárias, da sua viabilidade económica e sustentabilidade ambiental.
 - OEO 4.4 - Apoio à formação e contratação de mão de obra qualificada e profissionalizada para os setores chave dos projetos de investimento.
- Com o **OE 5 pretende-se identificar, no contexto nacional e internacional, os mercados com maior disponibilidade para remunerar os produtos provenientes dos Açores**, tendo em conta o seu posicionamento no mercado. Ao OE 5 estão associados os seguintes **Objetivos Operacionais (OEO)**:
 - OEO 5.1 - Realização de estudos de mercado que identifiquem os mercados com maior apetência para os produtos açorianos.

- OEO 5.2 - Implementação de campanhas de marketing que suportem o posicionamento dos Açores e dos seus produtos.
- OEO 5.3 – Criação de uma estrutura de apoio técnico independente aos produtores, de transferência de conhecimento e inovação e de certificação dos sistemas de produção, associada à marca Açores.
- Com o **OE 6 pretende-se encontrar soluções que mitiguem o isolamento geográfico dos Açores** e que permitam que os produtos de qualidade cheguem a mercados de valor acrescentado. Ao OE 6 estão associados os seguintes **Objetivos Operacionais (OEO)**:
 - OEO 6.1 - Flexibilizar os transportes e aumentar a frequência dos mesmos.
 - OEO 6.2 - Abrir novos mercados de valor acrescentado.
 - OEO 6.3 - Criar centros de logística que agreguem a oferta nas diferentes ilhas e no continente.
- Com o **OE 7 pretende-se percorrer um caminho de seleção genética para as características procuradas e um trabalho profundo de I&D+ Inovação** para a adequação das pastagens e forragens a um novo paradigma. Ao OE 7 estão associados os seguintes **Objetivos Operacionais (OEO)**:
 - OEO 7.1 - Desenvolver parcerias com instituições de referência internacional em sistemas extensivos de produção de carne.
 - OEO 7.2 - Melhorar o potencial de produção do efetivo de carne dos Açores.
 - OEO 7.3 - Desenvolver os sistemas alimentares, baseados em pastagens e forragens, mais adequadas às características edafoclimáticas regionais.

Na Figura 41 apresenta-se a arquitetura do Plano Estratégico proposto (Missão, Visão Estratégica, Objetivos Gerais, Eixos e Objetivos Estratégicos).

Figura 41 – Missão, Visão Estratégica, Eixos e Objetivos Estratégicos

MISSÃO	Contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento económico dos Açores	
VISÃO	Fileira que abasteça os mercados regional, nacional e internacional de produtos diferenciados, de qualidade reconhecida e de elevado valor acrescentado, com base em sistemas de produção, transformação e comercialização da carne de bovinos que, sendo respeitadores do bem-estar animal, sejam economicamente viáveis, ambientalmente sustentáveis e territorialmente equilibrados.	
OBJETIVOS GERAIS	<p>OG1 - Promover a competitividade da Fileira, apoiando o rendimento e a resiliência dos sistemas de produção de leite regionais e reforçando a posição das organizações de produtores na respetiva cadeia de valor.</p> <p>OG2 - Contribuir para a descarbonização da economia regional, promovendo uma gestão sustentável dos recursos terra e água, assegurando o respeito pelo bem-estar animal, protegendo a biodiversidade e as paisagens agrícolas e a viabilidade económica dos novos sistemas e tecnologias de produção daí resultantes.</p> <p>• OG3 - Promover a adaptação de toda a fileira (produção, abate e desmanche) de forma a garantir a qualidade objetiva e uma valorização final da carne de bovinos capaz de potenciar junto dos consumidores as suas melhores características e respetivos atributos diferenciadores.</p> <p>OG4 - Reforçar o tecido socioeconómico das zonas rurais apostando na sua diversificação produtiva através, nomeadamente, da economia circular e da bioeconomia.</p>	
EIXOS ESTRATÉGICOS, OBJETIVOS ESTRATÉGICOS (OE) E OBJETIVOS OPERACIONAIS (OEO)		
EIXO ESTRATÉGICO I - QUALIDADE E SUSTENTABILIDADE		
OE 1 - Promover a produção de produtos de valor acrescentado		OE 2 - Capturar o valor gerado pelo sistema de produção dos Açores
OEO 1.1 - Caracterização e melhoria do potencial do solo.		OEO 2.1 - Desenvolver um sistema de certificação que capture todo o valor gerado de forma intrínseca pelo sistema de produção dos Açores: pastagem 365 dias por ano (preconizando os diferentes sistemas de produção elegíveis: <i>grass fed, free range</i> , biológico, etc.), bem-estar animal e sustentabilidade ambiental.
OEO 1.2 - Quantificação do potencial produtivo de pastagem e forragem para alavancar um sistema suportado por matérias-primas endógenas.		OEO 2.2 - Implementar a digitalização das explorações agrícolas.
OEO 1.3 - Promover a seleção genética do efetivo de carne dos Açores tendo em vista o aumento da qualidade da carne.		OEO 2.3 - Investir na economia circular e na produção de energias renováveis.
OEO 1.4. - Promover a sustentabilidade económica e social das explorações agrícolas.		
EIXO ESTRATÉGICO II - VALORIZAÇÃO		
OE 3 - Investir em indústrias de valor acrescentado e apoiar a organização do sector		OE 4 - Apostar na qualificação de quadros técnicos e gestores
OEO 3.1 - Criação de novas linhas industriais de produtos de valor acrescentado.		OEO 4.1 - Apoiar o intercâmbio com instituições de referência a nível nacional e internacional no setor da carne.
OEO 3.2 - Desenvolvimento de agroindústrias de pequena dimensão focadas no comércio local e no desenvolvimento do turismo.		OEO 4.2 - Organizar ações de formação em áreas de conhecimento relacionadas com aspetos técnicos da produção e da indústria da carne.
OEO 3.3 - Promoção da criação de indústrias de valor acrescentado sinérgicas do setor da carne.		OEO 4.3 - Apoiar tecnicamente os agricultores para melhoria da gestão das explorações pecuárias, da sua viabilidade económica e sustentabilidade ambiental.
OEO 3.4. – Promoção de economia circular, digitalização e sustentabilidade ambiental e social da agroindústria.		OEO 4.4 - Apoio à formação e contratação de mão de obra qualificada e profissionalizada para os setores chave dos projetos de investimento.
EIXO ESTRATÉGICO III - MERCADOS		
OE 5 - Promover os Açores e os seus produtos		OE 6 - Minimizar os constrangimentos logísticos e de transporte
OEO 5.1 - Realização de estudos de mercado que identifiquem os mercados com maior apetência para os produtos açorianos.		OEO 6.1 - Flexibilizar os transportes e aumentar a frequência dos mesmos.
OEO 5.2 - Implementação de campanhas de marketing que suportem o posicionamento dos Açores e dos seus produtos.		OEO 6.2 - Abrir novos mercados de valor acrescentado.
OEO 5.3 – Criação de uma estrutura de apoio técnico independente aos produtores, de transferência de conhecimento e inovação e de certificação dos sistemas de produção, associada à marca Açores.		OEO 6.3 - Criar centros de logística que agreguem a oferta nas diferentes ilhas e no continente.
EIXO ESTRATÉGICO IV - INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO		
OE 7 - Promover um trabalho profundo de I&D+ Inovação para desenvolvimento de um novo paradigma de produção		
OEO 7.1 - Desenvolver parcerias com instituições de referência internacional em sistemas extensivos de produção de carne.		
OEO 7.2 - Melhorar o potencial de produção do efetivo de carne dos Açores.		
OEO 7.3 - Desenvolver os sistemas alimentares, baseados em pastagens e forragens, mais adequadas às características edafoclimáticas regionais.		

4.4 Medidas e ações a desenvolver

A concretização com sucesso do conjunto de objetivos estratégicos e operacionais definidos, vai exigir a adoção do seguinte conjunto de medidas e ações, que irão depender da iniciativa das empresas, agrícolas e agroindustriais, das organizações da produção, do Governo e das Instituições de I&D+inovação.

São seis as medidas que importa promover no âmbito do Plano Estratégico para a Fileira da Carne de Bovinos dos Açores:

- **Medida 1 – Apoios às explorações agrícolas**
- **Medida 2 – Apoios a investimentos e ações coletivos (Organizações de Produção/ Gestão IGP)**
- **Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes**
- **Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e à criação de centros de competência**
- **Medida 5 – Apoios à melhoria da logística regional**
- **Medida 6 – Apoios à transferência de conhecimento, ao marketing, à promoção e divulgação de produtos e tecnologias inovadoras**

No contexto de cada uma destas medidas, integra-se um conjunto de diferentes **ações** que abaixo se descrevem.

- **Medida 1 – Apoios às explorações agrícolas**
 - Ação 1.01 - Apoios ao recurso à genotipagem para seleção das fêmeas de maior potencial genético, associado a objetivos de produção do leite ou da carne (p. ex green feed), assim como ao recurso ao sémen sexado (OEO 1.3.)
 - Ação 1.02 - Apoios à digitalização do maneio pecuário em todas as suas vertentes (genética, saúde, bem-estar animal, alimentação, etc.) (OEO 2.2)
 - Ação 1.03 - Apoios ao desenvolvimento de investimentos para o tratamento do estrume e o seu curtimento e de equipamentos (se necessário) para o aplicar no solo (OEO 2.3.)

- Ação 1.04 – Apoios ao investimento na instalação de pastagens e forragens adequadas e nos equipamentos tanto de produção como de alimentação animal (OEO 1.2)
 - Ação 1.05 - Apoios à reconversão de explorações agrícolas de leite, desde que com análise económica da sua rentabilidade (OEO 1.4.)
 - Ação 1.06 - Apoios à implementação de certificações de referenciais de qualidade, de sustentabilidade e bem-estar animal (OEO 2.1.)
 - Ação 1.07 - Promoção de investimentos públicos e privados na economia circular (estrume e água) (OEO 2.3.)
 - Ação 1.08 - Promoção de investimentos públicos e privados em caminhos, abastecimento de água e eletrificação nas zonas carenciadas (OEO 1.4.)
 - Ação 1.09 - Promoção de investimentos públicos e privados em eficiência energética e energias renováveis adequadas às condições dos Açores (OEO 2.3)
 - Ação 1.10 - Apoios à instalação de jovens agricultores associada a projetos sustentáveis e viáveis económica e financeiramente, com acompanhamento técnico, de gestão, financeiro e fiscal (OEO 1.4.)
 - Ação 1.11 – Apoios à criação de parques de acabamento com área disponível de pastagem (OEO 2.1.)
- **Medida 2 – Apoios a investimentos e ações coletivos (Organizações de Produção/ Gestão IGP)**
 - Ação 2.01 - Apoios à criação de parques de acabamento coletivos com área disponível de pastagem (OEO 2.1.)
 - Ação 2.02 - Promoção da criação de uma organização de produção para a carne (apoio jurídico, estatutos, controlo de gestão e centros de custos e criação de postos de trabalho técnicos e qualificados) (OEO 1.4.)
 - Ação 2.03 - Definição de regras de manejo e alimentação dos acabamentos (OEO 1.3.)
 - Ação 2.04 - Criação dos padrões adequados no que se refere à qualidade da carne (tipo de gordura, cor, textura, frescura) e ao bem-estar animal (OEO 1.3.e OEO 1.4.)
 - Ação 2.05 - Alteração das regras da IGP, possibilitando o aleitamento dos animais por leite da exploração, assim como definição das regras para o acabamento adequado (OEO 1.3. e OE 1.4.)

- **Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes**
 - Ação 3.01 - Apoios ao investimento de pequenas indústrias artesanais com valor acrescentado (OEO 3.2.)
 - Ação 3.02 - Apoios à inovação e criação de valor acrescentado nas agroindústrias, economia circular, aproveitamento de coprodutos, embalagens de menor impacto ambiental (OEO 3.1. e OEO 3.4.)
 - Ação 3.03 - Apoios à formação e contratação de mão de obra qualificada e profissionalizada para os setores chave dos projetos de investimento (OEO 4.4.)
 - Ação 3.04 - Apoios à eficiência energética e às energias renováveis com viabilidade nos Açores (OEO 3.4.)
 - Ação 3.05 - Apoios à digitalização, robotização, gestão de KPIs (OEO 3.4.)
 - Ação 3.06 - Apoios à modernização de equipamentos com melhoria da eficiência de processos, do bem-estar animal, boas práticas ou melhor aproveitamento industrial (OEO 3.4.)
 - Ação 3.07 - Apoios à implementação de estudos de mercados e planos de marketing e comunicação nas agroindústrias (OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 6.2.)
 - Ação 3.08 - Criação de centros de logística nas ilhas e continente (OEO 6.3.)
 - Ação 3.09 - Promoção de investimentos em scanners nos matadouros ou matadouro-escola para classificação objetiva das carcaças e sua valorização adequada (OEO 3.1.)
 - Ação 3.10 - Promoção de investimentos nos matadouros e salas de desmancha nos processos e tecnologias com oportunidade de melhoria para a valorização da carne (OEO 3.1.)
 - Ação 3.11 - Apoios ao desenvolvimento e fabrico de embalagens na região com matérias-primas regionais ou com menor impacto ambiental (OEO 3.3.e OEO 3.4.)
- **Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e à criação de centros de competência**
 - Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos

adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4., OEO 2.1., OEO 2.2., OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.).

- **Medida 5 – Apoios à melhoria da logística regional**

- Ação 5.01 - Flexibilização dos transportes e frequência do transporte marítimo (OEO 6.1.)

- **Medida 6 – Apoios à transferência de conhecimento, ao marketing, à promoção e divulgação de produtos e tecnologias inovadoras**

- Ação 6.01 - Ampliação do estatuto promotor do desenvolvimento económico dos sectores do leite e da carne do CALL e da CERCA; apoio técnico independente aos produtores; transferência de conhecimentos e de inovação para todos os agentes das fileiras; certificação dos sistemas de produção associados à Marca Açores; desenvolvimento de estudos de mercado, planos de comunicação, marketing, merchandising, degustação dos produtos, painéis sensoriais e suporte das marcas IGP, DOP e do setor biológico dos Açores (regras específicas) (OEO 2.1., OEO 4.1., OEO 4.2., OEO 4.3., OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 5.3.).

As figuras seguintes (Figuras 42, 43, 44 e 45) apresentam, para cada Eixo Estratégico, os respetivos Objetivos Estratégicos (OE) e Objetivos Operacionais (OEO), bem como as medidas e ações a concretizar.

Figura 42 – Eixo Estratégico I: Objetivos Estratégicos (OE), Objetivos Operacionais (OEO), Medidas e Ações

Eixo Estratégico I - QUALIDADE E SUSTENTABILIDADE		
OE 1 - Promover a produção de produtos de valor acrescentado		
OBJETIVOS OPERACIONAIS (OEO)	MEDIDAS	AÇÕES
OEO 1.1 - Caracterização e melhoria do potencial do solo.	Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e criação de centros de competência	Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4., OEO 2.1., OEO 2.2., OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.).
OEO 1.2 - Quantificação do potencial produtivo de pastagem e forragem para alavancar um sistema suportado por matérias-primas endógenas.	Medida 1 – Apoios às explorações agrícolas	Ação 1.04 – Apoios ao investimento na instalação de pastagens e forragens adequadas e nos equipamentos tanto de produção como de alimentação animal (OEO 1.2)
	Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e criação de centros de competência	Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4., OEO 2.1., OEO 2.2., OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.).
OEO 1.3 - Promover a seleção genética do efetivo de carne dos Açores tendo em vista o aumento da qualidade da carne.	Medida 1 – Apoios às explorações agrícolas	Ação 1.01 - Apoios ao recurso à genotipagem para seleção das fêmeas de maior potencial genético, associado a objetivos de produção do leite ou da carne (p. ex <i>green feed</i>), assim como ao recurso ao sêmen sexado (OEO 1.3.)
	Medida 2 – Apoios a investimentos e ações coletivos (Organizações de Produção/Gestão IGP)	Ação 2.03 - Definição de regras de manejo e alimentação dos acabamentos (OEO 1.3.)
		Ação 2.04 - Criação dos padrões adequados no que se refere à qualidade da carne (tipo de gordura, cor, textura, frescura) a ao bem-estar animal (OEO 1.3.e OEO 1.4.)
		Ação 2.05 - Alteração das regras da IGP, possibilitando o aleitamento dos animais por leite da exploração, assim como definição das regras para o acabamento adequado (OEO 1.3. e OE 1.4.)

Eixo Estratégico I - QUALIDADE E SUSTENTABILIDADE

	<p>Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e criação de centros de competência</p>	<p>Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4., OEO 2.1., OEO 2.2., OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.).</p>
<p>OEO 1.4. - Promover a sustentabilidade económica e social das explorações agrícolas.</p>	<p>Medida 1 – Apoios às explorações agrícolas</p>	<p>Ação 1.05 - Apoios à reconversão de explorações agrícolas de leite, desde que com análise económica da sua rentabilidade (OEO 1.4.)</p> <p>Ação 1.08 - Promoção de investimentos públicos e privados em caminhos, abastecimento de água e eletrificação nas zonas carenciadas (OEO 1.4.)</p> <p>Ação 1.10 - Apoios à instalação de jovens agricultores associada a projetos sustentáveis e viáveis económica e financeiramente, com acompanhamento técnico, de gestão, financeiro e fiscal (OEO 1.4.)</p>
	<p>Medida 2 – Apoios a investimentos e ações coletivos (Organizações de Produção/Gestão IGP)</p>	<p>Ação 2.02 - Promoção da criação de uma organização de produção para a carne (apoio jurídico, estatutos, controlo de gestão e centros de custos e criação de postos de trabalho técnicos e qualificados) (OEO 1.4.)</p> <p>Ação 2.04 - Criação dos padrões adequados no que se refere à qualidade da carne (tipo de gordura, cor, textura, frescura) a ao bem-estar animal (OEO 1.3.e OEO 1.4.)</p> <p>Ação 2.05 - Alteração das regras da IGP, possibilitando o aleitamento dos animais por leite da exploração, assim como definição das regras para o acabamento adequado (OEO 1.3. e OE 1.4.)</p>
	<p>Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e criação de centros de competência</p>	<p>Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4., OEO 2.1., OEO 2.2., OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.).</p>
	<p>OE 2 - Capturar o valor gerado pelo sistema de produção dos Açores</p>	

Eixo Estratégico I - QUALIDADE E SUSTENTABILIDADE

<p>OEO 2.1 - Desenvolver um sistema de certificação que capture todo o valor gerado de forma intrínseca pelo sistema de produção dos Açores: pastagem 365 dias por ano (preconizando os diferentes sistemas de produção elegíveis: <i>grass fed, free range, biológico, etc.</i>), bem-estar animal e sustentabilidade ambiental.</p>	<p>Medida 1 – Apoios às explorações agrícolas</p>	<p>Ação 1.06 - Apoios à implementação de certificações de referenciais de qualidade, de sustentabilidade e bem-estar animal (OEO 2.1.)</p>
		<p>Ação 1.11 – Apoios à criação de parques de acabamento com área disponível de pastagem (OEO 2.1.)</p>
	<p>Medida 2 – Apoios a investimentos e ações coletivos (Organizações de Produção/Gestão IGP)</p>	<p>Ação 2.01 - Apoios à criação de parques de acabamento coletivos com área disponível de pastagem (OEO 2.1.)</p>
	<p>Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e criação de centros de competência</p>	<p>Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4., OEO 2.1., OEO 2.2., OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.).</p>
	<p>Medida 6 – Apoios à transferência de conhecimento, ao marketing, à promoção e divulgação de produtos e tecnologias inovadoras</p>	<p>Ação 6.01 - Ampliação do estatuto promotor do desenvolvimento económico dos sectores do leite e da carne do CALL e da CERCA; apoio técnico independente aos produtores; transferência de conhecimentos e de inovação para todos os agentes das fileiras; certificação dos sistemas de produção associados à Marca Açores; desenvolvimento de estudos de mercado, planos de comunicação, marketing, merchandising, degustação dos produtos, painéis sensoriais e suporte das marcas IGP, DOP e do setor biológico dos Açores (regras específicas) (OEO 2.1., OEO 4.1., OEO 4.2., OEO 4.3., OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 5.3.).</p>
<p>OEO 2.2 - Implementar a digitalização das explorações agrícolas.</p>	<p>Medida 1 – Apoios às explorações agrícolas</p>	<p>Ação 1.02 - Apoios à digitalização do maneio pecuário em todas as suas vertentes (genética, saúde, bem-estar animal, alimentação, etc.) (OEO 2.2)</p>
	<p>Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e criação de centros de competência</p>	<p>Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4., OEO 2.1., OEO 2.2., OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.).</p>

Eixo Estratégico I - QUALIDADE E SUSTENTABILIDADE

<p>OEO 2.3 - Investir na economia circular e na produção de energias renováveis.</p>	<p>Medida 1 – Apoios às explorações agrícolas</p>	<p>Ação 1.03 - Apoios ao desenvolvimento de investimentos para o tratamento do estrume e o seu curtimento e de equipamentos (se necessário) para o aplicar no solo (OEO 2.3.)</p>
		<p>Ação 1.07 - Promoção de investimentos públicos e privados na economia circular (estrume e água) (OEO 2.3.)</p>
		<p>Ação 1.09 - Promoção de investimentos públicos e privados em eficiência energética e energias renováveis adequadas às condições dos Açores (OEO 2.3)</p>
	<p>Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e criação de centros de competência</p>	<p>Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4., OEO 2.1., OEO 2.2., OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.)</p>

Figura 43 – Eixo Estratégico II: Objetivos Estratégicos (OE), Objetivos Operacionais (OEO), Medidas e Ações

Eixo Estratégico II - VALORIZAÇÃO		
OE 3 - Investir em indústrias de valor acrescentado e apoiar a organização do sector		
OBJETIVOS OPERACIONAIS (OEO)	MEDIDAS	AÇÕES
OEO 3.1 - Criação de novas linhas industriais de produtos de valor acrescentado.	Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes	Ação 3.02 - Apoios à inovação e criação de valor acrescentado nas agroindústrias, economia circular, aproveitamento de coprodutos, embalagens de menor impacto ambiental (OEO 3.1. e OEO 3.4.)
		Ação 3.09 - Promoção de investimentos em scanners nos matadouros ou matadouro-escola para classificação objetiva das carcaças e sua valorização adequada (OEO 3.1.)
		Ação 3.10 - Promoção de investimentos nos matadouros e salas de desmancha nos processos e tecnologias com oportunidade de melhoria para a valorização da carne (OEO 3.1.)
OEO 3.2 - Desenvolvimento de agroindústrias de pequena dimensão focadas no comércio local e no desenvolvimento do turismo.	Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes	Ação 3.01 - Apoios ao investimento de pequenas indústrias artesanais com valor acrescentado (OEO 3.2.)
OEO 3.3 - Promoção da criação de indústrias de valor acrescentado sinérgicas do setor da carne.	Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes	Ação 3.11 - Apoios ao desenvolvimento e fabrico de embalagens na região com matérias-primas regionais ou com menor impacto ambiental (OEO 3.3.e OEO 3.4.)
OEO 3.4. – Promoção de economia circular, digitalização e	Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas	Ação 3.02 - Apoios à inovação e criação de valor acrescentado nas agroindústrias, economia circular, aproveitamento de coprodutos, embalagens de menor impacto ambiental (OEO 3.1. e OEO 3.4.)

Eixo Estratégico II - VALORIZAÇÃO		
sustentabilidade ambiental e social da agroindústria.	empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes	Ação 3.04 - Apoios à eficiência energética e às energias renováveis com viabilidade nos Açores (OEO 3.4.)
		Ação 3.05 - Apoios à digitalização, robotização, gestão de KPIs (OEO 3.4.)
		Ação 3.06 - Apoios à modernização de equipamentos com melhoria da eficiência de processos, do bem-estar animal, boas práticas ou melhor aproveitamento industrial (OEO 3.4.)
		Ação 3.11 - Apoios ao desenvolvimento e fabrico de embalagens na região com matérias primas regionais ou com menor impacto ambiental (OEO 3.3.e OEO 3.4.)
OE 4 - Apostar na qualificação de quadros técnicos e gestores		
OEO 4.1 - Apoiar o intercâmbio com instituições de referência a nível nacional e internacional no setor da carne.	Medida 6 – Apoios à transferência de conhecimento, ao marketing, à promoção e divulgação de produtos e tecnologias inovadoras	Ação 6.01 - Ampliação do estatuto promotor do desenvolvimento económico dos sectores do leite e da carne do CALL e da CERCA; apoio técnico independente aos produtores; transferência de conhecimentos e de inovação para todos os agentes das fileiras; certificação dos sistemas de produção associados à Marca Açores; desenvolvimento de estudos de mercado, planos de comunicação, marketing, merchandising, degustação dos produtos, painéis sensoriais e suporte das marcas IGP, DOP e do setor biológico dos Açores (regras específicas) (OEO 2.1., OEO 4.1., OEO 4.2., OEO 4.3., OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 5.3.) .
OEO 4.2 - Organizar ações de formação em áreas de conhecimento relacionadas com aspetos técnicos da produção e da indústria da carne.	Medida 6 – Apoios à transferência de conhecimento, ao marketing, à promoção e divulgação de produtos e tecnologias inovadoras	Ação 6.01 - Ampliação do estatuto promotor do desenvolvimento económico dos sectores do leite e da carne do CALL e da CERCA; apoio técnico independente aos produtores; transferência de conhecimentos e de inovação para todos os agentes das fileiras; certificação dos sistemas de produção associados à Marca Açores; desenvolvimento de estudos de mercado, planos de comunicação, marketing, merchandising, degustação dos produtos, painéis sensoriais e suporte das marcas IGP, DOP e do setor biológico dos Açores (regras específicas) (OEO 2.1., OEO 4.1., OEO 4.2., OEO 4.3., OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 5.3.) .
OEO 4.3 - Apoiar tecnicamente os agricultores para melhoria da gestão das explorações pecuárias, da sua viabilidade económica e sustentabilidade ambiental.	Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e criação de centros de competência	Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4., OEO 2.1., OEO 2.2., OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.) .
	Medida 6 – Apoios à transferência de conhecimento, ao marketing, à promoção	Ação 6.01 - Ampliação do estatuto promotor do desenvolvimento económico dos sectores do leite e da carne do CALL e da CERCA; apoio técnico independente aos produtores; transferência de conhecimentos e de inovação para todos os agentes das fileiras; certificação dos sistemas de produção associados à Marca

Eixo Estratégico II - VALORIZAÇÃO		
	e divulgação de produtos e tecnologias inovadoras	Açores; desenvolvimento de estudos de mercado, planos de comunicação, marketing, merchandising, degustação dos produtos, painéis sensoriais e suporte das marcas IGP, DOP e do setor biológico dos Açores (regras específicas) (OEO 2.1., OEO 4.1., OEO 4.2., OEO 4.3., OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 5.3.) .
OEO 4.4 - Apoio à formação e contratação de mão de obra qualificada e profissionalizada para os setores chave dos projetos de investimento.	Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes	Ação 3.03 - Apoios à formação e contratação de mão de obra qualificada e profissionalizada para os setores chave dos projetos de investimento (OEO 4.4.)

Figura 44 – Eixo Estratégico II: Objetivos Estratégicos (OE), Objetivos Operacionais (OEO), Medidas e Ações

Eixo Estratégico III - MERCADOS		
OE 5 - Promover os Açores e os seus produtos		
OBJETIVOS OPERACIONAIS (OEO)	MEDIDAS	AÇÕES
OEO 5.1 - Realização de estudos de mercado que identifiquem os mercados com maior apetência para os produtos açorianos.	Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes	Ação 3.07 - Apoios à implementação de estudos de mercados e planos de marketing e comunicação nas agroindústrias (OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 6.2.)
	Medida 6 – Apoios à transferência de conhecimento, ao marketing, à promoção e divulgação de produtos e tecnologias inovadoras	Ação 6.01 - Ampliação do estatuto promotor do desenvolvimento económico dos sectores do leite e da carne do CALL e da CERCA; apoio técnico independente aos produtores; transferência de conhecimentos e de inovação para todos os agentes das fileiras; certificação dos sistemas de produção associados à Marca Açores; desenvolvimento de estudos de mercado, planos de comunicação, marketing, merchandising, degustação dos produtos, painéis sensoriais e suporte das marcas IGP, DOP e do setor biológico dos Açores (regras específicas) (OEO 2.1., OEO 4.1., OEO 4.2., OEO 4.3., OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 5.3.)
OEO 5.2 - Implementação de campanhas de marketing que suportem o posicionamento dos Açores e dos seus produtos.	Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes	Ação 3.07 - Apoios à implementação de estudos de mercados e planos de marketing e comunicação nas agroindústrias (OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 6.2.)
	Medida 6 – Apoios à transferência de conhecimento, ao marketing, à promoção e divulgação de produtos e tecnologias inovadoras	Ação 6.01 - Ampliação do estatuto promotor do desenvolvimento económico dos sectores do leite e da carne do CALL e da CERCA; apoio técnico independente aos produtores; transferência de conhecimentos e de inovação para todos os agentes das fileiras; certificação dos sistemas de produção associados à Marca Açores; desenvolvimento de estudos de mercado, planos de comunicação, marketing, merchandising, degustação dos produtos, painéis sensoriais e suporte

Eixo Estratégico III - MERCADOS		
		das marcas IGP, DOP e do setor biológico dos Açores (regras específicas) (OEO 2.1., OEO 4.1., OEO 4.2., OEO 4.3., OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 5.3.).
OEO 5.3 – Criação de uma estrutura de apoio técnico independente aos produtores, de transferência de conhecimento e inovação e de certificação dos sistemas de produção, associada à marca Açores.	Medida 6 – Apoios à transferência de conhecimento, ao marketing, à promoção e divulgação de produtos e tecnologias inovadoras	Ação 6.01 - Ampliação do estatuto promotor do desenvolvimento económico dos sectores do leite e da carne do CALL e da CERCA; apoio técnico independente aos produtores; transferência de conhecimentos e de inovação para todos os agentes das fileiras; certificação dos sistemas de produção associados à Marca Açores; desenvolvimento de estudos de mercado, planos de comunicação, marketing, merchandising, degustação dos produtos, painéis sensoriais e suporte das marcas IGP, DOP e do setor biológico dos Açores (regras específicas) (OEO 2.1., OEO 4.1., OEO 4.2., OEO 4.3., OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 5.3.).
OE 6 - Minimizar os constrangimentos logísticos e de transporte		
OEO 6.1 - Flexibilizar os transportes e aumentar a frequência dos mesmos.	Medida 5 – Apoios à melhoria da logística regional	Ação 5.01 - Flexibilização dos transportes e frequência do transporte marítimo (OEO 6.1.)
OEO 6.2 - Abrir novos mercados de valor acrescentado.	Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes	Ação 3.07 - Apoios à implementação de estudos de mercados e planos de marketing e comunicação nas agroindústrias (OEO 5.1., OEO 5.2. e OEO 6.2.)
OEO 6.3 - Criar centros de logística que agreguem a oferta nas diferentes ilhas e no continente.	Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes	Ação 3.08 - Criação de centros de logística nas ilhas e continente (OEO 6.3.)

Figura 45 – Eixo Estratégico IV: Objetivos Estratégicos (OE), Objetivos Operacionais (OEO), Medidas e Ações

EIXO ESTRATÉGICO IV - INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO		
OE 7 - Promover um trabalho profundo de I&D+ Inovação para desenvolvimento de um novo paradigma de produção		
OBJETIVOS OPERACIONAIS (OEO)	MEDIDAS	AÇÕES
<p>OEO 7.1 - Desenvolver parcerias com instituições de referência internacional em sistemas extensivos de produção de carne.</p>	<p>Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e criação de centros de competência</p>	<p>Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4.,OEO 2.1., OEO 2.2.,OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.).</p>
<p>OEO 7.2 - Melhorar o potencial de produção do efetivo de carne dos Açores.</p>	<p>Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e criação de centros de competência</p>	<p>Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4.,OEO 2.1., OEO 2.2.,OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.).</p>
<p>OEO 7.3 - Desenvolver os sistemas alimentares, baseados em pastagens e forragens, mais adequadas às características edafoclimáticas regionais.</p>	<p>Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e criação de centros de competência</p>	<p>Ação 4.01 - Apoio à criação de centros de competência; desenvolvimento de casos piloto e I&DI para a melhoria e preservação dos solos; promoção de análises de solos adequadas; desenvolvimento de projetos de melhoria e adaptação das forragens e pastagens aos solos e às condições edafoclimáticas regionais e de projetos que prossigam os objetivos de aumento da qualidade da carne e de sustentabilidade dos sistemas de produção; capacitação e aconselhamento dos agricultores no âmbito da sustentabilidade ambiental, social e económica, da digitalização e do bem-estar animal, incluindo certificações e ampla divulgação de boas práticas (OEO 1.1., OEO 1.2., OEO 1.3., OEO 1.4.,OEO 2.1., OEO 2.2.,OEO 2.3., OEO 4.3., OEO 7.1., OEO 7.2. e OEO 7.3.).</p>

5 Conclusões e Recomendações

- A. Promover a produção de carne com qualidade objetiva reconhecida com valorização do modo de produção, com sustentabilidade para o produtor e ambiente
- B. Implementar a melhoria do manejo alimentar através suplementação da alimentação base constituída pela pastagem, com alimentos grosseiros e alimentos compostos que irão potenciar a melhoria da qualidade objetiva da carne sob o ponto de vista da sua tecnologia de processamento e da sua sapidez, o que condiciona a respetiva valorização comercial e a satisfação dos consumidores.
- C. Promover o aparecimento de agentes dinamizadores da reestruturação da fileira da carne (empresas privadas, agrupamentos de produtores).
- D. Estudar as alternativas de alimentação forrageira e alimentos grosseiros com base em produção regional ou coprodutos de outras indústrias, já que este tipo de alimentos é essencial no acabamento dos animais e na qualidade objetiva da carne e a redução da incorporação das importações das matérias-primas é essencial ao equilíbrio e sustentabilidade ambiental deste sistema.
- E. Promover a adaptação de toda a fileira para a garantia da qualidade objetiva e valorização final da carne, chegando ao consumidor com as suas melhores características e garantindo os atributos diferenciadores que são possíveis obter e potenciar na região (integração do conhecimento ao longo da fileira).

Assim, para a fileira da carne, será necessário:

- implementar programas informáticos de gestão técnica e económica de fácil utilização,
- padronizar a utilização das Raças e cruzamentos mais bem adaptados (sendo que as linhas mãe de vacas leiteiras está perfeitamente estabelecida),
- padronizar a alimentação com a maior incorporação possível de fontes alimentares de produção local,
- compreender numa abordagem ilha a ilha, as necessidades básicas para a produção de fontes alimentares locais, dimensionando a respetiva produção e avaliando o impacto nutricional da sua utilização na qualidade objetiva da carne.
- Integrar a IGP na reestruturação da fileira da carne como produto dinamizador de um posicionamento diferenciado para a Carne produzida no Arquipélago,

- avaliar a utilização na alimentação animal de coprodutos da indústria alimentar com ou sem processamento industrial associado.
- promover a melhoria dos processos tecnológico de abate, desossa e desmancha, avaliação do rendimento
- promover a transformação de produtos regionais para serem consumidos em fresco pelos turistas criando vivências in loco

Recomenda-se que seja constituído um grupo de trabalho, para aprofundamento das medidas e ações propostas, assim como para apoiar a sua implementação adequada. Aquele grupo de trabalho deverá ainda organizar uma base de dados das explorações agrícolas, seus custos de produção, receitas e rentabilidade, a qual deverá poder constituir-se como um instrumento de apoio à decisão e de acompanhamento da evolução do setor da carne.

Será, ainda, fundamental, adaptar as medidas do POSEI, de acordo com as orientações do Plano, para que contribuam para a concretização da Visão Estratégica proposta.

ANEXO I – Contributos recebidos no âmbito da Consulta Pública

Federação Agrícola dos Açores

Considerando que a produção e consumo de carne de bovino apresentam importantes desafios, desde logo o declínio na população bovina e conseqüente aumento da dependência externa na União Europeia; a redução do consumo, que resulta do envelhecimento demográfico; a rotulagem negativa e sensacionalista do seu impacto na emissão de gases com efeito estufa e do uso dos recursos (i.e. água e solo); de questões de bem-estar animal, quer da relação do seu consumo com problemas de saúde (e.g. doenças cardiovasculares).

Considerando que o setor da bovinicultura de carne nos Açores é o segundo setor mais representativo da atividade agropecuária;

Considerando que o setor tem observado um grande desenvolvimento quer devido grau de especialização dos produtores (ex: seleção genética), a remodelação/construção de unidades de abate e de salas de desmancha, quer pelo surgimento de operadores que tem resultado numa inversão da expedição de animais vivos, pela expedição de carcaças e carne embalada, acrescentando assim valor à cadeia;

Considerando que os Açores são autossuficientes e que por isso é importante acrescentar valor ao produto expedito - que passa não apenas de uma orientação estratégica da produção, do abate e tecnologia das carcaças e da carne - mas igualmente procurar de mercados (a nível local e nacional) que possam ter essa correspondência com benefícios ao longo da cadeia.

Considerando que o setor da bovinicultura ainda necessita de organização ao nível da produção, melhor articulação entre os vários componentes da fileira, formação, orientação e procura de mercados de valorização, em suma uma verticalização;

Considerando que é essencial garantir a qualidade da carne e utilizar instrumentos para a sua promoção;

Considerando que a região possui uma Indicação Geográfica Protegida – Carne dos Açores que tem em conta a tradição e as condições edafoclimáticas para a produção de carne com base na pastagem e uma Denominação de Origem Protegida – Carne Ramo Grande para a raça autóctone com o mesmo nome;

Considerando que operam nos Açores rotulagens facultativas com base em raças exóticas (i.e. Aberdeen-Angus, Charolês e Limousine);

Considerando que a Federação Agrícola dos Açores foi convidada a dar o seu contributo no âmbito da consulta pública sobre o Plano Estratégico para a Fileira da Carne de Bovinos dos Açores apresentamos neste documento reflexões e sugestões.

1. Análise do documento

O documento apresenta um diagnóstico aprofundado da fileira, quer regional quer por ilha, apresentando dados úteis nas estratégias a adotar no incentivo à especialização, na produção, no abate e na tecnologia das carcaças e da carne, assim como da comercialização e do consumo.

Os autores do documento criaram uma base dados (i.e. Base de Dados dos Produtores Regionais – AGRO.GES) com a informação disponibilizada pela Direção Regional do Desenvolvimento Rural (DRDR) e pelo IAMA considerando os produtores que beneficiam das medidas POSEI, MAZD e MAA e as entregas de leite e os abates na Região.

Com suporte nessa informação foram criadas tipologias de produção, algumas que não correspondem à realidade da produção (ex: a tipologia A), nem o seu agrupamento na representatividade dos produtores e volume de carne entregue (i.e. A+B).

Na nossa opinião, a fragmentação da informação é tão grande que se perde o foco no diagnóstico da fileira.

No documento é indicado que a categoria D (i.e. fêmeas paridas) foi a que apresentou, o volume maior de peso da carne. Esse peso é representativo da elevada taxa de reposição principalmente do efetivo leiteiro e não como uma categoria de valorização comercial. Assim, a categoria mais representativa (i.e. a que teve mais abates) foi a Z (vitelão), que é resultado do incentivo POSEI (Prémio ao Abate de Bovinos) e da falta de condições de recria e acabamento.

O documento aponta, com pertinência, que a existência de uma proteção geográfica Açores (i.e. a Carne dos Açores – IGP) e o programa “Marca Açores” também associada aos produtos de carne bovina conflitua com a comunicação e com o mercado.

O documento revela que a rentabilidade difere consideravelmente entre ilhas assim como, o custo de produção/kg de carne e que as ajudas à produção possuem um peso importante nas ilhas mais periféricas como compensação desse diferencial para as ilhas de S. Miguel e Terceira.

Na análise SWOT são bem identificados os pontos fortes e fracos, assim como as oportunidades e as ameaças.

Nos pontos fracos a Carne dos Açores - IGP é sinalizada como restritiva, sendo propostas alterações para que o modo de produção se torne mais abrangente. Todavia, os autores do plano desconhecem que a Federação Agrícola dos Açores preparou uma série de alterações que incluem a definição de um regime de acabamento, mas neste caso a alteração é considerada não menor e carece de um estudo de caracterização sobre a influência na qualidade da carne.

Concordamos que ainda é necessária investigação e utilização de tecnologia relativa à preservação e melhoria do potencial dos solos, do desenvolvimento das pastagens e forragens; quer nos sistemas de acabamento, apesar de se observarem bons exemplos de projetos que possuem um alinhamento com as especificações do mercado (i.e. peso de carcaça e estado de gordura). De modo a potenciar a qualidade da carne e diminuir as fontes de variabilidade, entendemos que é muito importante a implementação de tecnologia ao nível das unidades de abate.

De forma transversal, existe falta de formação e especialização quer da produção quer da comercialização.

O documento realça que a logística é um dos maiores entraves ao desenvolvimento do setor de agroalimentar, sendo uma reivindicação que a Federação Agrícola dos Açores mantém na sua agenda.

O Plano Estratégico da Fileira apresentado refere que a disponibilidade de pastagens todo ano é uma vantagem não apenas pelo uso do recurso endógeno que permite a redução dos custos e minorar a dependência da importação de cereais, mas também pela forte imagem que imprime na promoção dos alimentos produzidos à base de pastagem (ex: mais saudáveis e maiores níveis de bem-estar animal) junto do consumidor. Todavia, admite igualmente que a suplementação é uma necessidade, justamente porque existe uma sazonalidade na produção e qualidade da erva; que determinados segmentos de mercados vão exigir animais com mais idade e maior grau de acabamento (i.e. deposição de gordura intramuscular).

Ora a estratégia de otimizar a pastagem e as suas forragens terá, na nossa opinião, que passa também por uma redução do encabeçamento; particularmente nas ilhas de São Miguel, Terceira e Graciosa e pela segmentação de mercados (i.e. com necessidades de recria e acabamento), sendo

necessário criar mecanismos que permitam os produtores acompanharem essa redução sem prejuízo da rentabilidade.

Tal como indica o documento, a otimização da produção passa pela e tão discutida organização da produção e da sua posição na cadeia de valor; a incorporação de tecnologia, a padronização na utilização das raças e cruzamentos (i.e. otimizar o vigor híbrido com base nas fêmeas de aptidão carne e leite); a padronização no acabamento de animais com idade superior a 12 meses de modo a que seja possível ter lotes uniformes ao abate resultando carcaças e qualidade da carne que corresponda a nichos mais exigentes mas também com maior valorização; a melhoria dos processos tecnológicos de abate, refrigeração de carcaças e da carne (incluindo a maturação), a desmancha, o embalamento e a transformação.

1.1. Análise e contributos sobre os Eixos Estratégicos

Os objetivos do Plano encontram-se alinhados com a ideologia subjacente da nova Política Agrícola Comum e temos nos Açores um interessante potencial para desenhar medidas que confirmem desenvolvimento e sustentabilidade. Em relação ao OEO 1.1. e 1.2. entendemos que para além da caracterização e quantificação e do potencial produtivo de pastagem é importante a existência de incentivos à renovação de pastagens que aumentem a biodiversidade mas também da manutenção/recuperação de pastagens permanentes (i.e. para o sequestro de carbono) apoiadas com aconselhamento técnico.

Relembramos que já foi enviado para a Secretaria Regional da Agricultura e Desenvolvimento Rural propostas com vista ao alcance do OEO 1.3. mas até hoje sem resposta.

O OE2 tem relação com o OE1 e entendemos que passará em grande parte por incentivos à redução do encabeçamento das explorações.

O OE3 deve incluir no OEO 3.1. a industrialização da transformação de modo a crescer valor nas peças menos valorizadas das carcaças e dos animais que não tenham interesse para o acabamento.

O OE4 e OE5 são muito importantes para a capacitação todos os intervenientes da fileira.

Consideramos fundamental que o Plano Estratégico tenha como eixo estratégico a questão da logística que está intimamente ligada aos transportes marítimos.

Assim, reforçamos que todas as medidas que potenciem a produção e a comercialização da carne podem ser inúteis, se for mantido o atual modelo de transporte marítimo, quer entre ilhas quer entre o arquipélago e o território continental, representando uma das maiores entraves ao desenvolvimento da atividade agropecuária nos Açores.

Conforme indicado nos Objetivos Específicos 6, são necessárias medidas que mitiguem o isolamento geográfico dos Açores e que permitam que os produtos cheguem a tempo e com a regularidade necessária para que seja possível assegurar o fornecimento aos exigentes mercados de valor acrescentado. A implementação dos OEO 6.2 e OEO 6.3 são a base para que o OEO 6.4 faça sentido e tenha o seu efeito na logística de distribuição.

OE7 tem como suporte as necessidades sinalizadas no OE1.

1.2. Análise e contributos sobre os Eixos Estratégicos

Medida 1 – Apoios às explorações agrícolas

Ação 1.01 – deve incluir apoios à seleção e melhoramento genético dos núcleos puros das raças de carne exóticas utilizadas na região (i.e. Aberdeen-Angus, Charolês, Limousine e Simmental), assim como da autóctone Ramo Grande em parceria com as respetivas entidades gestoras dos Livros Genealógicos, tendo em conta as nossas condições de produção e objetivos de mercado e assim se diminua a dependência da aquisição fora dos Açores.

Ação 1.06 – Deve incluir a criação/dinamização de rotulagens facultativas ao abrigo do Regulamento (CE) n.º 1760/2000 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 17 de Julho de 2000, que tenham como diferenciação a genética, o modo de produção ou tecnologia da carne.

Medida 2 – Apoios a investimentos e ações coletivas

A ação 2.01 pretende incentivar a concentração de animais com vista ao acabamento, mas deve ter em atenção que esta opção parece ser contraditória ao OEO 2.1.

Entendemos que a ação 2.02 se enquadra no objeto do Centro de Estratégia Regional para a Carne dos Açores (CERCA) potenciando o alcance da associação em toda a fileira, dotando-a de meios técnicos e humanos, assim como o OE3, 4.5 e 7, tal como as ações 3.07, 4.01 e 6.01.

A ação 2.04 dependerá muito das opções de produção e de mercado e exigirá a implementação de um sistema de classificação alternativo de classificação baseado em indicadores indiretos da qualidade organolética da carne, como alternativa à presente grelha comunitária de classificação de carcaças.

Tal como o referido anteriormente, a ação 2.05 é necessária mas implica uma alteração profunda do caderno de especificações que deu lugar à Indicação Geográfica Protegida – Carne dos Açores, pelo que devem fazer parte do OE7.

Medida 3 – Apoios a investimentos para a criação de novas empresas ou para a inovação de produto, de processo, de marketing ou organizacional nas agroindústrias existentes.

Todas as medidas são importantes para incentivar a valorização do produto e do estabelecimento de mercados.

Medida 4 – Apoios ao desenvolvimento de competências e à criação de centros de competência

Esta medida obriga ao estabelecimento de relações institucionais com centros já formados para a transferência de conhecimento e know-how (e.g. o CERCA) para que sejam criados na região centros que possuam sustentabilidade.

Medida 5 – Apoios à melhoria da logística regional

Uma medida que está ligada ao OE6 e necessita uma intervenção política de modo a alterar o status-quo.

Medida 6 – Apoios à transferência de conhecimento, ao marketing, à promoção e divulgação de produtos e tecnologias inovadoras

O Centro de Estratégia Regional para a Carne dos Açores poderá ter um papel importante em interligação com a medida 4.

2. Conclusões

O relatório final disponível para apreciação é um documento orientador numa perspetiva macro para o setor, podendo ser uma arquitetura útil, estratégica e alinhada com a nova Política Agrícola Comum e por isso servir como base para as diversas medidas do próximo Quadro Financeiro Plurianual direcionadas para o estímulo da organização e dinamização da fileira da carne bovina.

No nosso entender o Plano apresenta as potencialidades e os constrangimentos, mas não providencia uma orientação para a produção com vista a um objetivo de mercado.

Consideramos, pois, que será vantajoso articular o presente Plano Estratégico com o preconizado no documento “Estratégia da Valorização da Carne dos Açores” que foi elaborado pelo CERCA no ano de 2021, de modo a que seja possível implementar medidas a curto e médio prazo, considerando o potencial produtivo, mas igualmente na procura de mercados que valorizem as nossas condições naturais propícias à produção de carne com base na pastagem e no bem-estar animais mas que possam ser atributos paralelos a um produto com palatibilidade que satisfaça o consumidor (i.e. seja tenra, saborosa e succulenta).

LactAçores – União das Cooperativas de Lacticínios dos Açores UCRL

A administração da LACTAÇORES vem por este meio enviar a V.ª Ex.ª os seus contributos relativos ao Plano Estratégico para a Fileira da Carne de Bovinos dos Açores.

Acolhemos mais uma vez com satisfação a intenção de definir uma estratégia para a RAA no setor da carne, um setor estritamente correlacionado com o setor dos lacticínios e cuja estratégia se espera que seja não só efetiva e consequente, mas também verdadeiramente articulada entre todos os intervenientes, tal como nos restantes Planos Estratégicos.

Quanto à análise do setor, em particular a análise SWOT, julgamos que esta deva incidir apenas sobre matérias de interesse relacionadas com a carne. Damos como exemplo a menção ao Programa "Vacas Felizes".

Tal como referido no parecer relativo ao parecer Estratégico para o Setor dos Lacticínios, interrogamo-nos com que base se sustenta a seguinte afirmação: "Grande número de explorações não competitivas, ou seja, em que o preço do leite pago ao produtor está abaixo do custo de produção". De qualquer forma, esta análise não se enquadra na estratégia, pelo menos como Ponto Fraco.

Ainda neste aspeto as observações referenciadas no nosso parecer relativo ao parecer Estratégico para o Setor dos Lacticínios também aqui se aplicam.

De forma semelhante, em relação à Missão "Contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento económico dos Açores", não nos parece que esta seja a verdadeira missão visto que há muito que o setor da carne já contribui de forma União das Cooperativas de Lacticínios dos Açores UCRL decisiva para o desenvolvimento económico dos Açores, pelo menos em grande parte das ilhas, algumas delas como principal atividade agrícola.

Por último, sendo muitas das medidas e ações semelhantes ao Plano Estratégico dos Lacticínios, reiteramos as nossas sugestões.

Quinta dos Açores

Da leitura do relatório final do plano estratégico para a fileira da Carne de Bovinos dos Açores, existem alguns pontos menos esclarecidos e outros aos quais não foi dada toda a atenção necessária, nomeadamente a questão da logística da carne entre ilhas e para o continente, a qual é responsável por enviesar grande parte dos números apresentados, é limitativa na quantidade em quilos de carne desmanchada nas salas de desmancha da Região e implica perdas significativas a nível nacional pelos sucessivos incumprimentos com as janelas horárias; desconhecemos um sistema de produção misto de vacas leiteiras e aleitantes (designado no relatório como B), o que também implica que partes das análises efectuadas estão enviesadas; e por último apesar de ficar claro no relatório final que a engorda intensiva é responsável por mais de 50% da carne, tecem-se conclusões de estratégia que visam apenas a produção associada à pastagem o que é uma contradição com os dados obtidos. No entanto, existem propostas que vão ao encontro do que acreditamos ser fundamental para a definição e implementação de uma estratégia de sucesso para a carne bovina dos Açores, nomeadamente o investimento em melhoramento genético, melhorias da qualidade das pastagens e forragens, investimento em bem-estar animal, digitalização das explorações agrícolas, produção de energias renováveis, produtos de valor acrescentado, inovação das indústrias, formação, campanhas de marketing entre outras medidas apontadas.

O que discordamos na totalidade é que deva existir apenas um sistema de produção baseado em produtos de valor acrescentado, valor esse gerado pelo sistema de produção dos Açores, porque a forma como a produção se tem posicionado ao nível das engordas intensivas baseia-se num produto commodity que não pode agregar o valor do modo de produção dos Açores. Também nos parece fundamental alertar para a forma errada e prejudicial de utilização da marca Açores “certificado pela natureza”, que além de estar a ser utilizada em qualquer produto e induzir o consumidor em erro no que diz respeito ao modo de produção, está a ser utilizada em marcas brancas (ex. Lidl) e prejudica as empresas que centram a sua atividade de desmancha e corte fino na Região, no sentido que tiraram a vantagem competitiva de ser produto dos Açores.

Nesse sentido, desenvolvemos alguns dos problemas que consideramos limitativos para uma estratégia de sucesso da carne bovina e propomos algumas medidas:

1. Problema logístico entre ilhas e para o mercado nacional

As duas principais ilhas na produção de Carne dos Açores IGP, Pico e Faial não têm ligações marítimas regulares com a ilha Terceira, onde está sediada a sala de desmancha da Quinta dos

Açores (principal entidade responsável pela desmancha e comercialização da carne dos Açores IGP). Importa salientar que a ilha do Pico há mais de 2 anos que não têm qualquer ligação marítima Pico-Terceira, impossibilitando o abate de carcaças IGP naquele matadouro com destino à desmancha na sala de desmancha da Quinta dos Açores.

Esta situação além de colocar em risco todo o trabalho desenvolvido até à data com a carne certificada da região é responsável pelos baixos números de abates apresentados naquele matadouro, além do que também vai contra os objetivos atuais deste governo de incentivar cada vez mais o bem-estar animal, uma vez que a única forma de obtermos carne certificada do Pico é através do transporte de animais vivos até à ilha Terceira.

No que diz respeito ao transporte de carne para o mercado nacional também existem limitações relacionadas com alterações de planeamento na última hora, poucas ou nenhuma alternativas às alterações efetuadas, atrasos regulares e incumprimentos das janelas horárias acordadas com os clientes.

Proposta: passará por um acordo com os operadores marítimos que possa beneficiar o abate de animais nas diferentes ilhas e fornecimento às salas de desmancha com regularidade e/ou por um investimento nos TMGs que possam garantir transportes regulares entre ilhas e solucionar a questão do elevado valor das estivas relacionadas com estes navios. Ao nível da logística para o continente português, uma vez mais reforçar as entradas e saídas dos navios de forma alternada pelas ilhas com maior volume (Terceira e São Miguel) de forma a garantir a circulação pelas restantes ilhas e manter as programações agendadas.

2. Sistema de produção e produto dos Açores

Como ficou bastante claro no relatório e todos nós sabemos, existe parte de um sistema de produção nos Açores capaz de se desenvolver como produto de valor acrescentado e esse valor ser gerado pelo sistema de produção pelo qual os Açores são reconhecidos (baseado na pastagem). No entanto esse sistema tem de ser fortemente melhorado no sentido da sustentabilidade, eficiência e principalmente na qualidade do produto final. Essa melhoria está diretamente relacionada com todos os investimentos e apostas que sejam feitas em melhoramento genético, testes genómicos, inseminação artificial com sêmen sexado, seleção de reprodutores de alto mérito genético, seleção de fêmeas, melhorias de pastagens e forragens, nutrição animal, entre outros. Neste sistema de produção está a Carne dos Açores Indicação Geográfica Protegida e a Carne Ramo Grande Denominação de Origem

Protegida, que no nosso entender devem ser mantidas como produtos diferenciadores do modo de produção nos Açores e alavancar toda a fileira. Neste sistema de produção devemos manter as vacas aleitantes, é pacífico o enxerto de vitelos cruzados após o nascimento e deve ser equacionado um regime de acabamento que possa garantir mais qualidade no produto final. Também neste sistema de produção existem várias rotulagens facultativas que se regem pelas regras de produção e padrões estipulados nos respetivos cadernos.

Paralelamente a este sistema existem outros sistemas de produção, para os quais devem ser definidas estratégias e posicionamentos, (não existe necessidade/possibilidade de irmos todos no mesmo sentido), uma vez que a realidade das engordas intensivas não espelha o modo de produção reconhecido para os Açores, mas não deixa de ser um sistema eficiente, que respeita os princípios de bem-estar e garante um bom padrão de qualidade do produto final. Neste tipo de sistema também é fundamental definir rotulagens facultativas que possam espelhar as características da carne, raças, alimentação, modos de produção, tecnologias de abate e desmancha, mas que sejam esclarecedoras e não confundam os modos de produção e o consumidor final.

Proposta: de uma forma transversal, a fileira carece de organização, formação e de especialização. Os produtos fornecidos necessitam de padronização, aumento de qualidade e eficiência, quer nos produtos de valor acrescentado, como nos produtos commodity. Importante definir um grupo de trabalho com conhecimentos em todas as áreas da fileira para apoiar a produção, para apoiar a definição dos planos de ação e investir seriamente na formação e especialização de todos os intervenientes.

3. Campanhas de Marketing

É fundamental para o sucesso das estratégias que sejam efetuadas várias campanhas de marketing bem dirigidas. O consumidor quer ouvir uma história e quer conhecer a realidade do produto que consome. Terão de existir campanhas esclarecedoras e ser tomadas medidas que possam ir rapidamente ao encontro das exigências do novo consumidor, ex: bem-estar animal que é uma intenção deste governo mas para ter o efeito que se pretende é necessário tomarem várias medidas (ex. occisão nas explorações de animais acidentados com aproveitamento da carne). Também importa realçar a necessidade de irmos a ser conhecidos também em mercados diferentes do nacional e as campanhas de marketing tem de ter esse ponto em consideração.

4. Mercado

Achamos fundamental que o mercado seja diversificado e que não seja centrado apenas no mercado nacional e principalmente na grande distribuição. Existe um importante trabalho a ser feito também nos pequenos mercados, mercados gourmets e especializados e inclusivamente no mercado interno. É importante potenciar o mercado interno com ligações logísticas ou condições que permitem colocar produto fresco nas várias ilhas.

Proposta: Para fazer face aos elevados custos de consumíveis e considerando a falta de competitividade no mercado nacional no produto fresco dos Açores devido aos tempos de prateleira, parece-nos fundamental que fosse efetuado um investimento em infraestruturas e tecnologias por um agrupamento de produtores que unisse os diferentes intervenientes em que a concentração das desmanchas fossem efetuadas na Região, mas que o corte fino e os preparados de carne fossem produzidos em instalações no continente português. Além disso, devia ser feito um investimento em território nacional num espaço de venda com talho, linear e vários outros produtos dos Açores que fosse considerado de referência a nível nacional para todos os produtos dos Açores. Reforçar também a importância de formação nos produtores, talhantes e operários de desmancha e corte fino para que possam estar ao nível das exigências deste mercado, devidamente atualizados, especializados e eficientes.

Centro de Estratégia Regional para a Carne dos Açores

O Plano Estratégico para a Fileira da Carne dos Açores é apresentado para consulta pública num panorama Europeu e Nacional extraordinário considerando o aumento dos combustíveis, o aumento dos cereais e o conflito na Ucrânia e que trará consequências económicas ainda por estimar.

Para além dos desafios da diminuição da produção que aumentam a dependência externa na União Europeia, a redução do consumo que resulta do envelhecimento demográfico; da rotulagem negativa e sensacionalista do seu impacto na emissão de gases com efeito estufa e do uso dos recursos (i.e. água e solo); passando pelas questões de bem-estar animal e a relação do seu consumo com problemas de saúde (e.g. doenças cardiovasculares).

Por outro lado, verifica-se uma alteração no padrão do consumo: menos carne mas uma crescente procura pela qualidade organolética, a garantia da origem e do modo como é produzida.

Neste novo paradigma existe uma oportunidade para desenvolver uma fileira nos Açores que tem condições naturais para atender essa nova demanda.

O setor tem observado um grande desenvolvimento quer devido grau de especialização dos produtores (ex: seleção genética), a remodelação/construção de unidades de abate e de salas de desmancha, quer pelo surgimento de operadores que tem resultado numa inversão da expedição de animais vivos, pela expedição de carcaças e carne embalada, acrescendo assim valor à cadeia.

Por outro lado verifica-se que a fileira está pouco especializada, pouco organizada ou eficazmente interligada, importando estabelecer estratégias e medidas específicas para potenciar a produção, o abate a tecnologia das carcaças e da carne e procura de mercados de valorização.

A região possui uma Indicação Geográfica Protegida – Carne dos Açores que tem em conta a tradição e as condições edafoclimáticas para a produção de carne com base na pastagem e uma Denominação de Origem Protegida – Carne Ramo Grande para a raça autóctone com o mesmo nome, importa por isso avaliar de que forma podem estas proteções alavancar a fileira.

Uma vez que o Centro de Estratégia Regional para a Carne dos Açores (CERCA) foi convidado a dar o seu contributo no âmbito da consulta pública sobre o Plano Estratégico para a Fileira da Carne de Bovinos dos Açores apresentamos neste documento reflexões e sugestões.

O documento apresenta uma análise sobre a situação atual da fileira, quer regional quer por ilha, apresentando dados úteis nas estratégias a adotar no incentivo à especialização na produção, no abate e na tecnologia das carcaças e da carne, assim como da comercialização e do consumo.

O documento aponta, com pertinência, que a existência de uma proteção geográfica dos Açores para a carne (i.e. a Carne dos Açores – IGP) e a “Marca Açores” também associada aos produtos de carne bovina conflitua com a comunicação e com o mercado, situação que requer reflexão. Na análise SWOT são bem identificados os pontos fortes e fracos, assim como as oportunidades e as ameaças.

A Carne dos Açores - IGP é apontada como restritiva e que se deve proceder à alteração do caderno de especificações, ignorando que quer o agrupamento de produtores (i.e. a Federação Agrícola dos Açores) quer o CERCA já sinalizaram alterações que podem aumentar o número de produtores e o volume de abates. Contudo, o referencial do modo de produção pode ser ainda mais abrangente, sendo por isso uma prioridade na discussão das estratégias a implementar.

Concordamos que ainda é necessária investigação e utilização de tecnologia relativa à preservação e melhoria do potencial dos solos, do desenvolvimento das pastagens e forragens; quer nos sistemas de acabamento, apesar de se observarem bons exemplos de projetos que possuem um alinhamento com as especificações do mercado (i.e. peso de carcaça e estado de gordura).

De modo a potenciar a qualidade da carne e diminuir as fontes de variabilidade, entendemos que é muito importante a implementação de tecnologia ao nível das unidades de abate. De uma forma transversal a fileira carece de formação e de especialização.

Consideramos fundamental que o Plano Estratégico tenha como eixo estratégico a questão da logística que está intimamente ligada aos transportes marítimos. Assim, reforçamos que todas as medidas que potenciem a produção e a comercialização da carne podem ser inúteis, se for mantido o atual modelo de transporte marítimo, quer entre ilhas quer entre o arquipélago e o território continental, representando um dos maiores entraves ao desenvolvimento da atividade agropecuária nos Açores.

Conforme indicado nos Objetivos Específicos 6, são necessárias medidas que mitiguem o isolamento geográfico dos Açores e que permitam que os produtos cheguem a tempo e com a regularidade necessária para que seja possível assegurar o fornecimento aos exigentes mercados de valor acrescentado.

A implementação dos OEO 6.2 e OEO 6.3 são a base para que o OEO 6.4. faça sentido e tenha o seu efeito na logística de distribuição. O Plano Estratégico da Fileira apresentado refere que a disponibilidade de pastagens todo ano é uma vantagem não apenas pelo uso do recurso endógeno (i.e. na redução dos custos de produção) mas igualmente pela forte imagem que imprime na promoção dos alimentos produzidos à base de pastagem (ex: mais saudáveis e maiores níveis de bem-estar animal) junto do consumidor.

A otimização da pastagem deve passar não apenas pelo seu melhoramento, mas também na manutenção/recuperação de pastagens permanentes, assim como na redução do encabeçamento; particularmente nas ilhas de São Miguel, Terceira e Graciosa e pela segmentação de mercados (i.e. com necessidades de recria e acabamento diferentes) que vão exigir um acabamento com concentrados energéticos e proteicos mas que são direcionados para mercados de valor acrescentado.

Ao mesmo tempo é essencial criar mecanismos que permitam aos produtores acompanharem essa redução sem prejuízo da rentabilidade. Os objetivos do Plano encontram-se alinhados com a ideologia subjacente da nova Política Agrícola Comum e temos nos Açores um interessante potencial para desenhar medidas que confirmam desenvolvimento e sustentabilidade.

Entendemos que o CERCA poderá ser um polo dinamizador de muitas das estratégias, servindo, como é referido nas recomendações, que funcione como um grupo de trabalho para a análise e aprofundamento das medidas e ações propostas, assim como para apoiar a sua implementação. O CERCA encontra enquadramento nos OE 3, 4, 5, 7 e particularmente nas ações 2.02, 3.07, 4.01 e 6.01.

O relatório final disponível para apreciação é um documento orientador numa perspetiva macro para o setor, podendo ser uma arquitetura útil, estratégica e alinhada com a nova Política Agrícola Comum e por isso servir como base para as diversas medidas do próximo Quadro Financeiro Plurianual direcionadas para o estímulo da organização e dinamização da fileira da carne bovina.

Entendemos que é necessário equacionar, paralelamente à sua implementação, estratégias que possam ser implementadas a curto e médio prazo.

Para o efeito o CERCA elaborou um documento denominado por “Estratégia da Valorização da Carne dos Açores” que entendemos ser importante articular com o presente Plano Estratégico para que se definam áreas de atuação ao nível dos vários intervenientes da fileira, considerando o

potencial produtivo, mas igualmente a procura de mercados que valorizem as nossas condições naturais propícias à produção com base na pastagem e em padrões elevados de bem-estar animal como componentes que devem fazer parte da comunicação de um produto que tem obrigatoriamente de apresentar um diferencial na palatabilidade que vá ao encontro da satisfação do consumidor (i.e. que seja tenra, saborosa e succulenta).

ANEXO II – Outros contributos recebidos

Aberdeen-Angus Portugal

Na sequência do vosso pedido, abaixo apresentamos alguns contributos:

- Campanha de informação e esclarecimento nas redes sociais para sensibilização do público jovem, face à crescente onda contra a produção de carne e pecuária;*
- Campanha informada nas redes sociais para sensibilização do público jovem, quanto aos modos de produção de bovinos, bem estar animal e sustentabilidade ambiental;*
- Medidas de sustentabilidade ambiental com recurso a energias renováveis para redução de despesas fixas (água, eletricidade, combustível) com vista ao aumento da rentabilidade empresarial líquida dos produtores e redução da pegada ecológica nas explorações;*
- Transportes marítimos disponíveis e com rotas ajustadas às necessidades de escoamento de cada ilha.*

Associação Agrícola de Santa Maria

Por motivos de ausência da ilha, não nos foi possível enviar contributos para o Plano Estratégico para a Fileira da Carne de Bovinos dos Açores dentro do prazo estipulado, o que se faz agora, mesmo correndo o risco de não serem já contemplados.

Tendo tido conhecimento dos contributos da FAA da CERCA e do Núcleo de Criadores de Bovinos de Carne da Ilha Terceira, somos a subscrever os contributos apresentados, sendo que gostaríamos, correndo o risco de ser repetitivos em relação às propostas apresentadas, de referir o seguinte:

- Um dos factores de desvalorização do todo de uma carcaça, prende-se com o valor de mercado das peças de 2ª e 3ª, uma vez que as peças nobres estão, à partida todas vendidas e a preços aceitáveis, pelo que há que encontrar uma Estratégia Regional de valorização das peças de menor valor comercial, eventualmente através de uma unidade de transformação centralizada, que efetue essa transformação de forma direta, através da aquisição da carne aos produtores, ou, preste serviços de transformação às associadas dessa mesma unidade. A proliferação de unidades de transformação por todas as ilhas terá custos elevados, que em ilhas mais pequenas dificilmente poderão ser rentabilizados, ficando sempre à mercê dos "humores" do mercado.*
- Fator fundamental para a uniformidade das carcaças e da qualidade da carne, prende-se com a necessidade de uma fase final de acabamento dos bovinos a abater, pelo que deve ser considerado estratégico a existência de unidades de acabamento e engorda, apoiando-se os projetos nesta área que vierem a surgir, muito em particular em ilhas mais pequenas, potenciando-se assim os abates locais e diminuindo-se custos com transporte de animais vivos e eliminação de questões relacionadas com o bem estar animal.*
- Considerar estratégico o reforço da investigação na área da carne, desde a produção à transformação e qualidade.*
- Ao nível dos apoios, para além do já referido noutros contributos, deverá considerar-se um reforço dos apoios ao abate das fêmeas bovinas, não paridas, de raças de carne ou seu cruzamento, que entrem no mercado da carne, abatidas como Vitela, Vitelão ou Novilha. Deve ainda considerar-se apoios de acordo com a qualidade, premiando os melhores animais, a nível de conformação e gordura. Finalmente considerar o apoio aos produtores de carne IGP, nomeadamente pagando a majoração do abate, independentemente de posteriormente estes serem comercializados ou não*

como tal, uma vez que o produtor criou os animais nas condições exigidas pelo caderno de encargos, não sendo responsável pela fase de comercialização.

- Na Sanidade Animal, deverá ser reforçado e apoiado o plano de erradicação de doenças da produção, como o BVD/IBR e outras, de forma a que a Região atinja o estatuto de oficialmente indemne as estas o mais rápido possível.